



Última actualización:
7 de febrero de 2019

Relación

de mesas temáticas

aceptadas

por el Comité Científico

2° CONGRESO IBEROAMERICANO DE HISTORIA URBANA

Procesos históricos que explican la ciudad iberoamericana

Ciudad de México, 25 al 29 de noviembre 2019

Relación de mesas temáticas aceptadas por el Comité Científico

- 1 A cidade como narrativa: figurações urbanas e espaço literário na América Latina na segunda metade do século XX**
- 2 A paisagem transformadora na cidade latino-americana**
- 3 Antiguos *axes mundi* prehispánicos, nuevas topografías urbanas virreinales: Ciudad de México y el Cusco en el devenir del siglo XVI**
- 4 Barrios obreros formales e informales en la ciudad iberoamericana, del pleno empleo a la sociedad posindustrial**
- 5 Cartografía urbana y memoria**
- 6 Ciudad y policía en Iberoamérica borbónica. Historias, historiografías y debates**
- 7 Ciudades contemporáneas: deudas y desafíos presentes y futuros**
- 8 Ciudades disruptivas en el siglo XX**
- 9 Ciudades iberoamericanas de los siglos XIX y XX: miradas revisionistas**
- 10 Del espacio tradicional compacto al disperso metropolitano. La historia urbana como un proceso histórico de descomposición-desagregación socio-espacial**
- 11 Desde as margens: cidade, urbanismo e práticas profissionais na América Latina**

- 12 Dinámicas urbanas de la sociedad de masas (1900-1950): ocio, turismo y espacios sociales**
- 13 Dispositivos e instrumentos para la gestión de desastres en la historia urbana iberoamericana. Siglos XVI a XX**
- 14 Do consultório ao grande hospital geral, as escalas urbanas da arquitetura para a saúde em América Latina**
- 15 El futuro de la metrópolis en Iberoamérica 1920-1960: planificación urbana y prefiguración arquitectónica, entre el plan y el proyecto**
- 16 Estado, agentes y prácticas en el Urbanismo iberoamericano del siglo XX**
- 17 Experiências de modernidade em três escalas: bairros, ruas e casas**
- 18 Formalização, transmissão e tradução dos saberes da cidade na América Latina**
- 19 Gobierno de las ciudades y regulación del espacio público, de principios del siglo XVIII a mediados del XX**
- 20 Imaginación e invención de la vida urbana: orden espacial y religión en Iberoamérica. Emergencias, legados y recepciones**
- 21 Infraestructura, transporte y sociedad. Chile urbano en el siglo XX**
- 22 La forma de la ciudad moderna. Debates iberoamericanos 1930-1970**
- 23 La forma urbana popular como proceso constitutivo de la historia de las ciudades latinoamericanas**
- 24 La interpretación del parque urbano en el siglo XX**

- 25 La modernización de la ciudad latinoamericana: construcción de espacios y lugares de consumo entre los siglos XIX y XX**
- 26 La vida urbana moderna entre la representación y la experiencia. Bogotá, Buenos Aires, Lima, México y Santiago de Chile en el siglo XX**
- 27 Las ciencias sociales, la política pública y el ‘problema’ de la ciudad latinoamericana (1940s-1990s)**
- 28 Las ciudades de la América española como escenarios económicos y sociales de los descendientes de africanos, esclavos y libres. Siglos XVII-XIX**
- 29 Las fronteras de la ciudad: expansión, periferias y representaciones gráficas en la metropolización de las ciudades de América Latina**
- 30 Las infraestructuras y el equipamiento urbano. Medios de construcción de desigualdad territorial**
- 31 Los bordes de aguas en la ciudad iberoamericana: oportunidades y desafíos de planeamiento urbano**
- 32 Los paisajes que no vemos. Cuestionando la dicotomía ciudad-naturaleza**
- 33 Magallanes 2020, “Territorio sin Fronteras”: historia, patrimonio y cultura urbana en el estrecho del fin del mundo.**
- 34 Mapeando representações de metrópoles ibero-americanas –da historiografia às imagens digitais: por uma nova “narrativa”. São Paulo e Buenos Aires.**
- 35 Memoria histórica y patrimonio urbano en Iberoamérica: entre homeostasis y dilución**

- 36 Memória, curadoria e política: expressões culturais e a ocupação de espaços públicos através da arte**
- 37 Modernidad anhelada: intereses extranjeros, aspiraciones locales**
- 38 Modernización urbana en América Latina: entre paseos y pasajes**
- 39 Narrativas del Nuevo Urbanismo en Iberoamérica: una aproximación multidisciplinaria**
- 40 Nebulosas do pensamento urbanístico: modos de pensar e fazer**
- 41 Paisajes y ciudades latinoamericanas. Lecturas alternas del ideal moderno y modernizador**
- 42 Pasado y futuro de los mercados de abasto en América Latina**
- 43 Patrimonio y transformaciones urbanas en centros históricos de Iberoamérica**
- 44 Pensar por imagens: o livro e as imagens na história urbana**
- 45 Perspectivas materialistas sobre el urbanismo iberoamericano temprano**
- 46 Planejamento e desenvolvimento metropolitano em tempos de (e apesar do) autoritarismo: rupturas e permanências**
- 47 Planejamento e politica nas cidades latino americanas**
- 48 Planes, programas, proyectos y propuestas para ciudades enfermas de modernidad**
- 49 Puertos, espacios urbanos, paisajes y articulaciones territoriales**
- 50 ¿Qué fue de la vivienda social?**

- 51 Recuperar la metrópoli iberoamericana: la memoria del tejido urbano**
- 52 Regeneración urbana y procesos participativos en Iberoamérica: perspectiva histórica de la modernidad y contradicciones en el urbanismo construido**
- 53 Representaciones del urbanismo en las muestras bienales iberoamericanas**
- 54 Re-significación de los espacios públicos en los procesos de renovación urbana en las ciudades de Iberoamérica**
- 55 Revistas de urbanismo: entre local e transnacional (1900-1960)**
- 56 Rompiendo fronteras coloniales: hasta una historiografía urbana plurinacional**
- 57 Suburbio y arquitectura moderna**
- 58 Técnicas y estrategias de poder y contrapoder en ámbitos urbanos**
- 59 Uma História da Cultura Técnica Urbana em Perspectiva Transnacional**
- 60 Urbanização e conexões macro territoriais em perspectiva americana e global**
- 61 Urbano, suburbano e periurbano: paisagens e outros patrimônios culturais**
- 62 Utopías urbanas en las Provincias Internas y el norte mexicano**
- 63 Vivências urbanas: narrativas de encontros e desencontros na cidade**

MESA 1

A cidade como narrativa: figurações urbanas e espaço literário na América Latina na segunda metade do século XX

Resumen

Nota-se nas últimas décadas um interesse renovado pelas possíveis conexões entre cidade, história e literatura. O modo como as cidades se dão a conhecer incorporam dimensões de espaço e tempo condensadas em narrativas e discursos de diferentes tipos. Contudo, os rendimentos de tal ligação continuam sendo em grande medida um desafio. Se a literatura pode se apresentar como discurso ao mesmo tempo ancorado no presente da escrita e apto a derivar para outros contextos a cada nova leitura, o compromisso da história, ao menos em certa acepção corrente, estaria em atribuir um sentido ao passado, delineando ferramentas de compreensão do presente e de orientação para o futuro. De um lado, uma temporalidade de dupla mão, de outro, um esforço para reconstituir uma coerência, seja linear, seja complexa, à cronologia. A história urbana –cujo objeto afinal são as cidades– estaria nessa encruzilhada?

Não há como não reconhecer que a incorporação de gêneros literários e expressões não especializadas ao acervo de fontes tradicionais da história urbana, além de ampliar o catálogo documental mobilizado, tem contribuído para a consolidação de um subcampo, o da história cultural urbana, cuja perspectiva analítica vem modificando os modos de compreensão dos artefatos urbanos. Reconhecendo as cidades como uma realidade complexa e dinâmica que permite múltiplas apreensões, defende-se aqui que elas ganham em inteligibilidade quando consideradas nas suas variadas dimensões: como artefato material, como campo de forças, e também como imagens e representações. Ao pensarmos desde outros pontos de vista, a partir de campos disciplinares diversos, as cidades poderiam ser elas mesmas lidas como narrativas, propiciando renovados modos de compreensão.

É nesse sentido que a mesa “A cidade como narrativa: figurações urbanas e espaço literário na América Latina na segunda metade do século XX” se propõe a refletir sobre as relações entre cidade, literatura e história, ou, em outras palavras, entre cultura material, cultura urbana e história da cultura, para explorar as potencialidades de se colocar distintas esferas em relação, a partir dos vários campos disciplinares que possam se interessar pela história das cidades: a arquitetura e urbanismo, a história cultural, a crítica literária, a antropologia, entre outros.

Busca-se aqui analisar e desvendar formas discursivas do espaço urbano latino-americano, concentrando-se no período que se inicia no segundo pós-Guerra. Esse é um período, como se sabe, em que ocorre a aceleração dos processos de urbanização do subcontinente, quando é possível flagrar distintas formas de narrar a cidade latino-americana, seja nos discursos especializados, seja nos ficcionais, imagéticos etc. Identificando apropriações, resistências e conflitos que essas narrativas condensam, sintetizam ou rebatem, pretende-se contribuir para a ampliação dos sentidos da cidade latino-americana como figuração e como experiência. Privilegiam-se trabalhos que encarem o desafio de pensar as relações entre cidade, história e literatura buscando também contribuir do ponto de vista teórico-metodológico para o avanço das discussões.

Coordinador(es)

Ana Claudia Veiga de Castro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP)/
Grupo de Pesquisa Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina (CNPQ)
anacvcastro@usp.br

Michel Riaudel
UFR Études ibériques et latino-américaines (Sorbonne Université)/Centre de
Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains (CRIMIC)
miriaudel@gmail.com

Ponencias

Narrativas da cidade latino-americana segunda metade do século 20: entre a modernização e a precariedade
Ana Cláudia Veiga de Castro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

A obra de Milton Hatoum e as cidades
Michel Riaudel
UFR Études ibériques et latino-américaines (Sorbonne Université) / Centre de
Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains (CRIMIC)

Fronteiras da literatura, cidades de fronteira: uma leitura de Noite dentro da noite,
de Joca Reiners Terron
Cristianne Checchia
Universidade da Integração Latino-americana (UNILA)

Cidades-memória: os Recifes de Gilberto Freyre e Francisco de Oliveira
Fernanda Peixoto
Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo

MESA 2

A paisagem transformadora na cidade latino-americana

Resumen

Esta mesa propõe como tema central uma leitura histórica das transformações da cidade latino-americana tendo a paisagem como ponto de partida. Esta paisagem, entendida aqui a partir da complexa dinâmica de inter-relações entre os sistemas da natureza e os sistemas da cultura, é uma das chaves conceituais para a compreensão dos processos históricos que explicam as cidades na América Latina. Vários estudos reconhecem as excepcionalidades, potências e fragilidades da paisagem latino-americana, assim como a importância de considerá-la um direito inalienável a todos os seus habitantes. A extensão geográfica da América Latina traz uma pluralidade de paisagens que aponta mais para diferenças do que para similaridades. Nesta diversidade situa-se a riqueza e a relevância do debate sobre papel destas paisagens na construção das principais questões que esta mesa pretende abordar, tais como:

(a) A paisagem cultural e ecológica

A fragmentação e a transformação da paisagem na América Latina tem sido acentuada nas últimas décadas devido à expansão urbana, políticas econômicas e extrativistas, entre outros fatores. Como melhor compreender os processos históricos de transformação da paisagem das cidades latino-americanas? Como incluir uma abordagem mais inclusiva, contemplando uma nova relação entre humanidade e natureza?

(b) Problemas ambientais, de desigualdade e de justiça ambiental.

Em muitas regiões urbanas da América Latina ainda existe falta de cobertura de serviços básicos como saneamento, água potável ou coleta e tratamento do lixo. Historicamente as populações mais pobres tem sido as mais afetadas por problemas ambientais, reforçando a necessidade da defesa e implementação de políticas e justiça igualitária. Quais as alternativas para melhores sistemas de paisagens e gerenciamento dos recursos naturais?

(c) Mudanças climáticas e outras incertezas futuras

Os fenômenos ligados à globalização e mudanças climáticas são interligados espacialmente e afetam uns aos outros economicamente, socialmente e politicamente. Um dos desafios contemporâneos é o de entender os riscos através do conhecimento perante as incertezas do futuro. Quais as especificidades dos desafios que as cidades latino-americanas enfrentam em relação às incertezas das

mudanças climáticas? Como uma melhor compreensão histórica e emergente das relações entre natureza, paisagem e cidade contribui para esta questão?

(c) Resistência da paisagem no meio urbano

Os processos de urbanização/metropolização latino-americanos têm se caracterizado pela destruição de valores paisagísticos preexistentes e pela incapacidade de criação de novos valores. Tendem a negar, no urbano, a manifestação sensível das relações entre natureza e cultura, esvaziando-as de sentido. Nessas condições, caberia indagar a respeito da sobrevivência, da persistência e das formas de resistência da paisagem nas cidades latino-americanas, seja pela apropriação (mesmo que residual) que se faz dela, seja por meio de movimentos (organizados ou espontâneos) que a reivindicam, seja pelo fazer artístico-poético que busca afirmá-la.

(d) Escalas de projeto

Sabemos hoje que os problemas urbanos não devem ser resolvidos abordando apenas recortes locais, desconsiderando fluxos e transformações que ocorrem nas escalas superiores. Uma melhor compreensão histórica e leituras prospectivas das dinâmicas dos sistemas da natureza pode trazer novas estratégias para projetos interdisciplinares e colaborativos às escalas urbana, metropolitana e regional.

Coordinador(es)

Lucia Maria Sa A. Costa
PROURB FAU Universidade Federal do Rio de Janeiro
lucialice@gmail.com

Vladimir Bartalini
PGAU FAU Universidade de São Paulo
bartalini@usp.br

Ponencias

Mudanças climáticas na América Latina: relações cidade-natureza e o desenho da paisagem numa perspectiva histórica

Ricardo da Cruz e Sousa
PROURB FAU Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Contexto histórico del modelo de Campus universitario en el paisaje urbano

Carla Urbina
Universidad del Zulia, Venezuela

Da resistência à potência: paisagens baldias no caso da cidade de São Paulo

Arthur Simões Caetano Cabral

FAU Universidade de São Paulo, Brasil

Ciudad y naturaleza ó Naturaleza y ciudad

Gloria Aponte

Universidad Pontificia Bolivariana, Colômbia

Monumentos, vestígios e resistência: a experiência paisagística no interior da metrópole

Roberto Rüsche

FAU Universidade de São Paulo, Brasil

MESA 3

Antiguos axes mundi prehispánicos, nuevas topografías urbanas virreinales: Ciudad de México y el Cusco en el devenir del siglo XVI

Resumen

Esta propuesta de mesa temática está enfocada al diálogo y estudio comparativo en torno al uso de los espacios religiosos y civiles públicos de la Ciudad de México y el Cusco, dos contextos urbanos sumamente significativos para comprender las transformaciones sufridas por las ciudades hispanoamericanas a lo largo del siglo XVI. Con base en una metodología multidisciplinaria, misma que conjuga los aportes de disciplinas distintas como la historia, la arqueología y la cartografía, la finalidad de esta mesa temática es proponer el análisis pormenorizado de fenómenos llamativos complejos de la dimensión urbana, tanto prehispánica como virreinal. Se estudiarán aspectos como el uso religioso, ritual y cívico de los espacios públicos, su significado en la trama de la ciudad, así como las relaciones entre el centro de la urbe, sus barrios y su periferia. Se estudiará cómo la realización de eventos religiosos y festivos determinados se veía reflejada en el uso del tejido urbano y sus implicaciones simbólicas. Otro elemento del análisis estará representado por el examen de las identidades étnicas y colectivas involucradas en el uso de los espacios, ya que tanto en la época prehispánica como en la etapa temprana de la post-Conquista ambas ciudades fueron un verdadero crisol de grupos pertenecientes a culturas distintas que convivían en un mismo sitio. El medio ambiente y su influencia en el aprovechamiento de los lugares y sus características –como la dimensión acuática y lacustre de Tenochtitlan, o los pisos ecológicos que circunvalaban al Cusco–, tan importante en la construcción identitaria de cualquier ciudad, representará otro eje de investigación de esta mesa temática. Por fin, será de suma importancia analizar las transformaciones que caracterizaron las dos urbes a lo largo del siglo XVI, así como los cambios significativos en el manejo de los lugares y en los mismos usos de los espacios religiosos y cívicos.

Coordinador(es)

Elena Mazzetto
Université libre de Bruxelles (Bélgica)
elena.mazzetto@yahoo.it

Rosend Rovira Morgado
Universidad Autónoma de Madrid-Universitat de Girona-Institut de Cultures
Americanes Antigues (España)
rroviramorgado@hotmail.com

Ponencias

El Valle del Cusco: del espacio sagrado de los Inkas a la formación de las
parroquias cusqueñas
Donato Amado González
Parque Arqueológico Nacional de Machupicchu-DDC Cusco, Perú

Espacios vinculados a lo femenino en el urbanismo incaico del Cusco
Ariadna Baulenas i Pubill
Institut de Cultures Americanes Antigues, España

La relación entre *tlaxilacalli* (barrios) y recinto ceremonial en México-
Tenochtitlan: estructura espacial y acontecimientos rituales
Elena Mazzetto
Université libre de Bruxelles (Bélgica)

Las escuelas artísticas en Ciudad de México y el Cusco: arte indígena novohispano
y estilo mestizo andino. Una comparación necesaria
José Luis Pérez Flores
Universidad Autónoma de San Luis Potosí, México

Órdenes regulares: articuladoras del nuevo espacio urbano en la Ciudad de México
Jessica Ramírez Méndez
Coordinación Nacional de Monumentos Históricos-INAH, México

MESA 4

Barrios obreros formales e informales en la ciudad iberoamericana, del pleno empleo a la sociedad posindustrial

Resumen

Durante las tres décadas que siguieron al fin de la Segunda Guerra Mundial, en aquellas regiones donde se implementaron políticas tendientes a garantizar el pleno empleo, los grandes centros urbanos se transformaron radicalmente ante la irrupción de numerosos barrios obreros. En las ciudades iberoamericanas, los procesos mencionados asumieron características singulares, dando origen tanto a barrios formales (planificados) como informales, cuyos habitantes estuvieron, de manera general, plenamente integrados al mercado de trabajo. En estos barrios obreros, las identidades y las experiencias colectivas nacidas en ámbitos laborales se vieron reforzadas, muchas veces, por sólidos lazos de vecindad.

Esta mesa se propone constituir un espacio para la discusión conjunta sobre los barrios obreros formales e informales en las ciudades iberoamericanas, considerando tanto las especificidades que los distinguen, como sus características comunes. Al mismo tiempo, busca indagar cuáles fueron las principales transformaciones operadas sobre los barrios habitados mayoritariamente por trabajadores cuando posteriormente, en el marco de la difusión de políticas neoliberales, los niveles de desempleo se incrementaron en una escala inédita. Todo esto se expresó, muchas veces, en un debilitamiento de las redes de solidaridad vigentes en los barrios, junto con la profundización de problemas vinculados con el desplazamiento de los primitivos moradores y su sustitución por sectores medios y medio altos, en algunos casos, o la difusión del clientelismo, la violencia y las adicciones, en otros.

En relación con todo lo anterior, esta mesa constituye un espacio para la presentación de Ponencias que aborden la historia de los barrios obreros formales e informales en la ciudad iberoamericana, sus perspectivas teóricas y problemas metodológicos. Son bienvenidas las contribuciones que aborden el análisis de barrios planificados o informales, enfocados individualmente, o como experiencia de caso y también aquellas lecturas de conjunto, así como los enfoques comparados.

De manera indicativa, aunque no exhaustiva, se proponen como referencia los siguientes ejes:

- Eje cultural: ¿Qué representaciones artísticas abordaron estos barrios durante el período indagado? Y, por otra parte, ¿cuáles fueron los cambios operados sobre el universo simbólico de sus habitantes? ¿cómo se modificaron históricamente sus modos de concebir el mundo y sus creencias religiosas?

- Eje social/político: ¿Qué especificidades asumió la forma de organización interna de cada barrio?, ¿cuáles fueron las modalidades dominantes del diálogo/confrontación con agentes del Estado? En relación con lo anterior ¿es posible trazar paralelismos con la historia del movimiento obrero? ¿Qué políticas urbanas fueron aplicadas, cuáles fueron sus objetivos y cuáles sus resultados?

- Eje espacial: ¿Qué características físicas distinguieron, en cada etapa histórica, a los barrios indagados?, ¿qué nos dicen las cartografías y las imágenes de época sobre las condiciones de vida de sus habitantes? Y, finalmente, ¿qué herramientas teóricas y epistemológicas permiten reconstruir gráficamente la evolución territorial de los procesos urbanos indagados?

Coordinador(es)

Rosa Aboy
CEIHVAL- FADU- UBA
rosaboy@gmail.com

Valeria Snitcofsky
Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas
valesnit@hotmail.com

Ponencias

Pensar, cartografiar, censar y encuestar. Teorías, categorías, datos y diagnósticos sobre la marginalidad en Rosario (1956-1969)

Diego Roldán
CECUR-UNR-CONICET

“Cantegriles” montevideanos: memoria, territorialización de la pobreza y discriminación (1946-1973)

María José Bolaña

Facultad de Humanidades y Ciencias de la educación; Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República

A autoconstrução da casa própria em loteamentos periféricos em São Paulo: modo de vida e organização popular (1940-1970)

Nabil Bonduki

Professor Titular da Planejamento Urbano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Fulbright Visiting Scholar na Universidade da Califórnia, Berkeley.

Urbanização e lutas sociais no Itaim Paulista: elementos para uma história urbana da cidade informal

Ana Paula Koury

Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo Universidade São Judas Tadeu-Centro de Pesquisa

Hacia nuevas herramientas para el estudio de la vivienda desde el territorio

María Violeta Nuviala, Ramón Ferrer, Lucila Nahir Salvo

Centro de Investigaciones de Historia de la Vivienda en América Latina (CEIHVAL), Instituto de la Espacialidad Humana (IEH)-Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo-Universidad de Buenos Aires.

MESA 5

Cartografía urbana y memoria

Resumen

Esta mesa está dedicada al estudio de la cartografía urbana y su relación con los espacios y las prácticas de memoria en la ciudad. La propuesta radica en la amplificación crítica de los “lugares de memoria” del historiador Pierre Nora con el objetivo de registrar una pluralidad de pasados inscritos y no dichos en el espacio urbano. De tal modo, la temática de esta mesa explora el mapa como fuente para la historia urbana, al igual que como modelo para el itinerario material de la memoria en el espacio urbano, así como los procesos de modernización y nuevas miradas desde un punto alto de la ciudad. Investiga los archivos de cartografía urbana como posibles activadores de memoria colectiva. Asimismo, indaga sobre el uso de la cartografía en la investigación de la memoria ambiental de la ciudad.

Coordinador(es)

Héctor Mendoza Vargas
Instituto de Geografía-UNAM
hvargas@unam.mx

María Esther Sánchez Martínez
División de Ciencias y Artes para el Diseño Área de Estudios Urbanos Universidad
Autónoma Metropolitana – Unidad Azcapotzalco
mesm@correo.azc.uam.mx

Ponencias

La cartografía urbana en los archivos de la Ciudad de México
Héctor Mendoza Vargas
Instituto de Geografía-UNAM

Caminatas por la ciudad: para una epistemología histórica del espacio
Gabriel Poot
Universidad Iberoamericana-Departamento de Historia

El Plano Oficial de la Ciudad de México, 1891: historia y tensiones de un mapa urbano

María Esther Sánchez Martínez

Universidad Autónoma Metropolitana-Unidad Azcapotzalco

Santiago de Chile en 1850 visto por un astrónomo

Germán Hidalgo

Pontificia Universidad Católica de Chile

El lago de Texcoco: estética cartográfica y memoria ambiental

Omar Olivares Sandoval

Facultad de Filosofía y Letras-UNAM

MESA 6

Ciudad y policía en Iberoamérica borbónica. Historias, historiografías y debates

Resumen

La mesa tiene por objetivo discutir los diversos modos en que se trató de implantar la ciencia de policía en Iberoamérica durante el periodo borbónico (segunda mitad del siglo XVIII-inicios del siglo XIX). Si bien ya existen diversos trabajos al respecto, el objetivo principal es contribuir a una perspectiva comparada y conectada entre las diversas experiencias que se desarrollaron en las ciudades de Iberoamérica, e identificar particularidades y generalidades, esto es, para caracterizar los casos en sí y la potencial identificación de un sistema de policía a nivel continental, incluyendo la comparación con el modelo peninsular, en la medida de lo posible. Entre otros resultados, nos permitirá avanzar hacia una cronología fina y razonada de las transformaciones vinculadas a la policía urbana. Con tal fin se considerarán especialmente adecuadas las presentaciones que contengan elementos comparativos, en particular una detallada consideración del espacio urbano como ámbito de la implementación, de los reglamentos y los planos asociados a esas reformas, así como los instrumentos y herramientas para el gobierno urbano, tales como la estadística, padrones de población y las características de cartografía elaborada y una discusión acerca de los modos en que la policía fue aplicada concretamente y las reacciones que suscitó entre la población y/o las autoridades locales. Asimismo, se sugiere incluir una reflexión sobre los orígenes de la doctrina de policía puesta en marcha en el mundo ibérico. Asimismo, nos interesa relacionar los avances empíricos con las diversas perspectivas que vienen tratando la cuestión de la policía del siglo XVIII, desde la historia administrativa y del derecho, los enfoques de raíz foucaultiana que ponen el acento en los dispositivos de control social en el periodo, los estudios de formación del estado moderno, hasta las consideraciones específicamente edilicias y urbanísticas.

Adicionalmente, buscamos responder varias preguntas: ¿Se trató de una aplicación sistemática?, ¿cuáles fueron los elementos básicos de las reformas asociadas a la ciencia de policía, se trató sobre todo de reglamentos o también de intervenciones concretas en el tejido urbano y/o en las edificaciones?, ¿cómo se produjo la implementación de la ciencia de policía, p.e. fue aplicada primero en las grandes ciudades coloniales y luego en las menores?, ¿cuáles fueron (si las hubo) las relaciones entre ciencia de policía e intervenciones de saneamiento urbano?, ¿hubo espacios de prueba o en los que las reformas se adelantaron por circunstancias especiales (como sucedió con los cementerios extramuros o los movimientos

demográficos indeseados)? Más ampliamente ¿qué papel desempeñó la ciencia de policía en las reformas borbónicas? Finalmente, parte importante de aquello que en el siglo XVIII se reunió bajo la formulación tratadística y las prácticas de gobierno policial, se trasladó y resignificó en las administraciones estatales de las ciudades que se modernizaban durante el siglo XIX y ¿cómo perduraron o fueron retomadas por administraciones posteriores las propuestas borbónicas de policía?

Coordinador(es)

Graciela Favelukes
Universidad de Buenos Aires
grafave@yahoo.com.ar

Gabriel Ramón
Pontificia Universidad Católica del Perú
glramon@pucp.edu.pe

Ponencias

Las ciudades desde los saberes policiales borbónicos: temas, problemas e interrogantes

Graciela Favelukes
CONICET, IAA-UBA, Argentina

“La ciencia de la policía” y el gobierno urbano: una perspectiva comparada, Madrid y la ciudad de México, 1750-1820

Hira de Gortati
Instituto de Investigaciones Sociales-UNAM

Sobre las políticas del ocio y sus espacios. Prácticas y discursos sobre la danza y el cuerpo desde los reglamentos policiales en el Buenos Aires tardío colonial

Bettina Sidy
CONICET, IDAES-UNSAM, FFyL-UBA

División urbana, representación cartográfica y ciencia de policía en Lima borbónica

Gabriel Ramón
PUCP, Lima

MESA 7

Ciudades contemporáneas: deudas y desafíos presentes y futuros

Resumen

Esta mesa se propone indagar sobre los procesos de transformación de las ciudades contemporáneas de Iberoamérica, intentando construir una historia reciente que explique dichas transformaciones con la introducción de variables de lectura que hasta la conceptualización de la Globalización como proceso, no habíamos indagado.

Podemos considerar que dicho proceso ya lleva 30 años y ha dejado señas en nuestras ciudades y territorios, con densidad y perspectiva histórica para poder hacer lecturas críticas que nos permitan entender las buenas y malas prácticas. “La globalización hoy a cambiado nuestra manera de percibir el espacio, su forma concreta y real, y nos ha inmerso en un mundo imaginario, que nos convierte en fabricantes de simulaciones, donde la ciudad descripta no es la real, o por lo menos no la totalidad.

En este contexto la globalización demuestra la necesidad de construir la ciudad a su imagen y semejanza, para ser visible, sin ser solamente una construcción de homologación a nivel virtual, sino de crear en el imaginario y en el estrato real de las ciudades, su imagen. La generación de FRAGMENTOS globales en la construcción de la ciudad, generan a su vez áreas consideradas RESIDUOS, no en términos de espacios vacíos sino de espacios considerados basura.

A partir de las reflexiones de Bahuman sobre la generación de “vidas descartables” podemos parangonar el fragmento global como un producto de la ciudad el cual genera al mismo tiempo residuos. Residuos que en realidad son fragmentos de ciudad degradada, contenedor de estratos de población que el sistema global considera vidas de descarte. Este problema que viene provocado a nivel global no encuentra en esta última la solución, es la ciudad en el local la que debe afrontar esta situación”.

Globalización, ciudad real, localización, arquitectura, urbanismo, ciudad, son las palabras claves que guían esta reflexión que acompañadas por variables de lectura como inclusión, género, ética, estética, participación, cultura, equidad, accesibilidad y tantas otras, nos pueden guiar a descubrir y delinear tácticas y estrategias que nos permitan no solo estudiar sino proponer guías proyectuales para el mejor desarrollo de nuestras ciudades.

Coordinador(es)

Andrea Tapia
Universidad Nacional de Río Negro, Argentina
matapia@unrn.edu.ar

Iván Cartes,
Universidad de Bío Bío, Chile
i.cartes.s@gmail.com

Ponencias

La construcción del evento, como detonante del desarrollo urban contemporáneo.
Evento y globalización en Iberoamérica
Maria Andrea Tapia
Universidad Nacional de Río Negro, Argentina

Planeamiento y gestión territorial de pequeñas ciudades argentinas
Jose Luis Basualdo
Lincoln Institute of Land Policy, Programa para América Latina y el Caribe

Cambio global climático, desastres naturales y resiliencia urbana
Ivan Cartes
Universidad de Bío Bío, Chile

El río Negro y los procesos de transformación territorial. Espacio costero. Nuevos
Usos. Formas de habitar.
Omar Reggiani
Universidad Nacional de Río Negro, Argentina

MESA 8

Ciudades disruptivas en el siglo XX

Resumen

¿Cómo entender la relación contemporánea entre ciudad y naturaleza? La pregunta que guía esta mesa incluye una serie de trabajos que versan sobre diferentes aspectos de esta relación, así como sobre los mismos términos de “ciudad” y “naturaleza”, con un énfasis espacial. En la mesa se presentarán trabajos que se enfocan en los problemas institucionales y discursivos que circunscriben una acción estatal efectiva para enfrentar la contaminación del medio ambiente urbano, junto con trabajos que se centran en la importancia del uso de conocimientos de expertos en conflictos sobre el control de recursos. Asimismo, la mesa contiene discusiones que acentúan la forma discursiva en la cual se puede percibir y dirigir problemas ambientales. Con ello, la mesa propuesta busca analizar diversos procesos de lectura, apropiación y formación de los espacios, donde el conflicto y las desigualdades emergen, con objetivo de contribuir a identificar realidades complejas. En este sentido, las ponencias propuestas brindan explicaciones y esbozan posibles caminos a los conflictos, al mismo tiempo que presentan diversos casos que abren un espacio teórico para un diálogo sobre el tema central de la mesa. Son bienvenidos trabajos dedicados al análisis de los siguientes temas:

- Desastres urbano-ambientales y paradigmas científicos
- Espacios urbanos y espacios rurales
- Discursos del orden e infraestructura en la ciudad
- Alteridades: marginalidad social y ambiental

Coordinador(es)

Natalia Verónica Soto Coloballes
Programa Universitario de Estudios sobre la Ciudad, UNA
veronica.coloballes@gmail.com

Martin Larson
Departamento de Investigaciones Educativas, Cinvestav
martin.jesper@gmail.com

Ponencias

¿Una ciudad bajo un sepulcro de relaves? Contaminación ambiental y relegación urbana: el caso de Chañaral, Chile (1938-1990)

Pablo González Castillo

Pontificia Universidad Católica de Chile

Dilemas actuales de la conservación ambiental gubernamental: El caso del bosque y el pastizal de Milpa Alta

Manuel Manzano Delgado

Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, México

La naturaleza en la ciudad: relatos escritos sobre la migración de la mariposa monarca

Roberto Méndez-Arreola

DIE, Cinvestav

Miradas divergente en el cuidado de los humedales sancristobalenses

Mariel Cameras Myers

Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social-Occidente

MESA 9

Ciudades iberoamericanas de los siglos XIX y XX: miradas revisionistas

Resumen

Las ciudades iberoamericanas son el resultado de procesos históricos complejos en los que diferentes dinámicas de tipo social, económico, político y cultural confluyen, dando de este modo origen a un determinado espacio urbano que se modifica con el paso del tiempo. Hay que recalcar que este espacio no es un sujeto pasivo de la ecuación sino que continuamente está permeando dichas dinámicas, ocasionando así un movimiento de doble vía que es necesario analizar si se quiere comprender holísticamente el desarrollo de dichas urbes.

Teniendo en cuenta lo anterior, la mesa que aquí se propone tiene como objetivo pensar la ciudad iberoamericana de los siglos XIX y XX a partir de una mirada revisionista desde el punto teórico, historiográfico y metodológico, que permita dar cuenta de los nuevos enfoques, perspectivas y fuentes que han surgido en las últimas décadas en la disciplina de la historia urbana para entender los procesos de transformación espacial que se dieron en el transcurso de ambas centurias.

La finalidad, por consiguiente, es debatir acerca de las diversas experiencias de investigación surgidas en torno a tales problemas en aras de comparar abordajes, conceptos y resultados particulares obtenidos a la luz del examen de los discursos, las crónicas y las representaciones producidas en relación con las ciudades iberoamericanas durante el período en estudio.

Coordinador(es)

Gerardo Martínez Delgado
Universidad de Guanajuato, México
gerardo.mexcol@gmail.com

Adriana María Suárez Mayorga
Archivo de Bogotá, Colombia
am_suarezm@yahoo.com

Ponencias

“Las ciudades no capitales”. Lecturas historiográficas sobre las ciudades chilenas del entresiglos

Macarena Ibarra

Instituto de Estudios Urbanos, Pontificia Universidad Católica de Chile

Imaginarios y ciudad. La fotografía como fuente para entender el cambio urbano en la historia urbana centroamericana: el caso de la ciudad de Guatemala

Florencia Quesada Avendaño

Universidad de Helsinki

Plazas y alamedas. Escenarios públicos en las ciudades mexicanas del siglo XIX

Eulalia Ribera Carbó

Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, México

Los inicios de los estudios sobre el fenómeno urbano en Colombia

Eulalia Hernández Ciro

Universidad Nacional de Colombia, sede Medellín

Lecturas de un territorio: San Matías Jalatlaco un pueblo de indios y su incorporación al ayuntamiento de la ciudad de Oaxaca

Danivia Calderón M.

Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, México

MESA 10

Del espacio tradicional compacto al disperso metropolitano. **La historia urbana como un proceso histórico de** **descomposición-desagregación socio-espacial**

Resumen

El tema de la mesa propuesta pretende desarrollar una manera de entender la Historia Urbana que va más allá de los, hasta ahora, presupuestos metodológicos, excesivamente descriptivos y lineales, que se han utilizado. Para ello, partimos de la idea que la construcción histórica de la ciudad, estamos hablando de la “ciudad capitalista”, es resultado de un proceso de descomposición-desagregación de sus componentes socio-espaciales en origen, los que conformaron la última “versión medieval” que heredó el siglo XIX. Dicha ciudad fue producto, entre otras cosas, de las exigencias del capital. La existencia de éste último supuso que, “...el poseedor de medios de producción y de vida encontrasen, en el mercado, al obrero libre como vendedor de su fuerza de trabajo” (Marx, 1867), lo que nos hace pensar que las repercusiones espaciales de tal fenómeno determinaron, en gran medida, los nuevos contenidos de la “estructura urbana”. Entender la “ciudad capitalista”, por tanto, implica comprender esa disociación histórica entre “medios de producción” y “fuerza de trabajo”. Dicha ciudad no puede adoptar, en este sentido, más que una forma, aquella que hace de la “segregación socio-espacial” su razón de ser. La indiferenciación socio-espacial, la mezcla, la complejidad, etcétera; categorías, todas ellas, propias de formaciones sociales que hacen de la ciudad el asiento de todos, el espacio recreado como obra, concebido y exigido como necesidad, poseída, por tanto, de un valor de uso, se verán seriamente afectadas hasta su liquidación. Para mostrar todo ello, consideramos una serie de momentos históricos sucesivos que han supuesto otras tantas maneras de entender el desarrollo de dicho proceso. En un primer momento, del cual partimos, nos encontramos con un “modelo de ciudad” caracterizado por su condición espacial vinculada a lo “tradicional-compacto”. Es el que caracteriza a aquella ciudad, de formación medieval, que heredó el siglo XIX, o la última expresión de “ciudad colonial”, si nos referimos al caso americano. Estamos hablando de un primer “modelo urbano compacto” que va a ser objeto de sucesivas desagregaciones socio-espaciales hasta desembocar en la configuración urbana actual, en la que destaca una evidente dispersión-segregada como categoría que mejor la define. Por otro lado, apostar por este proceso de desagregación socio-espacial, como referente de la construcción histórica de la ciudad, nos va a permitir instrumentar dicha “historia constructiva” desde la relación dialéctica que conforman sus diferentes procesos de producción espacial. Nos referimos, entre otros, a la “construcción” en sí de los diferentes complejos urbanos que conforman su diversidad espacial, como edificios, conjuntos, barrios, fragmentos urbanos

específicos; los procesos de abandono-desmantelamiento que, tarde o temprano, protagonizan dichas entidades espaciales; así como la “reconstrucción”, tras dichos procesos de abandono-demolición, de los nuevos “artefactos” que recrean “regeneraciones urbanas” concretas. Tres “procesos inmobiliarios”, en el marco de la “producción del espacio”, que definen la “historia” de la ciudad, lo que nos permite entender su proceso de construcción, su “historia urbana”, como el resultado del encuentro dialéctico entre poseedores y desposeídos, entre los que producen ciudad para convertirla en su “espacio de representación social” y los que se ven obligados a disponer, tan sólo, de sus ámbitos marginales.

Coordinador(es)

Alfonso Álvarez Mora
Universidad de Valladolid, España
amora@uva.es

Francisco Valverde y Díaz de León
Universidad Iberoamericana de Puebla, México.
francisco.valverde@iberopuebla.mx

Ponencias

Desagregación socio-espacial o “la impronta del suburbio”: apuntes para una historia de la urbanización informal en Europa y América Latina
Maria Castrillo Romón y Noel Manzano
Universidad de Valladolid, España

Los Procesos de construcción-desmantelamiento-regeneración como referentes de una Historia Urbana reciente.
Federico Camerin
Universidad de Valladolid-Instituto de Arquitectura y Urbanismo de Venezia

El papel de las “aspiraciones y las ansiedades” en el proceso de segregación socio-espacial metropolitano. Caso de estudio: Área Metropolitana de Puebla
Emma Regina Morales García de Alba
Universidad Iberoamericana de Puebla, México

La Construcción Histórica de la ciudad americana como sucesión-yuxtaposición de “modelos urbanos” socio-espaciales. El caso de la Ciudad de Puebla
Oscar Soto Badillo
Universidad Iberoamericana de Puebla, México

MESA 11

Desde as margens: cidade, urbanismo e práticas profissionais na América Latina

Resumen

No campo do urbanismo, a emergência, entre os anos 1950 e 1960, de um conjunto de debates sobre participação, ressoava movimentações mais amplas em torno das relações entre política, democracia e cidade, incitando à valorização de outros repertórios de vida urbana desde as práticas cotidianas, os saberes populares, as diversas formas de habitar, reinscrindo no debate a questão da autonomia do homem comum em decidir sobre seu próprio espaço de vida, presente já nas ideias de Patrick Geddes. Em relação aos processos, no entanto, apenas recentemente reflexões sobre a ideia de um “urbanismo popular”, ou a atenção à historicidade dessas “formas sociais urbanas” produzidas e apropriadas cotidianamente e processualmente, têm se ampliado.

Aproximando-nos dessa discussão, propomos, nesta sessão, uma abordagem sobre a cidade, o urbanismo e as formas de atuação profissional no urbano informada a partir da noção de “margem”, que, tomada como perspectiva epistemológica, não aparece como desvio ou expressão da “falta de ordem” urbana, mas evidencia-se como constituinte –e mesmo como condição necessária– de uma dada concepção –à qual corresponde uma produção– de cidade, de urbanismo, de urbanização. Se, como aponta Gorelik, debater a modernidade na América Latina é debater a cidade, não apenas como seu “produto mais genuíno”, mas sobretudo como “máquina” para inventá-la e reproduzi-la, as dimensões civilizatórias e modelar aí implicadas instituiriam, instrumentalmente, sobretudo a partir do século XIX, a cidade como conceito, cujo ideal em torno de uma outra sociedade não poderia ser posto em cheque por aproximações às cidades (e sociedades) “reais”. Assim, o urbanismo, enquanto ciência moderna a compreender e ordenar o urbano, estabeleceria uma perspectiva totalizante de “cidade” referenciada no modelo europeu e que informaria teorias e práticas das quais a experiência latinoamericana não tomaria parte.

Dessa perspectiva, as dinâmicas “reais” de produção e apropriação das cidades latinoamericanas, constituídas, historicamente, pelas camadas populares, materializavam tudo aquilo que as políticas de modernização ali implementadas desejavam expurgar. Consideradas o avesso da cidade, as delimitações, classificações e nomeações que se constroem sobre as urbanizações populares, em interação com as elaborações teóricas, normativas e regulamentares, configuram a perenidade de sua negação: villas miserias, barriadas, periferias, favelas, “assentamentos informais”, “cidade ilegal”.

Contestando, portanto, o modo canônico (institucional, acadêmico, profissional) de tratamento destes espaços - mas não apenas para preencher “lacunas” na historiografia -, perguntamo-nos, nesta sessão, que outras perspectivas de histórias urbanas seria possível construir desde as “margens”: como as cidades têm sido historicamente produzidas pelas camadas populares; quais as nomeações e classificações conferidas às urbanidades decorrentes desta produção; como o campo do urbanismo têm se relacionado (ou não) com tais urbanidades, tomadas como “outras”; e em que medida elas influenciam a formação e a prática profissional de arquitetos, urbanistas e outros saberes atuantes na cidade.

Sem desconsiderar as disputas aí presentes, mas, ao contrário, buscando evidenciá-las e dotá-las de historicidade, propomos aproximar e discutir pesquisas recentes, que possibilitem renovar esse campo historiográfico, dando conta dos desdobramentos políticos, sociais, territoriais, acadêmicos e profissionais dessas disputas que, em suas permanências e rupturas, afinal, conformam as cidades latinoamericanas.

Coordinador(es)

Thaís Troncon Rosa

Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo-Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo-Faculdade de Arquitetura-Universidade Federal da
Bahia (PPGAU - FAUFBA)
thaisrosa@yahoo.com

Magaly Marques Pulhez

Instituto das Cidades-Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
magamarquespulhez@gmail.com

Ponencias

Contra Narrativas, para una historia urbana crítica desde las ciudades eventuales
Adriana Goñi Mazzitelli
Instituto de Teoría y Urbanismo, Universidad de la República, Uruguay

Urbanismos e urbanidades liminares: dimensões de investigações recentes sobre
Salvador, Brasil.

Thaís Troncon Rosa

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo-Faculdade de
Arquitetura-Universidade Federal da Bahia (PPGAU-FAUFBA)

Narrativas de la transformación de los barrios populares de Medellín, Colombia. El cotidiano hablando

Liliana María Sánchez Mazo

Departamento de Trabajo Social, Facultad de Ciencias Sociales y Humanas de la Universidad de Antioquia, Medellín, Colombia

Arquitetos na margem: três cidades, três movimentos

Magaly Marques Pulhez

Instituto das Cidades-Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Tropicália X Brasília

Paola Berenstein Jacques

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo-Faculdade de Arquitetura-Universidade Federal da Bahia (PPGAU-FAUFBA)

MESA 12

Dinámicas urbanas de la sociedad de masas (1900-1950): ocio, turismo y espacios sociales

Resumen

La complejidad de los procesos sociales que tiene lugar en el entorno urbano contemporáneo requiere la confluencia de enfoques diversos aunque convergentes que incluyan aspectos cuantitativos, objetivables, e igualmente otros de carácter cualitativo. Esta mesa pretende discutir los procesos e impactos de la formación de una sociedad de masas en diferentes contextos sociales, geográficos e históricos durante la primera mitad del siglo XX. Se trata de un periodo de extremada complejidad, manifestada en prácticamente todos los ámbitos. Desde nuestra perspectiva, podemos fijarnos en algunos: por un lado, la mayor circulación de personas, viajeros, ideas y modelos culturales, la expansión de las oportunidades de nuevas prácticas sociales y culturales, la estructuración de los servicios municipales, incluso en las ciudades menores; por otro, los esfuerzos para organizar y ordenar el territorio, planificar áreas de expansión urbana, mediar los conflictos sociales y los intereses inmobiliarios. Fijándonos solo en las cifras de habitantes, las ciudades crecen de manera significativa entre 1900 y 1940: en Brasil, por ejemplo, Río de Janeiro (de 811 mil a 1,764 millones), São Paulo (de 239 mil a 1,326 millones), aún Natal (de 16 mil a 54 mil)); en España, Madrid (de 540 mil a 1,086 millones), Barcelona (de 533 mil a 1,006 millones), o Bilbao (de 83 mil a 195 mil); en Portugal, Lisboa (de 356 mil a 709 mil) y Porto (de 168 mil a 262 mil) ; y en Argentina (sobre datos de 1895 y 1947), Buenos Aires (de 663 a 2,981 millones), Rosario (de 91 mil a 467 mil), o Mar del Plata (de 8 mil a 115 mil). En general, se percibe en ese contexto también el surgimiento de nuevos perfiles laborales, de nuevos roles sociales (como el de la mujer en el espacio público), de nuevos espacios y paisajes urbanos, nuevos usos y funciones, de la fragmentación espacial y la diseminación deportes y ocio modernos, en especial, del turismo, que impactan la cultura y los usos de la ciudad. Así, esa mesa se organiza en torno a la discusión de 3 ejes: 1) las transformaciones de los espacios sociales en el interior de las ciudades asociados al impacto de la nueva cultura de masas; 2) la organización de una industria de turismo como parte de las actividades sociales y culturales de una sociedad urbana más compleja; y 3) la articulación de nueva dinámica del ocio abierta a nuevos grupos sociales. Se propone así cruzar fuentes diversas (del ámbito de la historia social y cultural urbana, de la demografía histórica, de la arquitectura y del urbanismo) para mapear y discutir los puntos comunes y las singularidades de la moderna sociedad urbana de masas en formación. Igualmente, se propone la comparación de realidades urbanas muy diversas, y pertenecientes a ámbitos geográficos también variables, al menos, Argentina, Brasil, Portugal y España.

Coordinador(es)

José María Beascoechea Gangoiti
Departamento de Historia Contemporánea, Universidad del País Vasco/Euskal
Herriko Unibertsitatea (UPV/EHU)
jm.beascoechea@ehu.eus

George Alexandre Ferreira Dantas
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal
do Rio Grande do Norte (UFRN, Brasil)
georgeafdantas@ct.ufrn.br

Ponencias

Urbanismo del ocio en la costa bonaerense argentina, 1930-1945
Perla Bruno
Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina

Nascimento do turismo de massas? O caso dos estabelecimentos de hotelaria em
Lisboa entre 1890 e 1910
Daniel Alves
IHC, Universidade Nova de Lisboa, FCSH

El lugar del ocio popular en la ciudad moderna. Madrid en las tres primeras
décadas del siglo XX
Rubén Pallol Trigueros y Cristina de Pedro Álvarez
Universidad Complutense de Madrid

Impacto de la sociedad de masas en el espacio urbano de Bilbao, 1900-1936
José María Beascoechea Gangoiti
Departamento de Historia Contemporánea, Universidad del País Vasco/Euskal
Herriko Unibertsitatea

Guias de viagem, arquitetura e espaços do cotidiano em cidades em transformação
(1900-1930)
George Alexandre Ferreira Dantas e Barbara Gondim Lambert Moreira
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/UFRN

MESA 13

Dispositivos e instrumentos para la gestión de desastres en la historia urbana iberoamericana. Siglos XVI a XX

Resumen

A través del tiempo las sociedades urbanas se han enfrentado a distintos tipos de desastres empleando instrumentos, dispositivos, técnicas, mecanismos y tecnologías diversas. La selección y utilización de dichas herramientas tienen consecuencias fundamentales en la definición de conceptos básicos como el peligro, la amenaza, el riesgo, la reconstrucción, la prevención o la mitigación. Pero también, en la construcción de nociones generales como la justicia, la ciudadanía, el poder, la vulnerabilidad, la desigualdad, y la pertenencia. En ese sentido, la relación de los habitantes urbanos con el ambiente, en tiempos de desastres, está mediada por estos instrumentos y dispositivos, lo cual tiene consecuencias en la manera de entender la ciudad, el territorio y sus características. El objetivo de esta mesa es desarrollar una discusión acerca de los dispositivos y herramientas utilizadas para afrontar desastres urbanos en Iberoamérica en los siglos XVI a XX. De esta manera, se podrán abordar preguntas distintas que permitirán comprender cómo se han gestionado los desastres en la vida urbana iberoamericana. Se abordarán amplios interrogantes que busquen comprender cómo la utilización y diseño de mecanismos e instrumentos influye en la construcción y desarrollo de las ciudades. Pero también preguntas específicas que indaguen acerca de instrumentos específicos como materiales de construcción, infraestructuras, dispositivos para la reconstrucción, tecnologías de prevención o de mitigación, traslado de ciudades, arquitecturas seguras y otros.

Así, la sesión plantea un debate sobre las múltiples dimensiones de los desastres y la importancia de los instrumentos y dispositivos de gestión. En el cual se abordará, por ejemplo, la dimensión política y de gestión de desastres, los desafíos para los dispositivos de justicia, los enfoques económicos de los desastres, la participación de expertos, profesionales, voluntarios y sociedades científicas, la importancia y funcionamiento de dispositivos de comunicaciones. Esta discusión propone que los instrumentos asociados a la gestión de desastres no son simples herramientas neutrales, y por lo tanto, entender sus características es necesario para comprender su funcionamiento en el desarrollo configuraciones históricas urbanas.

Esta sesión busca realizar un ejercicio de diálogo interdisciplinario mediante análisis y perspectivas desde diferentes disciplinas como la historia, la sociología, la antropología, y la geografía. Se recibirán trabajos monográficos sobre ciudades,

desastres e instrumentos específicos, pero también son bienvenidos estudios basados en escalas de análisis amplias o estudios comparativos

Coordinador(es)

Diego Arango López
Facultad de Arquitectura, Universidad de Chile
diegoarangolopez@uchilefau.cl

Nelson Fernand González Martínez
Universidad del Norte, Barranquilla, Colombia
fngonzalez@uninorte.edu.co

Ponencias

Entre la furia divina y las ruinas de la ciudad: reacciones espirituales y temporales tras el terremoto que azotó Lima en 1687.

Judith Mansilla
Florida International University

Urbanismo ignífugo y construcción de ciudad. Valparaíso 1843-1906.

Diego Arango López
Facultad de Arquitectura y Urbanismo. Universidad de Chile

Desastres silenciosos en la Capitanía General de Chile: sequías y escasez en la ciudad de Santiago durante el siglo XVIII

Andrea Noria Peña
Universidad de Sevilla-Universidad Autónoma de Chile

Comunicación y calamidad: estrategias de circulación de correspondencia en la ciudad de Bogotá a finales del siglo XVIII

Nelson Fernando González Martínez
Universidad del Norte, Barranquilla, Colombia

MESA 14

Do consultório ao grande hospital geral, as escalas urbanas da arquitetura para a saúde em América Latina

Resumen

Na América Latina os governos nacionalistas introduziram processos de modernização aliados à promoção de políticas públicas. No campo da saúde e de sua modernização, destaca-se, desde sua criação em 1902, o papel exercido pela Organização Pan-americana de Saúde – OPAS na difusão de ideias científicas e de ações de saúde, sobretudo na América Latina e no Caribe.

Tais processos impulsionaram a construção de edificações para atender as funcionalidades exigidas por esses novos programas. Este foi um campo fértil para os arquitetos comprometidos com o ideário moderno.

A identificação dessa produção com características semelhantes nos levou a considerar a hipótese de que tais edifícios, para além das suas especificidades funcionais, refletiram ideias e práticas projetuais que conferiam à arquitetura um papel simbólico e de configuração dos espaços públicos nas cidades. Por outro lado, as decisões sobre a localização adequada destas edificações implicaram na conformação de setores singulares dentro das urbes latino-americanas.

A arquitetura e o urbanismo modernos podem ser entendidos como resultado de investigações artísticas, que adquirem um sentido a partir da relação que se estabelece entre usuário, arquitetura e urbanismo. Teria, assim, um caráter de algo inacabado, que necessita do público para concluí-la, uma estética que supõe a ação como elemento para a sua existência (ARGAN, 2001).

Pretendemos neste simpósio direcionar nossa investigação especificamente a essa relação da edificação pública de saúde na trama urbana nas suas diversas escalas no âmbito de processos de modernização do Estado, das políticas públicas de saúde e das cidades, e como os edifícios contribuíram para dar qualidade espacial ao espaço público cidadão.

Assim, a arquitetura se articulava com os elementos arquitetônicos e de arte, e os espaços não edificados, para compor experiências urbanas. Este recurso que configura a espacialidade moderna edilícia na cidade é utilizado em obras com funções distintas, daqueles cuja racionalidade funcional se fazia mais presente e requerida, como nos hospitais, até edificações para a administração pública. Vale lembrar que nos países que compõem esse grande continente, com similaridades e diferenças, se observa a presença dessas manifestações, com

características particulares em cada lugar (DAMAZ, 1963). O caráter moderno não se restringiu a capacidade técnica e racional de responder ao programa, sua presença estava na linguagem proposta e, sobretudo, numa relação intencionada a ser estabelecida com o usuário.

Consideramos que os arquitetos latino-americanos antecederam as críticas aos CIAMs do pós-guerra, e as propostas expressas no celebre e polêmico texto “Nove Pontos sobre a Monumentalidade” (GIEDION; SERT; LÉGER, 1943). Cabe, pois, na tentativa de entendimento horizontal dessas propostas na América Latina, refletir sobre a confluência das formulações conceituais para a implantação do edifício de saúde moderno nas cidades.

Assim, a formulação de estratégias territoriais para a distribuição das distintas escalas de estabelecimento de saúde deixaram como legado uma serie de arquiteturas, que vão desde o consultorio, ou posto de saúde, ao hospital geral, do bairro, ou distrito, à metrópole.

Coordinador(es)

Ana M. G. Albano Amora
FAU-PROARQ-Universidade Federal do Ró de Janeiro
aaamora@gmail.com

Claudio Galeno-Ibaceta
Programa de Magíster Arquitectura en Zonas Áridas, Universidad Católica del Norte, Antofagasta, Chile
cgaleno@ucn.cl

Ponencias

El espacio verde intrahospitalario como lugar de salud urbano
Gabriela Campari
Universidad de Buenos Aires/Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo
Ciudad de Buenos Aires, Argentina

Los consultorios de la caja del seguro obrero y la modernización de la atención de salud en Chile.
Alicia Campos Gajardo
Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad de Chile

El Hospital Arzobispo Loayza de Lima, un nuevo hospital para Lima a inicios del Siglo XX

Antonio Coello Rodríguez

Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Perú

Estratégias de ocupação: a área da Fundação Oswaldo Cruz em Manguinhos face à expansão da cidade do Rio de Janeiro para os subúrbios nos anos 1940-1960.

Renato da Gama-Rosa Costa

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Río de Janeiro, Brasil

La organización hospitalaria, una configuración de imagen urbana en la Ciudad de México (1920-1955)

María Lilia González Servín

Centro de Investigaciones en Arquitectura, Urbanismo y Paisaje UNAM

MESA 15

El futuro de la metrópolis en Iberoamérica 1920-1960: planificación urbana y prefiguración arquitectónica, entre el plan y el proyecto

Resumen

Desde mediados de los años veinte y hasta mediados los años cincuenta, las ciudades iberoamericanas sufrieron un proceso de crecimiento poblacional inaudito aunque en diferentes grados de profundidad, que desafió su condición y las posibilidades de su futuro. La existencia coetánea de un proceso que incorporó a la propia construcción de la ciudad parte del desarrollo del capital,, propuso un escenario complejo que enfrentó las necesidad de predicción y control para asegurar condiciones a futuro.

Se confió así a la figura del plan, la capacidad de adelantar las respuestas a los fenómenos del desarrollo, desde la transformación de la centralidad a la extensión de la planta. Con diferentes marcos conceptuales, fundamentos o modelos, la planificación se fue asentando como una práctica y una disciplina capaz de abordar las demandas y complejidades que el tiempo proponía.

Los esquemas más generales de la planificación en el nivel urbano, concentraban en el plan regulador: desde los límites y diferencias entre las áreas construidas y las aledañas o rurales, fijando la extensión de la ciudad; los sistemas de circulación, redes viales y ferroviarias, los sistemas de espacios libres y públicos, zonificaciones según usos y destinos de suelos, hasta el nivel de las ordenaciones o definiciones de la forma urbana: volúmenes y tamaños de la edificación, alineaciones, condiciones sanitarias y estéticas de las construcciones, así como características especiales de algunos edificios, áreas o sectores. Los planes parciales o especiales se propusieron como una profundización de las escalas del plan regulador y eran representativos de las modalidades que la edificación podía asumir en ese contexto. Permitían prefigurar como sería esa parte de la ciudad y por tanto también dar cuenta de las posibilidades y beneficios de la planificación de orden general. Algunos eran lugares que merecían por sí mismos tratamientos específicos, en tanto otros eran proyectos simplemente demostrativos de condiciones genéricas. En su mayoría, además promovían la idea de la ciudad en el futuro, dando sentido a las expectativas de forma que la metrópolis moderna proponía.

Esta mesa se propone aportar a la historia urbana iberoamericana desde la particular relación entre las figuras más genéricas del plan y la dimensión proyectual urbana, que podía ser enfrentada por los instrumentos y escalas de la

arquitectura. Se trata entonces de exponer casos de planes reguladores de grandes ciudades que se representaron en proyectos urbanos particulares. Interesa verificar en ellos, las ideas en ellos presentes desde las concepciones más integradoras de los diferentes niveles de la planificación hasta los casos de sectores urbanos o conjuntos que mostraban parcialmente otras ideas menos concurrentes con las directrices genéricas de los planes reguladores.

Se trata entonces de interpretar la relación entre arquitectura y ciudad desarrollada frente al fenómeno del gran tamaño urbano y el crecimiento poblacional como demandas, analizando casos en que las figuras de la planificación urbana y como se representaron en ellas los aspectos que pudieron haber regulado la constitución formal y tipológica de la arquitectura en la búsqueda de una nueva ciudad, acorde a la condición metropolitana.

Por otra parte parece interesante contrastar la dimensión urbana de la arquitectura, con especial énfasis en las configuraciones tipológicas que se propusieron para esas ciudades futuras, pensadas principalmente desde la planificación, avanzando también en las ideas de los agentes, oficinas o profesionales que los propusieron.

Se propone además abordar las formas de la generación de arquitectura en la clave del cambio de tamaño y verificación de los mecanismos de regulación y reproducción desde la unidad tipológica hasta la conformación del proyecto urbano: desde la configuración formal dados sobre las cuadrículas y las manzanas tradicionales del centro, a las configuraciones de aspiración metropolitana, como el rascacielos, los bloques o superbloques.

Ciudad de México, Santiago de Chile, Bogotá, Montevideo, Buenos Aires, Lisboa o Madrid, entre otras, ciudades que trazaron sus posibilidades de futuro a través de diferentes concepciones de la planificación; también otras ciudades reafirmaron proyectos planificadores de orientaciones muchas veces diferentes; pero en todas estuvo presente la prefiguración de partes, sectores o conjuntos que anunciaban lo que la ciudad sería.

Así entonces, la mesa que proponemos pretende reunir estudios sobre las más notables actuaciones a la vez arquitectónicas, urbanísticas y paisajísticas, y avanzar en el reconocimiento de esta relación entre la planificación de orden general y la definición en el nivel urbano y arquitectónico, en el estudio de casos en Iberoamérica.

Coordinador(es)

Horacio Torrent
Pontificia Universidad Católica de Chile
htorrent@uc.cl

Ana Tostões
Instituto Superior Técnico- Universidade de Lisboa
ana.tostoes@tecnico.ulisboa.pt

Ponencias

El concepto de “fusión” como estrategia para abordar la tensión entre capital y metrópoli. El Proyecto Orgánico de la Comisión de Estética Edilicia para Buenos Aires (1923-1925)

Ana María Rigotti
CONICET-Universidad Nacional de Rosario, Argentina

El Palacio Municipal de Montevideo de Mauricio Cravotto: intersección entre la planificación urbana y la prefiguración arquitectónica.

Carlos Baldoira/Paula Durán Chaín
FADU/Universidad de la República-Uruguay

El Plano Regulador de Carlos Contreras para la Ciudad de México: San Juan de Letrán como eje

Alejandrina Escudero
Facultad de Filosofía y Letras, UNAM

Lisboa moderna, entre plano e proyecto

Ana Tostões
Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Portugal

Cidades portuguesa e plano hospitalar. Entre tipologia e plano urbanístico.

Elisa Pegorin
CEAU-Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo-Universidade do Porto,
Portugal

MESA 16

Estado, agentes y prácticas en el Urbanismo iberoamericano del siglo XX

Resumen

El proceso de constitución del Urbanismo como disciplina autónoma presenta particularidades en el contexto iberoamericano que, si bien inescindible del debate internacional, atiende a las especificidades de los procesos de modernización y a las coyunturas históricas y políticas propias de cada contexto. En este registro, fueron numerosísimos los agentes que, desde los campos político y técnico y a través de múltiples formas de integración a las oficinas estatales incidieron delineando y transfiriendo de diversas maneras y a través de una multiplicidad de programas y parámetros que caracterizaron la imagen de las ciudades iberoamericanas a lo largo del siglo XX y que impulsan a revisar los vínculos entre intervenciones urbanísticas y sus promotores.

Continuando con la línea que planteamos en el Primer Congreso, nuestro interés está puesto en esos actores, en su formación y redes de relaciones, en sus grados de vinculación e integración con los aparatos estatales y en las propuestas, programas y proyectos que transfirieron en forma individual o colectiva al campo del Urbanismo. Nos referimos a quienes impulsaron, delinearon y/o promovieron planes reguladores, reglamentos, manuales y códigos de edificación, a las propuestas de comisiones, trazados de extensión, planes de embellecimiento, programas masivos de vivienda, salud y educación, entre otros.

Proponemos, poner en relación un elenco de propuestas diversas que sobre las ciudades iberoamericanas se hicieron durante el siglo XX, en su vinculación con sus gestores y en perspectiva histórica. También, asumiendo que muchas de estas experiencias siguen siendo referenciadas y reeditadas en las prácticas contemporáneas, alentamos los abordajes en torno a sus reinventiones o reinterpretaciones.

Coordinador(es)

Daniela Cattaneo
CURDIUR. Universidad Nacional de Rosario-CONICET
dacattaneo3@gmail.com

Cecilia Raffa
INCIHUSA-CCT CONICET Mendoza, Argentina
craffa@mendoza-conicet.gob.ar

Ponencias

Discontinuidad como hipótesis. Sobre la relación arquitectura y ciudad en los proyectos del Estado en Argentina.

Lucía Espinoza
Instituto de Teoría e Historia Urbano-Arquitectónica, Facultad de Arquitectura
Diseño y Urbanismo, Universidad Nacional del Litoral (INTHUAR, FADU, UNL),
Argentina

“City planning” en Colombia a través de la mirada de Ricardo Olano.

Patricia Schnitter Castellanos
Universidad Pontificia Bolivariana, Medellín, Colombia

Cuando Misiones era moderna: explorando sus huellas

María Antonia Nosiglia, María Silvia López Coda, Lucía Cella y Lucía Bieule
Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Universidad de Buenos Aires,
Argentina

Del plan de embellecimiento al proyecto monumental: el Palacio Legislativo y el barrio de la Aguada en Montevideo en la primera mitad del siglo XX.

Luis Eduardo Tosoni
Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas “Mario Buschiazzo”,
Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Universidad de Buenos Aires,
Argentina

MESA 17

Experiências de modernidade em três escalas: bairros, ruas e casas

Resumen

A mesa visa aprofundar a compreensão das experiências de modernidade que configuraram as cidades ao longo do século XX. Entendidas como produção material, social e mental, as cidades devem ser analisadas a partir da investigação das formas de produção, uso e representações elaboradas por grupos e atores sociais cujas lógicas e estratégias são diversas e não permitem reconstituições totais nem a adoção de pares analíticos dicotômicos tais como modernidade e tradição; rural e urbano; público e privado; nativo e estrangeiro. Assim, tomando a fragmentação como expressão da vida social moderna, considerando a pluralidade de experiências urbanas e que a cidade é um espaço social poroso e polissêmico, procura-se estabelecer nexos entre práticas sociais, configurações simbólicas e a constituição material do espaço a partir das noções de fronteiras e conexões. Para tanto, busca-se entrelaçar três escalas temporais, espaciais e sociais da cidade – bairros, ruas e casas - de modo a refletir sobre suas constituições materiais e simbólicas; suas redes de sociabilidade; suas práticas e representações, compreendendo a sua materialidade como resultante e, ao mesmo tempo, vetor de redes de sociabilidade.

Na metrópole moderna o bairro se apresenta como espaço de referência a seus habitantes. É o espaço da encenação da vida cotidiana, de redes de sociabilidade, onde se estabelece a partilha de experiências e sentimentos de grupo, mas também de conflito. Se o bairro é espaço de referência e de distinção, a rua dá ao bairro unidade por abrigar o conjunto de transeuntes e as múltiplas dimensões da vida urbana, com seus ofícios, lojas, cafés, escolas, equipamentos e casas. Casas que apreendidas em sua diversidade arquitetônica e urbanística, histórica, sociológica e etnográfica, envolvem a produção e a internalização de princípios hierárquicos, disciplinares e mecanismos de subjetivação, atizados e enredados pelos marcadores sociais de gênero, classe, raça e geração. Nessa chave, o bairro constitui uma porção do território apropriada pelo indivíduo e por meio do qual este estabelece a mediação entre o público e o privado, entre o espaço anônimo da rua e o espaço doméstico da casa, tomados não como esferas separadas, mas como espaços cujas fronteiras são reinventadas pelos moradores em seu cotidiano. A perspectiva do diálogo aqui proposta tem como intuito ampliar o olhar para a cidade como objeto específico, de modo a compreendê-la como parte da experiência da modernidade, e nesse sentido, arena de vivências necessariamente compartilhadas, sucessivas no tempo e simultâneas no espaço. Propõe-se para tanto trabalhos que busquem refletir sobre algumas das questões a seguir: Como

reconhecer e qualificar os diversos agentes e grupos sociais que incidem na construção material e simbólica da metrópole? Como reconhecer os distintos discursos e figurações da modernidade que constituem a cidade? Como pensar as transformações sociais e materiais dos espaços da casa em face do processo de metropolização? Como enfocar os diversos ideias de domesticidade? Como investigar a configuração de novos espaços da cidade a partir das três escalas propostas?

Coordinador(es)

Joana Mello de Carvalho e Silva
Universidade de São Paulo, Brasil
joana-mello@usp.br

Aurélia Michel
Université Paris Diderot, France
aureliamich@gmail.com

Ponencias

Barroco, ciudad, consumos populares
Eduardo Kingman Garcés
Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (LACSO)-Sede Ecuador

São Paulo: ruas, bairros, casas. A rua 13 de maio no Bexiga 1900/1960
Ana Lúcia Duarte Lanna
Universidade de São Paulo

Casa Verde (São Paulo) e Madureira (Rio de Janeiro), bairros da transição metropolitana brasileira
Aurélia Michel
Université Paris Diderot

O bairro do Sumaré: luxo, higiene e modernidade (São Paulo, 1940-1960)
Joana Mello de Carvalho e Silva
Universidade de São Paulo

La ciudad, el barrio y la casa en las estrategias de distinción de las clases medias provincianas (Mar del Plata, 1950-1970)
Inés Pérez
Universidad Nacional de Mar del Plata

MESA 18

Formalização, transmissão e tradução dos saberes da cidade na América Latina

Resumen

Nas últimas décadas a crítica às práticas disciplinares e profissionais de par com mudanças e inovações tecnológicas, uma maior atenção às culturas urbanas e a renovação muitas vezes extremamente rápida da forma construída e social das cidades têm provocado uma certa desestabilização dos conhecimentos no campo do urbanismo. Essa tendência, em contrapartida, tem exigido, situar, rediscutir e avaliar cada vez mais sua construção como campo de ação, reflexão e competência, seus métodos, seu vocabulário, suas ferramentas.

Essa operação analítica e reflexiva em relação à formação de competências e expertises parece apresentar singularidades no caso ibero-americano onde o campo dos conhecimentos sobre a cidade e sobre o urbano possui temporalidades e ritmos específicos e se confundem com a própria racionalidade moderna. Por outro lado, as cidades latino-americanas –na medida em que foram, em sua história colonial um dos laboratórios privilegiados no engendramento e a consolidação destes saberes– parecem ter constituído um “saber sem nome” (Pereira, 2000, Magalhães 2018) que vêm se chocar ou se articular ao próprio campo do urbanismo nos processos de circulação, experimentação, formulação e ressignificação de teorias e práticas.

Serão contemplados trabalhos que explorem a construção dos conhecimentos urbanísticos e suas práticas de intervenção a partir de recortes temáticos, locais e conjunturais específicos ou de maneira comparada enfocando, atores, casos, conjuntos de fontes ou arquivos em torno de 3 dimensões:

- sua formalização mediante teorias, experiências consideradas como exemplares, manuais de sínteses metodológica ou doutrinal. O urbanismo contemporâneo produziu seu próprio corpus referencial, mas também conceitos entre suas visões gerais e suas operações de quantificação e identificação dos “problemas” urbanos;

- sua transmissão através, entre outros, de dispositivos e instituições de ensino, da capitalização de saberes, da constituição de arquivos, de gêneros literários especializados... A constituição dos saberes sobre a cidade e o urbano necessita de ancoragens espaciais, temporais, discursivas para constituir-se como memória cultural e coletiva seja dos “profissionais da cidade”, seja de atores mais diluídos que também participam da construção e transformação da cidade.

- sua tradução cultural/espacial. A ideia de tradução se pode entender de maneira estrita (interlingüística), mas também de maneira ampla, através dos processos de mediação na circulação transnacional de corpus de saberes e práticas, seja em círculos de interesses especializados ou não. No século XX, estes processos de translações e traduções, embora muitas vezes criticamente apropriados - no que pressupõem de uma modelização a-temporal, geográfica e cultural - foram, particularmente, no contexto latino americano, um elemento chave na legitimação da ação urbana.

Espera-se que sejam discutidos tanto os processos de construção destes saberes quanto as perspectivas teórico-metodológicas que se dedicam a analisá-los.

Coordinador(es)

Margareth da Silva Pereira
PROURB-Universidade Federal de Rio de Janeiro, Brasil
margaspereira@gmail.com

Laurent Coudroy de Lille
Ecole d'urbanisme de Paris-UPEC-Lab'urba, France
coudroy@u-pec.fr

Ponencias

Hacia la construcción de la Lima moderna: aplicación y traducción de modelos urbanos en la primera mitad del siglo xx
José Carlos Huapaya Espinoza (joseespinoza@ufba.br)
PPG-Universidade Federal de Bahia, Brasil

Uma teoria das práticas, a antologia de F.Choay (1965)
Priscilla Alves Peixoto (priscillapeixoto@gmail.com)
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFRJ

Las enseñanzas del Instituto de Urbanismo de París y su impacto en América Latina
Daniel Matus Carrasco (dmatusc@gmail.com)
Universidad de Magallanes, Chile

MESA 19

Gobierno de las ciudades y regulación del espacio público, de principios del siglo XVIII a mediados del XX

Resumen

La gran ola de urbanización que acompañó la transición del Antiguo Régimen al mundo contemporáneo no se limitó a un proceso de crecimiento de las ciudades y de transformación de su aspecto arquitectónico o su morfología urbanística. Las nuevas urbes que comenzaron a configurarse desde comienzos del siglo XVIII representaban además un nuevo contexto de relación social en múltiples dimensiones (desde lo económico a lo político, pasando por nuevas formas de convivencia e interacción de género). En esos contextos de cambios, las élites gobernantes debieron preocuparse por articular nuevos modelos de regulación, con especial atención al control de lo que sucedía en unas calles, plazas y paseos que se constituían como espacio público. Así, de manera paralela al crecimiento y reforma urbanos, proliferaron constituciones, ordenanzas, reglamentos, leyes, instituciones, programas, saberes expertos, que modificaron las formas de gobernar las ciudades y regular sus espacios públicos.

La mesa propuesta se propone analizar los procesos de reforma y articulación de las formas de gobierno y regulación del espacio público en las ciudades iberoamericanas, en un contexto de creciente urbanización y transformación socio-urbana, desde una perspectiva de larga duración. Los límites temporales se situarán entre comienzos del siglo XVIII, con las primeras manifestaciones de la esta gran ola urbanizadora y la Segunda Guerra Mundial, como momento de cristalización de un nuevo orden urbano contemporáneo, basado en criterios tecnocráticos e inspirados por el funcionalismo y la nueva teoría urbanística. La apuesta por un marco transatlántico permitirá observar tanto los fenómenos comunes, al partir las ciudades iberoamericanas de una tradición común de gobierno y de organización jurídica, como las soluciones dispares en relación a los contextos políticos concretos desarrollados en la era contemporánea y las diferentes formas de crecimiento y desarrollo urbano.

Coordinador(es)

Concepción Lopezosa Aparicio
Universidad Complutense de Madrid, España
clopezos@ucm.es

Matías Landau
Investigador adjunto de CONICET, Argentina
matiaslandau@hotmail.com

Ponencias

A la búsqueda del orden perdido: regulación y control del espacio público en el Madrid moderno: 1900-1923

Rubén Pallol Trigueros/Fernando Vicente Albarrán
Universidad Complutense de Madrid, España

Regular el espacio público: la incidencia de los planos de alineación de calles en la modernización de la trama histórica de granada (1836-1910)

Ricardo Anguita Cantero
Departamento de Historia del Arte de la Universidad de Granada, España

Entre a regularidade e a regra: uma reflexão sobre a historiografia das cidades coloniais americanas na modernidade

Rodrigo Bastos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

MESA 20

Imaginación e invención de la vida urbana: orden espacial y religión en Iberoamérica. Emergencias, legados y recepciones

Resumen

La historia urbana de Iberoamérica puede ser explicada en la conjunción de su materialidad (formas arquitectónicas, organización del espacio) y el inmenso texto compuesto por las representaciones e imaginarios que configuran los espacios urbanos. Los campos de sentidos que se construyen en estas configuraciones dependen de las condiciones socio-territoriales y socio-culturales que se implantan, emergen o se transforman en los lugares imprimiendo formas de identidad y expresando relaciones de poder que se complejizan al superarse la dicotomía unidireccional de hegemónicos y subalternos. Considerada la posibilidad de un espacio de relaciones múltiples que podrían expresar la totalidad conflictiva de los fenómenos urbanos iberoamericanos en función de relaciones menos convencionales la investigación histórica de la historia urbana se bifurca y se abre a campos que hablan de un complejo texto urbano bajo el que subyacen capas de otras historias de las ciudades o de sus horizontes imaginarios. En este orden de ideas y dentro del campo de la nueva historia urbana de Iberoamérica, esta mesa reúne investigadores de varias universidades Iberoamericanas. Enlaza el fenómeno religioso con las interrogantes urbanísticas. Intenta preguntar dentro de un angular interdisciplinario amplio por las condiciones espaciotemporales, socioculturales, históricas y geográficas de esa relación que podemos reducir a dos tipos de manifestaciones o expresiones: a) materiales ligadas a edificaciones, formas de ordenamiento, geoturismo, patrimonio y b) por las manifestaciones ligadas al orden de la imaginación y lo imaginario urbano. Ambas manifestaciones -interactivas-, hacen posible la emergencia o implantación de la vida urbana. Esta doble problemática permite identificar y mostrar en sus relaciones las diferencias y similitudes del proceso de imaginar y pensar la ciudad y el conjunto de los espacios urbanos partiendo del eje religioso, de comprender la invención y la reinención de la vida urbana ligada a la cultura religiosa y a las diversas formas de apropiación de esa cultura en Iberoamérica.

Varias perspectivas temporales y temáticas son consideradas, y van desde la impronta de las órdenes religiosas en el espacio y en la territorialización e implantación de la vida urbana según el modelo europeo, a las hibridaciones y transformaciones de los lugares en sitios de atracción turística o patrimonial, de la conversión de los lugares en centros de poder gracias a ciertos atributos de ciudad, y la construcción histórica de geo-símbolos cuyas relaciones y encuentros culturales entre los habitantes de una ciudad o los que arriban a ella, desafían

las interpretaciones y los análisis al colocarlos sobre relaciones situacionales de escalas, topologías, relaciones de poder y subjetividades caracterizadas por una tensa articulación entre la tradición, la modernidad, lo popular y lo elitesco, la sociedad y el entorno.

Estas perspectivas entre los fenómenos religiosos y urbanos son múltiples y complementarias, organizan un campo en torno a un punto de unión que no es otro que entender a la ciudad iberoamericana más allá del simple patrimonio edificado o de relaciones de poder político que no pueden explicarse de forma satisfactoria sin la comprensión del factor religioso y de sus aportes en sus procesos formativos, de sus legados espaciales que aún son referentes de la vida urbana, de su valor cambiante que yuxtapone funciones diversas, así como de las imágenes ideales de la ciudad y los centros poblados que pretendían vencer la aparente disgregación de grupos humanos al implantar un nuevo orden en el espacio vinculando comunidades.

En fin, el hipotexto urbano colonial, preindustrial y religioso que subyace a la modernidad puede ser interrogado en referencia a su influencia en la vida urbana y, la atracción de los lugares que siguen garantizando la reproducción y la emergencia de viejas y nuevas lecturas, de cambios de función del espacio religioso o de su permanencia y presencia innegable y a veces envuelta en opacidades de visualización e interpretación; de explicación de los contextos y condiciones que hicieron posibles las modernas urbes latinoamericanas que contienen aún las huellas y los signos materiales e imaginarios de la tradición y sus tensiones e interacciones escalares que implican a su vez tanto cambios de sentido en la imagen de la ciudad como la coexistencia de algunos sentidos y funciones que afectan la percepción del espacio vivido y practicado.

Coordinador(es)

Carmen Valverde Valverde
Facultad de Arquitectura, UNAM
val4604@yahoo.com.mx

Luis Manuel Cuevas Quintero
Grupo de Estudios Históricos Sudamericanos, Universidad de Los Andes, Perú
luismanuelvenezuela@hotmail.com

Liliana López-Levi, Universidad Autónoma Metropolitana Xochimilco, Doctorado en Ciencias Sociales

Ponencias

Historia urbana de un pueblo originario. Memoria y conflictos. El caso de Tepotzotlán, Estado de México

Carmen Valverde Valverde
Facultad de Arquitectura, UNAM

Liliana López-Levi
Doctorado en Ciencias Sociales, Área Sociedad y Territorio, Universidad Autónoma-Xochimilco

La resignificación de espacios religiosos urbanos en el contexto de las desamortizaciones eclesiásticas en Salamanca en el siglo XIX

Eizabeth Manjarrez Ramos
Departamento de Historia Medieval, Moderna y Contemporánea, Instituto de Iberoamérica, Universidad de Salamanca, España

Selva amenazante, sepulcro de misioneros, promesa de redención divina. La producción del espacio jesuítico en el Chaco colonial

Carlos Salamanca
CONICET, Argentina, Interdisciplinary Program Espacios, Políticas, Sociedades at Centro de Estudios Interdisciplinarios of Universidad Nacional de Rosario, Argentina

Imaginar ciudades en las selvas y los Llanos. La reducción Jesuita en la Orinoquia, un momento de la historia urbana en Iberoamérica

José del Rey Fajardo
Universidad Católica Andrés Bello/Pontificia Universidad Javeriana (Venezuela-Colombia)
Luis Manuel Cuevas Quintero
Universidad de Los Andes. Grupo de Estudios Históricos Sudamericanos

La Ciudad terrena ¿un espacio celestial? Santos, templos, fiestas y corporaciones en las urbes novohispanas.

Antonio Rubial García
Colegio de Historia, Facultad de Filosofía y Letras, UNAM
Academia Mexicana de la Historia

MESA 21

Infraestructura, transporte y sociedad. Chile urbano en el siglo XX

Resumen

El siglo XX representó para la sociedad chilena un periodo de transformación histórica profundo: junto con los cambios políticos, económicos y sociales destacados por diversas corrientes historiográficas, una de las mayores mutaciones experimentadas por el país fue la explosión del fenómeno urbano, notable a inicios de la centuria y, a partir de la década del cuarenta, reflejo mayoritario de una nueva realidad tal como ocurría en otras urbes latinoamericanas. Su crecimiento, especialmente notorio en sus grandes ciudades como Santiago, Valparaíso y Concepción, trajo aparejado una serie de problemáticas y demandas: vivienda, servicios urbanos y transportes se transformaron en tópicos de discusión técnica, política y social. Entre ellos, la movilización tanto pública como particular, junto con sus infraestructuras anexas, fueron uno de los mayores puntos de debate en el periodo: desde la instalación de los tranvías eléctricos a comienzos del siglo XX, la creciente retirada de los ferrocarriles en contextos como el santiaguino, la persistencia de tecnologías específicas como los ascensores en Valparaíso, la irrupción de nuevos medios en el caso de los autobuses o los diversos proyectos estatales como la creación de empresas públicas para el transporte de superficie o subterráneo, dan cuenta de una variedad de temáticas y puntos de análisis que desde la historia de la tecnología, social o de la movilidad urbana.

Coordinador(es)

Marcelo Mardones Peñaloza
Universidad Diego Portales, Chile
marcelo.mardones@mail.udp.cl

Waldo Vila Muga
Universidad de Chile
waldovila@hotmail.com

Ponencias

Intervención e infraestructura urbana: supresión y recambio tecnológico al Ferrocarril de Circunvalación de Santiago, 1931-1941
Marcelo Mardones Peñaloza
Universidad Diego Portales

La crisis económica de 1929 y su impacto en la movilización colectiva de Santiago y Valparaíso, (1929-1935)

Waldo Vila Muga

Universidad de Chile

Infraestructura tranviaria y modernización urbana, Santiago de Chile 1902-1934

Elisabet Prudent

Universidad de Santiago de Chile

Movilidad y periferias urbanas: el rol del Estado en el transporte público (Santiago de Chile y Valparaíso, 1945-1973)

Simón Castillo Fernández

Universidad Diego Portales

La planificación urbana en transportes colectivos. El Metro de Santiago de Chile, 1969-1980.

Marco González Martínez

Pontificia Universidad Católica de Chile

MESA 22

La forma de la ciudad moderna. Debates iberoamericanos 1930-1970

Resumen

Durante el siglo XIX la ciudad tradicional fue interpelada y puesta en crisis por la consolidación del capitalismo industrial. La articulación sobre el territorio del ciclo capitalista, convirtió a algunas ciudades en piezas fundamentales del sistema económico emergente, lo que las llevó a experimentar una transformación radical de su forma urbana y sus condiciones socio-espaciales.

Frente a los estragos sociales, ambientales y formales que el *laissez faire* económico había causado a la ciudad tradicional, la tarea de formular un proyecto capaz de recuperar un orden formal y social para la ciudad del capital se convirtió en una necesidad imperiosa. Las técnicas de dominio del espacio físico como el paisajismo o la arquitectura se sintieron particularmente convocadas.

La proliferación desde finales del siglo XIX de proyectos concebidos para participar en el debate acerca del orden formal y social de la ciudad moderna, es una prueba del interés que ésta despertó entre arquitectos, urbanistas, paisajistas, filántropos, médicos, sociólogos, y otros.

La industrialización impulsada por los Estados latinoamericanos como respuesta a la crisis económica que se produjo como consecuencia de la caída de la bolsa de New York en 1929, fue creando las condiciones económicas, sociales, políticas y culturales para que la región se convirtiera en un laboratorio para ensayar las utopías y modelos teóricos que la cultura arquitectónica había imaginado y puesto en circulación desde finales del siglo XIX.

Ciudades industriales, ciudades lineales, ciudades jardín, ciudades para el ocio y las vacaciones, ciudades para obreros y empleados, ciudades universitarias, centros cívicos, unidades vecinales, etc., conforman un elenco nutrido de proyectos concebidos, concretados y puestos en circulación como posibles respuestas a la pregunta sobre cuál debía ser el orden social y formal de la ciudad moderna. Esta mesa se propone partir de esos proyectos para construir una narrativa histórica que interrogue los enfoques interpretativos que ha utilizado la historiografía tradicional.

Coordinador(es)

Hugo Mondragón López
Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile
hmondragon@uc.cl

Fernando Arias Lemos
Escuela de Arquitectura y Urbanismo, Universidad Nacional de Colombia
fariasl@unal.edu.co

Ponencias

Ciudad Universitaria de Bogotá. Una nueva forma de hacer ciudad
Rodrigo Marcelo Cortés Solano
Escuela de Arquitectura y Urbanismo, Universidad Nacional de Colombia

La ciudad del *Existenzminimum*. Los barrios para obreros y empleados de la Caja de la Habitación Popular en Santiago de Chile, 1936-1952
Hugo Mondragón López
Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile

La ciudad lineal y la playa urbana: la forma ideal de Viña del Mar
María Macarena Cortés Darrigrande
Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile

La unidad urbana de la metrópolis moderna. Unidades Vecinales en Santiago de Chile. 1955-1975
Umberto Bonomo T. y Shakti Feuerhake G.
Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile

El Centro Cívico para Bogotá de Le Corbusier. 1951
Fernando Arias Lemos
Escuela de Arquitectura y Urbanismo, Universidad Nacional de Colombia

MESA 23

La forma urbana popular como proceso constitutivo de la historia de las ciudades latinoamericanas

Resumen

El urbanismo popular es un fenómeno de poblamiento histórico asociado a la ciudad capitalista, que ha tenido lugar en distintas partes del mundo. Dicho fenómeno puede definirse como el proceso por medio del cual los sectores marginados de la sociedad sin acceso al suelo urbano y a la vivienda han resuelto estas necesidades, dando lugar a una forma específica de urbanización. Este tipo de urbanismo lo conforman tanto el proceso mismo de urbanización característico de los grupos que lo llevan a cabo, que se distingue por la autogestión y la autoproducción de la vivienda –a veces asistida por profesionales de la arquitectura y el urbanismo–, la morfología específica a la que dan lugar, así como por las relaciones que produce ésta en y con el espacio (dinámica socioespacial). Podemos reconocer algunas tipologías de esta forma de urbanismo: las vecindades, las ciudades perdidas, las colonias proletarias y obreras, las colonias populares, las unidades habitacionales y los conjuntos masivos de vivienda. Todas ellas pueden dividirse en dos grandes grupos, dependiendo de quiénes son los agentes clave de la gestión y orquestación de los procesos de urbanización: el urbanismo de los pobres y el urbanismo para los pobres.

Esta perspectiva historiográfica ha sido incipiente y sus aproximaciones son marginales, puesto que la historia de las ciudades ha privilegiado los discursos desde la historia de la arquitectura y el urbanismo institucional. Sin embargo, es urgente (re)construir la historia de las ciudades latinoamericanas incluyendo al urbanismo popular (proceso de poblamiento, gestión y autoconstrucción) y reivindicar su importancia dentro de las mismas, pues más del sesenta por ciento de las urbes de la región comparten y pueden ser explicadas a partir de esta morfología.

En este sentido, se invita a reflexionar sobre los procesos que han dado lugar a la forma urbana popular, la cual puede entenderse como el resultado de las relaciones económicas, políticas, sociales y culturales en el tiempo. Esto puede realizarse desde el estudio de los proyectos, casos, dinámicas, prácticas, personajes y programas que permitan explicar las relaciones que modifican el espacio y las relaciones que se establecen en éste de manera histórica y sistemática en las ciudades latinoamericanas.

Coordinador(es)

Héctor Quiroz Rothe
Facultad de Arquitectura, UNAM
quiroz.urbanismo@gmail.com

Francisco de la Torre Galindo
Profesor de asignatura, Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco
franciscodelatorremx@gmail.com

Ponencias

San Juan de Aragón de Pueblo a Unidad Habitacional para las clases populares de la ciudad de México, 1964
Moisés Alejandro Quiroz Mendoza
Universidad Autónoma Metropolitana-Azcapotzalco

La representación de la ciudad popular a través del cine en México durante la década de 1970 y 1980
Erika Alcantar García
Facultad de Arquitectura, UNAM

La forma de la ciudad popular en el tiempo. Continuidades y divergencias en la ciudad de México
Héctor Quiroz Rothe
Facultad de Arquitectura, UNAM

MESA 24

La interpretación del parque urbano en el siglo XX

Resumen

Pareciera innegable la coherencia del parque urbano con la ciudad del siglo XIX. Adaptado y resignificado en un entorno sin industrialización, las ciudades latinoamericanas lo implementaron con fruición, poco tiempo después que se alzara como sinónimo de modernidad en las grandes capitales del Hemisferio Norte. Sin embargo y a pesar de la contemporaneidad, toda implantación del parque en Latinoamérica puede comprenderse como una transferencia mediada por la interpretación local. ¿Qué sucedió con estos objetos durante el siglo XX? Sin duda el vigor en la producción de verde público no fue el mismo, ni tampoco sus cometidos prácticos y simbólicos. Esta mesa convoca a los investigadores a reflexionar sobre las diversas interpretaciones que el siglo XX imprime a los parques urbanos, desde las prácticas, los discursos políticos, los sentidos culturales, comprendiendo que estos artefactos son herramienta y sensor, instrumentos del urbanismo y la política y, a la vez, representaciones de la cultura urbana.

En este enfoque amplio, el parque es un prisma –o, si se prefiere– un pretexto metodológico para abordar diversas cuestiones urbanas. Por ello, esta mesa invita a hacer este ejercicio de reflexión tanto a quienes han tomado el parque urbano como eje de sus estudios, como a aquellos que se cruzan por él siguiendo otros derroteros. Así, serán bienvenidas Ponencias que reflexionen sobre paisajismo y espacio público, sobre las consideraciones recreativas del verde, sobre la integración programática de cultura y deporte; sobre resistencias ciudadanas a las transformaciones de estos lugares, sobre discursos y políticas públicas que toman el parque como instrumento, entre otras múltiples posibilidades.

Coordinador(es)

Pía Montealegre
Facultad de Arquitectura y Diseño, Universidad Finis Terrae, Chile
pmontealegre@uft.cl

Ana Cláudia Castilho Barone
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de São Paulo, Brasil
anabarone@usp.br

Ponencias

Contenidos ideológicos del parque urbano en los márgenes de la Dictadura chilena

Pía Montealegre

Facultad de Arquitectura y Diseño, Universidad Finis Terrae, Chile

As flutuações do conceito de espaço livre aplicado ao Parque Ibirapuera, da concepção à implementação (1930-1954)

Ana Cláudia Castilho Barone

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, Brasil

Lo sagrado, lo cotidiano y la memoria: Análisis de dos parques urbanos en Buenos Aires

Valentina Rozas-Krause

University of California, Berkeley

Estadios, cuerpos y espectáculos en el parque sudamericano (1920-1940)

Rodrigo Millán Valdés

Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad de São Paulo, Brasil

MESA 25

La modernización de la ciudad latinoamericana: construcción de espacios y lugares de consumo entre los siglos XIX y XX

Resumen

La propuesta de esta mesa es estudiar desde las perspectivas de la historia social, cultural y urbana, las experiencias que los ciudadanos en ciernes tuvieron a partir de la modernización de los espacios y lugares de consumo, en las principales ciudades latinoamericanas entre los siglos XIX y XX. La aparición y consolidación de estos nuevos espacios y lugares modificó los hábitos de consumo e imprimió un estilo cosmopolita a la actividad de comprar y consumir. Este escenario no puede explicarse sin el flujo migratorio extranjero, particularmente europeo, la consolidación de una economía de importación y la extranjerización y búsqueda de distinción de las élites urbanas latinoamericanas. Vemos así que el fenómeno del comercio y consumo está atravesado por varias aristas de análisis: la circulación de ideas, de mercancías, la modificación y aparición de nuevos hábitos de consumo, la consolidación de espacios e interacción de diferentes actores dentro del circuito comercial, todo esto evidenciando un territorio académico rico y susceptible de ser analizado.

La modernización urbana en el continente estuvo caracterizada por la consolidación de las áreas centrales de las ciudades como espacios de confluencia mercantil, allí convergía la población para adquirir una variedad de mercancías entre las que se cuentan ropa y accesorios, alimentos, medicamentos, tecnología para el hogar, entre otros. En estos nuevos espacios se definieron rumbos de consumo y lugares de encuentro entre los distintos sectores sociales, convirtiendo a la actividad comercial en un símbolo de la modernización de la cultura urbana latinoamericana.

La aparición de tiendas departamentales, casas comerciales, restaurantes, etc., de arquitectura cada vez más monumental, luminosa y espaciosa signó, junto con los medios de transporte y las redes de servicios, el ritmo de la modernización y el embellecimiento de las ciudades. Todos estos elementos, además, fueron configurando nuevas subjetividades sobre la vida metropolitana. La experiencia de los ciudadanos/consumidores estuvo influida por los espacios y los comportamientos que debían seguirse en ellos. Así, el tránsito continuo, la visita a estos espacios comerciales y la interacción con los sujetos que los habitaban marcaron su apropiación, convirtiéndolos en lugares de una experiencia tan relevante como el valor simbólico de los bienes materiales que definieron modelos de representación de una vida urbana moderna.

En este sentido, la mesa invita a debatir en torno a la cultura metropolitana en la Latinoamérica de entre siglos que se fue construyendo a partir de la experiencia del consumo de sus habitantes. Proceso en el que las ciudades se fueron caracterizando espacialmente por la delimitación de unas rutas comerciales que condicionaron los caminos, las calles y los recorridos de los habitantes. Asimismo, los espacios interiores de los nacientes comercios plantearon nuevas miradas sobre el consumo, proponiendo aspectos novedosos como la exhibición de las mercancías, la luminosidad de las salas y la decoración de las vitrinas. En suma, tanto espacios exteriores como interiores son parte del análisis del consumo y de las subjetividades que surgieron en los habitantes de las urbes en torno a esta actividad entendida, en esta propuesta, más como un fenómeno cultural que económico.

Coordinador(es)

Jenny Cristina Sánchez Parra
Universidad Autónoma Metropolitana-Cuajimalpa, México
jcristinasanchezp@gmail.com

Pablo Páez González
Doctorado en Arquitectura y Estudios Urbanos, Pontificia Universidad Católica de Chile
pablopaezg@gmail.com

Ponencias

Las tiendas por departamentos como paradigmas de la ciudad moderna:
construcción y distribución de los espacios comerciales en la ciudad de México en los albores del siglo XX
Cristina Sánchez Parra
Universidad Autónoma Metropolitana-Cuajimalpa

La construcción social del espacio en los restaurantes de la ciudad de México a principios del siglo XX
Víctor Maximino Martínez Ocampo
Facultad de Filosofía y Letras, UNAM

Impacto urbano de la modernización del comercio minorista: Santiago de Chile, 1850-1930
Jacqueline Dussailant Christie
CIDOC, Universidad Finis Terrae, Chile

El Bazar Veracruz: inmigrantes judíos, comercio transatlántico y cambio urbano en la Bogotá de finales del siglo XIX

Enrique Martínez Ruiz

Archivo de Bogotá, Colombia

La “sala de baño” en la publicidad de las casas comerciales de importación: nuevos espacios y valores de consumo en Chile a inicios del siglo XX

Pablo Páez González

Doctorado en Arquitectura y Estudios Urbanos, Pontificia Universidad Católica de Chile

MESA 26

La vida urbana moderna entre la representación y la experiencia. Bogotá, Buenos Aires, Lima, México y Santiago de Chile en el siglo XX

Resumen

¿Qué historia se puede contar de una ciudad? ¿La historia de sus calles, edificios y monumentos, de los cambios de la política, de las representaciones de la ciudad, de sus supuestas esencias o su alma, de la vida diaria de la gente que la habita?

Esta mesa propone una exploración de cinco temas localizados en cinco ciudades latinoamericanas en diversos momentos del siglo XX. Los cinco trabajos discuten problemas del consumo –la salud, la alimentación, el transporte, la basura y la venta ambulante– que son dimensiones ineludibles al momento de explorar la vida en la ciudad moderna. Es el consumo el hilván de estas presentaciones enfocadas en la atención hospitalaria en México, la pizza y las pizzerías en Buenos Aires, el transporte en Santiago de Chile, la basura en Bogotá y la venta ambulante en Lima. Lejos de pensar en historias urbanas armadas exclusivamente en torno a representaciones visuales o escritas de estos asuntos, esta mesa propone explorar cuatro problemas. En primer lugar, discutir la tensión entre los variados discursos sobre la vida en la ciudad y las experiencias de vida en la ciudad, esto es, el reconocimiento de que la historia es más que discursos. En segundo lugar, subrayar la relevancia de la dimensión local al momento de pensar la historia de una ciudad, esto es, destacar que los fenómenos definitivamente urbanos adquieren real espesura cuando son discutidos en tiempo y espacio específicos bien definidos y no como problemas meramente “globales”, presentes en cualquier ciudad moderna. En tercer lugar, advertir que para muchas dimensiones socio-culturales de la vida urbana la historia política no siempre –o no necesariamente– permite organizar una narrativa explicativa y enfocada de esos problemas; dicho de otro modo, no se trata de ignorar la historia política en la historia de la ciudad o prescindir de la periodización ofrecida por la historia política, sino de explorar sus limitaciones al momento de abordar algunos problemas urbanos, en este caso problemas firmemente anclados en el mundo del consumo. En cuarto lugar, los trabajos se empeñan en lidiar con los cambios y continuidades que a lo largo de períodos más o menos extensos –las presentaciones no cubren las mismas décadas del siglo XX– marcan las historias enfocadas de esos problemas urbanos del consumo. Esperamos que los estudios puntuales en las cinco ciudades elegidas nos permitan ilustrar una problemática compleja y amplia como es la de las diferencias y similitudes que han marcado la historia de las modernidades urbanas latinoamericanas, no en singular sino en

plural.

Coordinador(es)

Diego Armus
Swarthmore College, Estados Unidos
darmus1@swarthmore.edu

Claudia Agostoni
Instituto de Investigaciones Históricas, UNAM
agostoni@unam.mx

Ponencias

Manejar por la derecha. Controversias técnicas y norteamericanización de la cultura de la movilidad en Santiago de Chile a comienzos del siglo XX
Rodrigo Booth
Universidad de Chile

Modernidad hospitalaria y consulta médica en la ciudad de México, 1943-1960
Claudia Agostoni
Instituto de Investigaciones Históricas, UNAM

Comer pizza en el Buenos Aires moderno
Diego Armus
Swarthmore College, Estados Unidos

La basura como experiencia cotidiana en la Bogotá del siglo XX
Stefania Gallini
Departamento de Historia, Universidad Nacional de Colombia

Ciudad tomada. Los ambulantes, la ciudad, la crisis (Lima, 1980-2000)
Jesús Antonio Cosamalón Aguilar
Departamento de Humanidades, Pontificia Universidad Católica del Perú

MESA 27

Las ciencias sociales, la política pública y el ‘problema’ de la ciudad latinoamericana (1940s-1990s)

Resumen

Para las ciudades latinoamericanas, las décadas que siguieron a la Segunda Guerra Mundial representaron un tiempo colmado de posibilidades, incertidumbres y riesgos. Por una parte, la premisa de que existía un modelo único de ciudad –inspirado en la historia de las ciudades de los Estados Unidos y Europa– perdió fuerza, a medida que las ciencias sociales comenzaron a estudiar ciudades en el “Sur Global.” Durante los años cuarenta y cincuenta, emergió un diálogo latinoamericanista – entre antropólogos, sociólogos, urbanistas, ambientalistas, trabajadores sociales y otros– que postuló la existencia de una “ciudad latinoamericana,” una construcción intelectual sostenida por temas como la migración del campo a la ciudad, la industrialización y, de manera más general, los cambios sociales comprendidos en la teoría de modernización. En el contexto de la posguerra, este proceso de cambio aparecía como plagado de peligros y riesgos: de explosiones demográficas, revoluciones urbanas y desastres ecológicos. Así, el problema de la ciudad era, a un tiempo, intelectual, político y técnico, susceptible de ser enfrentado por medio de políticas públicas.

Esta mesa temática interroga este campo minado, explorando cómo diferentes disciplinas y expertos construyeron y enfrentaron el problema de la ciudad latinoamericana entre los años cuarenta y noventa del siglo veinte. En la mesa se intersectan, entonces, la historia intelectual de las ciudades, la historia de las políticas públicas y la historia política y social. Nuestra historia intelectual destaca la originalidad del conocimiento producido en América Latina; es decir, no lo entiende como derivado de los Estados Unidos y Europa. Al mismo tiempo, nuestra mesa explora cómo las ciudades latinoamericanas contribuyeron al desarrollo de saberes y prácticas científicas y cómo éstos constituyeron, al mismo tiempo, a la ciudad. Finalmente, interrogamos la relación entre políticas públicas y los conflictos políticos y sociales generados por ellas.

La mesa formula, entre otras, las siguientes preguntas: ¿A partir de qué coordenadas intelectuales se construyó la idea de la ciudad latinoamericana? ¿Qué disciplinas participaron en esta construcción intelectual? ¿Cómo contribuyó el problema de la ciudad, y la reflexión científica en torno a ella, al desarrollo de las ciencias sociales en el siglo veinte? ¿Cuál fue la relación entre la ciudad como construcción intelectual y las políticas públicas que hicieron de la ciudad su objeto? ¿Cómo definieron estas ideas y políticas públicas nociones como formal e informal, regular e irregular? ¿Cómo resistieron a estas políticas públicas tales grupos sociales como los residentes de colonias populares o movimientos sociales? ¿Cómo se adaptaron a ellas y cómo

las usaron para perseguir sus propios intereses? ¿Cómo articularon estas políticas públicas un campo político en el que participan expertos urbanos y grupos sociales populares?

Coordinador(es)

Emilio de Antuñano
Universidad de California, San Diego
emilio.deantunano.v@gmail.com

Matthew Vitz
University of California, San Diego
mvitz@ucsd.edu

Ponencias

El urbanismo, la antropología y el tugurio en la ciudad de México de los años cincuenta

Emilio de Antuñano
Universidad de California, San Diego

“Rectificar” el Tunjuelo para “rectificar” a Tunjuelito: ambiente, urbanización popular y planeación urbana a mediados del siglo XX en Bogotá, Colombia

Vladimir Sánchez-Calderón
Universidad Industrial de Santander, Colombia

De la urbanización en América Latina a los orígenes del peronismo: implicancias políticas de una encrucijada conceptual

Valeria Laura Snitcofsky
Centro de Investigaciones de Historia de la Vivienda en América Latina,
CONICET, Argentina
Adriana Laura Massidda
Centro de Estudios Urbanos y Regionales, CONICET, Argentina

O Serviço Social e as favelas cariocas entre 1945 e 1964

Rafael Soares Gonçalves
Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro

El ambientalismo urbano en México. Historia social, el ambiente construido y las cambiantes políticas del estado a finales del siglo XX

Matthew Vitz
Universidad de California, San Diego

MESA 28

Las ciudades de la América española como escenarios económicos y sociales de los descendientes de africanos, esclavos y libres. Siglos XVII-XIX

Resumen

La presente mesa busca explorar diversas posibilidades en las cuales la población de origen africano, esclava y libre, se desarrolló en el territorio urbano, de entrada, no todos vivieron segregados en los márgenes de la traza. Por otro lado, pueden existir otras variables además de la calidad y condición que determinaron que un conjunto de ellos se concentrara en espacios específicos, quizá el acceso a los recursos naturales o la cercanía con los sectores productivos, y cómo esto pudo haber cambiado con el devenir de los años. Asimismo, las ciudades y villas fueron sedes de las principales instituciones eclesiásticas y civiles, esto determinó un contacto cercano con los representantes de las autoridades, un aparente mayor control y también accesibilidad para acudir a los foros de justicia. Por tanto, el objetivo de esta propuesta temática es problematizar cómo los descendientes de africanos interactuaron con el espacio urbano, y a la vez lo influyeron. Se busca transitar de ver a las ciudades como telón de fondo para abordarlas como un actor histórico. En esta dinámica, la escala de análisis es muy diversa, desde lo micro, analizando historias de vida, familias, género, espacio habitado y relaciones afectivas; hasta un enfoque más amplio y comparativo con otros actores y escenarios de Iberoamérica.

Coordinador(es)

Rafael Castañeda García
Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación, UNAM
rafauami@hotmail.com

Norah Andrews Gharala
Department of History and Politics, Georgian Court University
norah.l.a.gharala@gmail.com

Ponencias

La libertad municipal en el Perú colonial
Rachel Sarah O'Toole
University of California, Irvine

Esclavizados afrodescendientes en Santiago de Chile tardo colonial: una aproximación desde las fuentes judiciales

Carolina González Undurraga
Universidad de Chile

Redes urbanas de africanos y asiáticos esclavizados: casos preliminares de la Ciudad de México

Norah L. Andrews Gharala
Georgian Court University

Historias individuales de negociación. El cobro del tributo a los negros y mulatos libres en algunas ciudades novohispanas, 1770-1810

Rafael Castañeda García
Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación, UNAM

MESA 29

Las fronteras de la ciudad: expansión, periferias y representaciones gráficas en la metropolización de las ciudades de América Latina

Resumen

Las zonas de crecimiento de las ciudades han sido, desde temprano, un terreno de conflictos entre las autoridades –que intentan controlar las formas materiales de la expansión– y los múltiples actores y factores que operan mediante conflictos e intereses contrapuestos en la ocupación progresiva de los bordes. El esfuerzo clásico por circunscribir ciudades cerradas y jerarquizadas adquirió nuevas aristas durante el siglo XIX, cuando una amplia gama de alternativas apuntaron a regular un crecimiento visto como amenaza higiénica, social y moral. En América Latina, a fines del ochocientos las fronteras se ampliaron para englobar tierras rurales o anexar comunas vecinas, como ámbitos para la futura ocupación. Ya entrado el siglo XX, cuando las migraciones del campo a la ciudad se volvieron un tema problema prioritario, fue el turno de la puesta en marcha de las regiones metropolitanas, mientras el hábitat precario signaba el paisaje de las afueras y el amplio cinturón de suburbios populares y barrios acomodados.

Los espacios fronterizos siguen siendo pensados como lugares problemáticos donde se desafía el orden de la ciudad consolidada, y donde nace nueva ciudad sobre los relictos de otros tiempos. En ese contexto problemático, se intenta interrogar los procesos de expansión –cuyas características y temporalidades difieren en las diferentes geografías– así como los saberes, instrumentos y dispositivos mediante los cuales se intentó controlar el crecimiento de las ciudades. Más particularmente se propone reflexionar sobre las conexiones de la expansión con la organización territorial, las infraestructuras, la morfología urbana, las tipologías edificatorias y los nuevos modos de habitar que van marcando las etapas del crecimiento metropolitano. La convocatoria busca reunir trabajos que traten sobre aspectos problemáticos de las fronteras y las periferias desde una perspectiva histórica, especialmente en lo referido a las relaciones entre los procesos territoriales, los instrumentos técnicos y las nociones disciplinares. Mapas y gráficos: las cartografías, grabados y dibujos que se producen sobre los bordes registran territorios y situaciones existentes, a la vez que, en tanto fuentes, remiten al campo de ideas y de producción en los que se producen.

Crecimiento y preexistencias: ya ha sido observado que la ampliación de la edificación no se produce sobre tierras vacías. Se trata de reconocer las numerosas marcas que, originadas en órdenes territoriales diversos, definen al menos en parte las lógicas de la expansión.

Saberes e instrumentos para la intervención y el control: la ciudad que se amplía ha sido objeto de interés para las autoridades, los profesionales y los especialistas, que fueron formulando definiciones, métodos, estudios, planes y documentos cuya transformación en el tiempo constituye un punto de interés de la historia de la urbanística.

Libros, nociones y conceptos sobre la expansión urbana: un léxico profuso se utilizó a lo largo de la historia, para caracterizar esas configuraciones territoriales. Desde designaciones como “gran ciudad” o “aglomeración” a las metáforas más recientes que remiten a ciudades “archipiélago”, “difusas”, “post industriales”, las denominaciones que se proponen en la literatura académica contribuyen a los procesos de conocer el territorio metropolitano que pueden ser objeto de estudio.

Coordinador(es)

Germán Hidalgo Hermosilla
Pontificia Universidad Católica de Chile
ghidalgb@uc.cl

Alicia Novick
Universidad Nacional de Buenos Aires, Universidad Nacional de General
Sarmiento, Argentina
alicianovick09@gmail.com

Ponencias

Los esquemas del crecimiento de la ciudad desde el urbanismo: menos es menos
Alicia Novick
Universidad Nacional de Buenos Aires, Universidad Nacional de General
Sarmiento, Argentina

El plano de Santiago de Ernesto Ansart de 1875: la forma de la ciudad que el plan
de transformación de Benjamín Vicuña Mackenna oculta
Germán Hidalgo y Wren Strabucchi
Pontificia Universidad Católica de Chile

Mapas callejeros, o cómo transitar el Área Metropolitana de Buenos Aires. La guía
Filcar de planos suburbanos de 1955
Ana Gómez Pintus y Florencia Minatta
CONICET, Universidad Nacional de La Plata, Argentina

El revés de la trama: los canales del maipo y la prefiguración del territorio urbano.

Santiago de Chile, 1857-1907

Sandra Iturriaga

Pontificia Universidad Católica de Chile

Transformando el arrabal. Urbanización y sectores populares en la periferia sur de Santiago, 1900- 1925.

Waldo Vila Muga

Universidad de Chile

MESA 30

Las infraestructuras y el equipamiento urbano. **Medios de construcción de desigualdad territorial**

Resumen

Se propone una mesa temática que analice, en diferentes ciudades iberoamericanas, el proceso histórico de construcción simultánea de las infraestructuras y servicios esenciales, las principales obras públicas y privadas, los planes reguladores y las normativas que le dieron forma, desde la perspectiva de la configuración de desigualdades territoriales en las mismas. Estas desigualdades físicamente localizadas han intervenido como potenciadoras de las diferencias sociales y económicas de la población. Así, las políticas públicas de urbanización, la actividad de las empresas privadas y de otras instituciones de la sociedad, han contribuido a la construcción de los territorios urbanos que terminaron distinguiéndose como barrios elegantes con alto valor del suelo, barrios para trabajadores (obreros y de cuello blanco) con tierras más baratas, y barrios para profesionales, empleados jerárquicos, comerciantes y pequeños propietarios (clase media), cuyos terrenos son intermedios. Las zonas degradadas y marginadas, de escaso valor, pueden haber sido apropiadas de hecho por pobladores muy pobres o indigentes.

Si bien se ha dicho que en las ciudades modernas o capitalista, el uso del suelo urbano se regula por la magnitud de la renta (Lefebvre, Lojkine, Topalov), se busca explicar cómo esa renta urbana de suelo ha sido construida por la acción política del Estado, y otros agentes que hacen las ciudades, creando en cada intervención una desigualdad con el resto. Así, las sucesivas intervenciones a través del tiempo, terminan por dar lugar a zonas con tierras de precios y rentas muy altas, otras muy bajas y otras intermedias. Esas diferencias se explican por los condiciones de vida que permiten los distintos lugares, debido a la mayor o menor provisión de servicios y equipamiento urbano.

Recorriendo la historia de las ciudades se pueden destacar dos períodos en que las ciudades tuvieron cambios acelerados en la dotación de servicios y equipamiento urbano: uno, que va desde 1870/80 a 1910/20, caracterizado por la influencia de la modernidad europea; y, otro, de finales de la década de 1940 hasta 1980, cuyas características remiten a las novedades promovidas por la modernidad norteamericana.

Coordinador(es)

Hira de Gortari Rabiela
Instituto de Investigaciones Sociales, UNAM
gortari@sociales.unam.mx

Pedro A. Novo López
Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea
pedro.novo@ehu.eus

Ponencias

La ciudad de México de finales del siglo XIX y principios del XX, ¿una nueva ciudad?

Hira de Gortari Rabiela
Instituto de Investigaciones Sociales, UNAM

Servicios esenciales y desigualdad en Bilbao. El abastecimiento de agua y la recolección de los residuos sólidos y líquidos (1875-1930)
Pedro A. Novo López y Karmele Zarraga Sangroniz
Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea y Universidad Nacional de Educación a Distancia

Modernidad, civilidad y mobiliario urbano. 1870-1920
Rosalva Loreto López
Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México

Cuatro modelos en la construcción de la desigualdad territorial de la ciudad argentina de Córdoba (1573, 1860, 1890, 1960).
Miguel Ángel Haiquel Bollini
Universidad Nacional de Córdoba, Argentina

El servicio municipal de limpiezas y la gestión de los residuos urbanos en Madrid, 1895-1936: insalubridad y desequilibrio medioambiental
Nuria Rodríguez Martín
Universidad Complutense de Madrid, España

MESA 31

Los bordes de aguas en la ciudad iberoamericana: oportunidades y desafíos de planeamiento urbano

Resumen

En el devenir del proceso de conformación de las ciudades iberoamericanas, se observan distintas fases de la relación entre los bordes del agua y la ciudad. En la época de las fundaciones de las ciudades el vínculo entre la ciudad y el agua tiene un sentido utilitario. El mismo era sinónimo de oportunidad ya que provenía de recursos para la subsistencia de las poblaciones y favorecían vínculos con otros territorios, pero a su vez fue amenaza, ya sea de invasiones enemigas o de inclemencias climáticas adversas. No se concebía de ninguna manera una ciudad vinculada al agua como sitio de contemplación o con fines de esparcimiento. El lugar público recreativo era la plaza en los centros principales, un lugar controlado en presencia de las instituciones representativas del poder.

A principios del siglo XX, ya iniciadas las vidas independientes de nuestros países iberoamericanos, un cambio en la sensibilidad provocó la búsqueda de la costa como sitio saludable y recreativo. La población va a la búsqueda de del agua y el sol, de los intersticios de naturaleza próxima a la ciudad. Algunos planes y proyectos urbanísticos atentos a esta tendencia, habilitaron el acercamiento del Hombre a los bordes de agua.

Sin embargo, a mediados del siglo XX, la intensa urbanización e industrialización de las ciudades iberoamericanas provocó efectos adversos en los cursos de agua y en el ecosistema urbano en general. Se observa la artificialización de los sistemas fluviales, con la modificación del régimen y dinámica de varios ríos urbanos. Al mismo tiempo, los bordes de ríos y mares son ocupados por industrias o viviendas irregulares que contribuyeron a la contaminación y degradación de sus aguas. A finales del siglo XX, ante el paradigma del desarrollo sostenible, se reincorporan los ríos y mares al discurso urbanístico. Los bordes de agua se fueron convirtiendo en objeto de planes y proyectos en favor de una ciudad ambientalmente equilibrada, con un paisaje calificado y sostenible y al mismo tiempo atractivo. No obstante, se observa que diversas intervenciones en los bordes de agua tienen como propósito principal transformar las ciudades en tarjetas postales o escenarios turísticos destinados a la captura de la plusvalía urbana, en conflicto con el discurso orientado a la promoción de un mejor ambiente y equidad socio-territorial.

Esta propuesta tiene como objetivo reunir un conjunto de reflexiones sobre los planes y proyectos urbanos y los bordes de agua en cuatro ciudades de América Latina: Sao Paulo, Río de Janeiro (Brasil), Montevideo (Uruguay) y Lisboa (Portugal).

Se busca presentar similitudes y diferencias entre las transformaciones territoriales, los procesos de construcción de nuevas relaciones tierra-agua y los paradigmas teórico-conceptuales que sustentan los planes y proyectos urbanos de estas importantes ciudades iberoamericanas. Y principalmente, discutir cuáles son las oportunidades y los desafíos de los planes y proyectos urbanos formulados en la actualidad para las ciudades iberoamericanas frente a la valoración de los bordes de agua, y a la perspectiva de integración entre ciudad y naturaleza.

Coordinador(es)

Angélica Tanus Benatti Alvim
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil
angelica.alvim@mackenzie.br

Mercedes Medina
Universidad de la República-Udelar, Uruguay
mmedina@farq.edu.uy

Ponencias

Montevideo y su río. Su devenir histórico, planes y proyectos
Mercedes Medina
Universidad de la República-Udelar, Uruguay

Montevideo. Cuñas verdes para la ciudad interior
Eleonora Leicht
Universidad de la República-Udelar, Uruguay

Rio Tietê e a cidade de São Paulo (Brasil): história, atualidade e perspectivas dos planos e projetos urbanos
Angélica Tanus Benatti Alvim
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil

A Região Portuária do Rio de Janeiro e suas relações com a frente de água

Eunice Helena Sguizzardi Abascal

**Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie,
São Paulo, Brasil**

A articulação Rio-Cidade: limites e desafios do planeamento de Lisboa, Portugal

Maria Teresa Craveiro Pereira

**Universidade Lusófona de Lisboa, Deputada da Câmara Municipal de Lisboa,
Portugal**

MESA 32

Los paisajes que no vemos. Cuestionando la dicotomía ciudad-naturaleza

Resumen

Pensar el binomio Ciudad-Naturaleza desde el ámbito espacial supone considerar categorías tales como paisaje, territorio, región y lugar para comprender y explicar los complejos procesos urbanos que se han dado en las ciudades iberoamericanas a lo largo de su historia.

Si bien la noción de paisaje definida por la Convención Europea del Paisaje (2000) como “cualquier parte del territorio, tal y como es percibida por las poblaciones, cuyo carácter resulta de la acción de los factores naturales y humanos y de sus interrelaciones”; el paisaje no es sólo una marca en el territorio, es también la huella, rastro o seña profunda y duradera dejada en la memoria individual y colectiva. Es el resultado del proyecto de un grupo social en su vínculo con el territorio. No es posible, por tanto, una aproximación a las alteraciones urbanas en Iberoamérica sin considerar las profundas contradicciones y tensiones en las que se erige la dualidad ciudad/naturaleza.

Al ser el paisaje una construcción permanente, inacabada en sí misma, al igual que su conceptualización, siempre en transformación; apostamos por una mirada que se suma a este devenir y que analiza actores, tensiones y conflictos en la producción de paisajes como resultado de la relación sociedad-naturaleza a través de diferentes escalas temporales.

Apuntamos nuestra mirada hacia aquellas áreas urbanas que han sido las receptoras, colectoras o destinatarias forzosas de infraestructuras o planificaciones urbanas y/o estructuras arquitectónicas causantes de tensiones suscitadas por la fricción ciudad-naturaleza y en donde es posible deconstruir procesos históricos visibles todavía, en las ciudades iberoamericanas.

Asimismo deseamos cavilar sobre el par ciudad-naturaleza desde una mirada descentrada. Reparar sobre los bordes, las afueras, la periferia, los márgenes y confines, áreas –materiales y simbólicas- que frecuentemente confrontan el par ciudad-naturaleza en numerosos casos iberoamericanos, resultan el eje de nuestra mirada. Algunos de los interrogantes que se esperan abordar, aunque no están restringidos a ellos, son: ¿Desde cuándo y por qué existen estas tensiones ciudad-naturaleza? ¿Qué consecuencias discursivas y materiales tiene esta perspectiva dual en la planeación y el habitar las ciudades? ¿Por qué razón se transformaron

de esa manera los paisajes? ¿En la actualidad hacia dónde tiende a transformarse el paisaje urbano en cuestión?

Bajo estos supuestos, proponemos una mesa de discusión con participación interdisciplinar en donde se analicen, desde diversas perspectivas, problemáticas en torno a la tensión que supone la relación y separación (discursiva y práctica) de la naturaleza frente a los entornos urbanos buscando el sentido de los cambios suscitados, las ideas que los desencadenaron y las huellas dejadas en el paisaje.

Coordinador(es)

Franco Marchionni

Instituto Argentino de Investigaciones de las Zonas Áridas, IADIZA CONICET,
Argentina
fmarchionni@mendoza-conicet.gob.ar

Guadalupe de la Torre Villalpando

Escuela Nacional de Conservación, Restauración y Museografía, Instituto Nacional
de Antropología e Historia, México
guadalupe_torre_v@encrym.edu.mx

Ponencias

Patrimonio industrial y recursos hídricos en el devenir de las ciudades de
Salvatierra y San Miguel de Allende, Guanajuato

Raquel Beato King y Guadalupe de la Torre Villalpando

Escuela Nacional de Conservación, Restauración y Museografía, INAH

Paisajes de la ruralidad metropolitana del siglo XXI. El caso de Mendoza,
Argentina

Gabriela Pastor, Laura Torres y Franco Marchionni

Instituto Argentino de Investigaciones de las Zonas Áridas (IADIZA)-CONICET,
Mza. Argentina Universidad Nacional de Cuyo, Argentina

Transformación de las relaciones urbano-rurales ante la disminución de la
agroindustria henequenera Mérida-Valladolid

Sofía Riojas Paz

Doctorado Interinstitucional en Ciencias del Hábitat Universidad Autónoma de
San Luis Potosí, Universidad Autónoma de Yucatán

Ciudad vs. Oasis en Mendoza, Argentina; el avance de la urbanización sobre el paisaje vitivinícola

Liliana Girini, Carina Médico y M. Jimena Vicchi

ICAU-Instituto de Cultura Arquitectónica y Urbana FAUD-Universidad de Mendoza, Argentina

Territorializar el capital desterritorializando lo rural: consecuencias territoriales asociados a los cambios en el uso del suelo del Valle Antinaco Los Colorados, La Rioja, Argentina

Pablo Montilla, Laura Torres

Universidad Nacional de Chilecito-Instituto de Ambiente de Montaña y Regiones Áridas, Argentina. Instituto Argentino de Investigaciones de las Zonas Áridas-Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Argentina

MESA 33

Magallanes 2020, “Territorio sin Fronteras”: historia, patrimonio y cultura urbana en el estrecho del fin del mundo

Resumen

En el actual contexto de transformación urbana planetaria y cambio climático, las regiones extremas del mundo comienzan a tener un papel primordial en la discusión global como territorios de reserva de la biosfera y futuros lugares de expansión de los asentamientos humanos. En este contexto, la región de Magallanes y la Antártica Chilena, en Chile, se presenta como un lugar estratégico, cuya importancia en el proceso de globalización del mundo remonta hace casi 500 años.

Proponemos percibir la región de Magallanes como un “Territorio sin Fronteras”, lo cual requiere de un apropiado entendimiento de las valiosas contribuciones culturales hechas por países como Italia, España y Portugal, en el descubrimiento y construcción de un territorio que fue la primera ruta transoceánica del mundo. En sus 500 años de historia, el Estrecho de Magallanes y los asentamientos humanos alrededor de él, han sido construidos no sólo por las comunidades locales (chilenas e indígenas), sino con la cooperación de numerosas colonias, edificando una identidad multicultural y multinacional. Importantes personajes extranjeros han visitado la región, como Hernando de Magallanes y José Nogueira (Portugal), Pedro Sarmiento de Gamboa (España), Antonio Pigafetta y Antonio María de Agostini (Italia), Charles Darwin (Inglaterra), Anne Chapman (EEUU), entre otros.

Consideramos que investigar Magallanes desde este aspecto cultural, que ha incidido en sus ciudades y pueblos, arquitecturas y paisajes, patrimonios, imaginarios y visiones de futuro, es fundamental, y que actualmente no ha sido suficientemente integrado en el desarrollo territorial sustentable de la región, como cuarto pilar de la sustentabilidad. Con ocasión de la celebración de los cinco siglos del descubrimiento del Estrecho de Magallanes, proponemos una serie de lecturas sobre esta condición cultural en diversas dimensiones de su historia urbana, regional y global, las cuales se hacen necesarias conocer para comprender los procesos urbanos y territoriales que ha experimentado, con perspectiva histórica, y para planificar equilibradamente su desarrollo futuro.

Esta mesa temática se enmarca en las actividades del Clúster de Investigación Magallanes 2020 de la Escuela de Arquitectura de la Pontificia Universidad Católica de Chile, con el apoyo de su Centro del Patrimonio Cultural; y en el contexto del Proyecto REDES de CONICYT (Chile) “Territorio sin fronteras:

desarrollo territorial sustentable para Magallanes. Miradas y experiencias nacionales e internacionales: Chile-Italia-España-Portugal”, en alianza con la Escuela de Arquitectura, Urbanística e Ingeniería de la Construcción, Departamento de Arquitectura y Estudios Urbanos, Politecnico di Milano, Italia; de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universidad Politécnica de Cataluña, España; y de la Facultad de Arquitectura de la Universidad de Lisboa, Portugal.

Coordinador(es)

Umberto Bonomo
Escuela de Arquitectura y Centro del Patrimonio Cultural, Pontificia Universidad Católica de Chile
ubonomo@uc.cl

Andrea Gritti
Escuela de Arquitectura, Urbanística e Ingeniería de la Construcción,
Departamento de Arquitectura y Estudios Urbanos, Politecnico di Milano, Italia
andrea.gritti@polimi.it

Ponencias

Los albores de la historia urbana y territorial de Magallanes y la Patagonia: las contribuciones de Pigafetta y De Agostini
Umberto Bonomo, Andrea Gritti y Federico Bucci
Pontificia Universidad Católica de Chile-Politecnico di Milano

Desde la colonización ganadera a la turística, Puerto Natales en el siglo XX
Macarena Cortés Darrigrande
Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile

La Transferencia cultural y la transformación del territorio americano. Distintos modelos en Magallanes, Chile
Yolanda Muñoz Lozano
Doctorado en Arquitectura y Estudios Urbanos, Pontificia Universidad Católica de Chile

Planos y planes de la ciudad del centro histórico de Punta Arenas (1868-1920). Las capas de su historia urbana
Carlos Silva Pedraza
Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile

MESA 34

Mapeando representações de metrópoles ibero-americanas **–da historiografia às imagens digitais: por uma nova “narrativa”.** **São Paulo e Buenos Aires**

Resumen

A rica historiografia que vem se constituindo há decênios, sobre as cidades ibero-americanas, permite-nos, hoje, sugerir outros métodos além dos discursivos para expor questões que as caracterizam; trata-se de construir visualizações digitais em torno de portais temáticos, criando narrativas sequenciais de imagens justapostas. Propõe-se nova percepção das transformações das cidades pela montagem de dados de arquivos em camadas de temporalidade visual, graças à tecnologia dos softwares. O mapeamento de estágios da evolução histórica e espacial urbana proposto, que se inicia com estudos sobre São Paulo e Buenos Aires (mas espera acolher equipes de outras metrópoles do continente), baseia-se em metodologia de professores, teóricos e designers da Graduate School of Design (Harvard University) que, sob o apoio da Andrew W. Mellon Foundation, estudaram Berlim, Istambul, Bombaim e Boston. Os resultados foram mostrados em exposição itinerante, em 2018, cujo título explicita a proposta: *Urban Intermedia: city, archive, narrative*. (Pesquisa e exposição em projeto sobre São Paulo, bem como essa mesa, idealizadas por Heliana Salgueiro, inscrevem-se na iniciativa acima, coordenada por Eve Blau, recebendo sua assessoria científica).

Essa linha de pesquisas remonta, porém, a reflexões anteriores que privilegiaram imagens em urbanismo –O. Söderstrom, *Des images pour agir. Le Visuel en urbanisme*, 2000; *Les Cahiers de la recherche architecturale et urbaine. Pouvoir des Figures*, n. 8, 2001–, e a trabalhos anteriores de coordenadores e participantes dessa mesa. O fato de se ir além do processo narrativo escrito (ainda que este tenha sempre usado imagens) e inscrever-se em formas de comunicação visual (correntes já há alguns anos, a exemplo: Lev Manovich, *The Language of New Media*, 2001), atinge hoje outro estágio, aplicando-se às humanidades (Jeffrey Schnapp et al, *Digital Humanities*, 2016).

O trabalho de mapear representações urbanas combina suportes diversos: documentos escritos de arquivo e coleções, cartografia, fotografia, desenhos arquitetônicos, projetos, gráficos, filmes, vídeos –linguagens distintas, mas complementares, que associadas, escalonadas e superpostas pelos softwares explicitam situações da história de cada cidade. O objetivo é formar um corpus substancial de visualizações contextualizadas em torno de temas definidos pela

pesquisa, a exemplo: evolução morfológica de setores da cidade, fatos de impacto, como infra-estruturas e outras intervenções no tecido urbano, natureza e paisagem urbana, migrações e mobilidade social no espaço urbano, ocupação/segregação, atores/ideários e cultura urbanística. Segundo Blau, o processo analítico de exibir visualmente questões sociais, políticas, econômicas e culturais pelas possibilidades da tecnologia em montar narrativas ou “contar histórias” em múltiplas dimensões, aumenta a visibilidade da pesquisa das ciências humanas. Sabe-se que só a interdisciplinaridade pode dar conta da complexidade e da dinâmica da evolução urbana nos séculos XX e XXI, e que o modo visual de expor e reinterpretar dados tradicionais sob ritmos alternativos de compreensão e de comunicação são próprios à nossa screen culture cotidiana.

Assim, este projeto experimental propõe-se a estruturar uma plataforma de questões partindo da metodologia de mídias tecnológicas, capaz de formalizar novos relatos das metrópoles ibero-americanas pela visualização da arqueologia de suas formas e processos históricos particulares, porém em torno de problemas urbanos globais de população, espaço e território.

Coordinador(es)

Heliana Angotti-Salgueiro
Universidade Presbiteriana Mackenzie, PPGAU- FAU, São Paulo, Brasil
angotti@usp.br

Eve Blau
Harvard University, Graduate School of Design. Cambridge, EUA
eblau@gsd.harvard.edu

Ponencias

“Dar a ver o que de outra forma não se vê”: cartografias regressivas, novas narrativas urbanas, SIGs Históricos e outras mídias – o caso do Centro Histórico de São Paulo (1809-1942)

Profa. Dra. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, Brasil

Imágenes, planes, proyectos y mapas en la construcción de Buenos Aires
Alicia Novick y Graciela Favelukes
Instituto del Conurbano, Universidad Nacional de General Sarmiento Instituto de Arte Americano, Universidad de Buenos Aires, Argentina. CONICET/Instituto de Arte Americano, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Bandeirantes na metrópole-figurações de uma personagem histórica em espaços hierarquizados da cidade

Paulo César Garcez Marins

Universidade de São Paulo-Museu Paulista, PPG-FAUUSP/FAPESP

Bordas, limites e permeabilidades: novas leituras de São Paulo e suas cartografias.

Ricardo Hernan Medrano

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-Universidade Presbiteriana Mackenzie,

Brasil/Instituto de Arte Americano-Facultad de Arquitectura, Urbanismo y

Diseño-Universidad de Buenos Aires, Argentina

MESA 35

Memoria histórica y patrimonio urbano en Iberoamérica: entre homeostasis y dilución

Resumen

La reivindicación del patrimonio ha sido tema frecuentemente polémico en la cultura urbanística iberoamericana. Quizá el predominio de los tiempos cortos, acontecimientos y coyunturas, se ha impuesto sobre el estudio y protección de estructuras complejas, entre las cuales se encuentra la ciudad. La propuesta de mesa temática se asienta sobre el entendimiento de la ciudad como memoria construida y como patrimonio. Y a partir de dicha premisa, busca relacionar las diversas opciones y los riesgos que condicionan la relación ciudad-patrimonio, que oscilan en la búsqueda de un equilibrio entre su preservación y la amenaza de la destrucción.

La memoria histórica es un sistema de formulaciones que viene a designar el esfuerzo consciente de los grupos humanos por explicar su pasado, sea material o espiritual. La memoria colectiva y la política pueden considerarse sus sistemas convergentes. Maurice Halbwachs define la memoria colectiva como un registro de confluencias entre la realidad y la estructuración de los procesos históricos. La memoria colectiva se sustenta a través de la producción de formas de representación cuya materialización formal reside en el patrimonio urbano y el paisaje, bajo las peculiaridades de la cultura inmaterial. La intensidad de la memoria colectiva se verifica a través de los procesos sociales en los que se genera la memoria individual que singulariza a entidades específicas. La reformulación de los procesos de memoria produce nuevas imágenes, conceptos y representaciones que se incorporan a la herencia cultural en atención a sus valores de novedad y superación. La memoria histórica es el medio a través del cual adquiere sentido el patrimonio cultural de una ciudad o un territorio.

El patrimonio como soporte de la identidad cultural incorpora ciencia y tecnología, arte y tradiciones, monumentos, costumbres y prácticas sociales. Estas facetas, reguladas mediante acuerdos y convivencias, han creado los patrones hereditarios culturales reconocibles. La cautela con el patrimonio garantizará una continuidad de los símbolos y los nexos. La legibilidad constituye una expresión de la calidad visual del paisaje urbano, por lo que la ciudad heredada se deja “leer” de una forma directamente relacionada con las peculiaridades de su construcción económica, jurídica y antropológica mediante componentes de la imagen urbana: identidad, estructura y significado.

En la doctrina de ICOMOS existen documentos en los que se da cobertura al patrimonio urbano y la memoria. La Carta de Cracovia de 2000 prevé que “Cada comunidad, teniendo en cuenta su memoria colectiva y consciente de su pasado, es responsable de la identificación, así como de la gestión de su patrimonio”. El Memorándum de Viena de 2005 trata sobre el impacto del desarrollo contemporáneo en el paisaje urbano con significación patrimonial.

La propuesta tiene entonces como objetivo suscitar un debate capaz de aportar recursos de homeostasis, en cuanto a noción de autorregulación conducente al mantenimiento de una relativa constancia en la composición y las propiedades del medio urbano, que reviertan en la preservación de las estructuras y funciones básicas patrimoniales, así como prevenir la especulación urbana por esponjamiento que presupone una amenaza de dilución del tejido, la trama, la textura y los valores de cohesión de la ciudad iberoamericana.

Coordinador(es)

Omar Benítez Rodríguez
Universidad del País Vasco, Bilbao, España
estudiobr2@gmail.com

Henry Vicente Garrido
Universidad Simón Bolívar, Caracas, Venezuela
hvicente@usb.ve

Ponencias

Memoria y experiencia: la construcción de una imagen del espacio público
Astrid Helena Petzold Rodríguez
Universidad de las Américas Puebla, México

Producción colectiva del paisaje urbano de Valparaíso: patrimonio y ciudad.
Paula Kapstein López y Alberto Gurovich Weisman
Facultad de Arquitectura y Artes, Universidad Austral de Chile

Biopolítica y espacio público en la ciudad de San José, Costa Rica (2000-2015)
Luis Armando Durán Segura
Escuela de Arquitectura, Universidad de Costa Rica

La cultura urbana de Bilbao y del Gran Bilbao durante el periodo de Desarrollismo franquista (1960-1980)

Luis Bilbao Larrondo

Asociación de Historiadores de la Arquitectura y del Urbanismo (AhAU), España

El restauro y la reinención de la imagen

Erika Alezard Ostermann

Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), Vitória da Conquista, Brasil

MESA 36

Memória, curadoria e política: expressões culturais e a ocupação de espaços públicos através da arte

Resumen

Como que as práticas artísticas e culturais produzidas a partir das periferias urbanas potencializam subverter as hierarquias raciais, de gênero, classe e território herdadas pela colonização do nosso continente latino-americano? O painel visa refletir sobre como intervenções artísticas idealizadas e performadas por corpos tradicionalmente excluídos dos espaços centrais da cidade, podem desafiar as desigualdades interseccionais constitutivas das cidades pós-coloniais, desestabilizando as formas hegemônicas de ser, saber e poder. Busca-se entender a contribuição de expressões artísticas variadas produzidas desde as margens da cidade e para além de suas fronteiras, de disputarem e pluralizarem os sentidos das cidades, de democratizá-las e decolonizá-las.

Objetiva-se abrir uma conversa sobre ferramentas artísticas e culturais de incidência política, com contribuições desde a produção cinematográfica a poesia/slam a graffiti a museus itinerantes e fixos em territórios periféricos, com o intuito de documentar e interpretar as realidades herdadas do projeto moderno colonial vividas em Nossa América. Os casos apresentados focam, especificamente, em realidades brasileiras e mexicanas, abrindo um diálogo decolonial visando às possibilidades de uma reconstrução de memória necessário para o debate acerca da descolonização e democratização efetiva de nosso continente.

A contribuição trazida por Marta Fernández, Victoria Page e Tatiana Moura explora, desde uma perspectiva decolonial, o potencial das intervenções poéticas/slam de produzirem cartografias e narrativas outras sobre a cidade do Rio de Janeiro que desafiem a normatividade branca e masculina que estrutura o espaço urbano. A partir de um esforço de contraposição às óticas eurocentradas, o trabalho de Isabela Souza e Andrea Gill se inscreve nas tentativas de recentramento dos termos através dos quais narramos a história do nosso presente herdado no continente latino-americano desde suas periferias e diásporas urbanas. A partir dessa abordagem situada e dos conceitos de amefranidade e Améfrica Ladina, trazidos por Lélia González, pretendem olhar e refletir sobre práticas curatoriais e artísticas que têm sido experimentadas no Galpão Bela Maré, um espaço cultural do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, localizado em Nova Holanda, uma das 16 favelas do Conjunto de Favelas da Maré. O trabalho de James Turner também aborda o papel da arte no processo de ressignificação do espaço urbano. Por meio de uma pesquisa etnográfica sobre da arte de rua

e do grafite, nas cidades de Florianópolis e do Rio de Janeiro, pretende lançar luz sobre os novos sentidos das práticas curatoriais produzidas, cotidianamente e de forma não licenciada, pelas habitantes dessas cidades. O trabalho proposto por Deyanira Morales e Aldo Pereyra também se volta para práticas curatoriais alternativas e participativas, focalizando a experiência do Museo Migrante (MuMi). Busca-se refletir sobre as estratégias curatoriais do MuMi de ocupar espaços públicos possibilitando o compartilhamento das histórias migrantes, suas lutas e resistências. O trabalho de Pavél Valenzuela Arámburo está voltado para a reflexão sobre novas ferramentas criativas que na interseção entre ciências sociais, arte e produção audiovisual vêm gestando métodos participativos e com incidência política, a exemplo do que já vem sendo construído desde o MuMi.

Coordinador(es)

Marta Fernández
Institute of International Relations, PUC-Rio
martafygarca@gmail.com

Tatiana Moura
Centro de Estudos Sociais-Universidade de Coimbra
t.moura@promundo.org.br

Ponencias

Uma leitura feminista decolonial do Ativismo Poético do Slam
Marta Fernández, Victoria Page, Tatiana Moura
IRI-PUC-Rio, Promundo, CES

Renarrando a história do presente herdado: práticas, imaginários e disputas artístico-culturais de uma política de transformação a partir das periferias-Um olhar sobre o Galpão Bela Maré
Isabela Souza, Andrea Gill
UFF, IRI-PUC-Rio

Arte da rua como prática curatorial informal em cidades brasileiras
Jimmy Turner
Goldsmiths, Universidade de Londres

Museo Migrante: construcción de la memoria y esperanza
Deyanira Clériga Morales, Aldo Jorge Ledón Pereyra
Vozes Mesoamericanas, Universidad Autónoma de Chiapas, México

**Nuevas herramientas creativas para documentar, interpretar y incidir
politicamente sobre las realidades: el cruce entre ciencias sociales, arte y la
produccion audiovisual**

Pável Valenzuela Arámburo

Universidad Autónoma de Chiapas, Chiapas, México

MESA 37

Modernidad anhelada: intereses extranjeros, aspiraciones locales

Resumen

Desde las últimas décadas del siglo XIX, las jóvenes repúblicas latinoamericanas implementaron una miríada de estrategias urbanas en búsqueda de un nuevo porvenir y abandono de las condiciones poscoloniales precedentes. Acciones gubernamentales, relaciones internacionales, intereses económicos, motivaciones sociales y propósitos políticos pusieron en marcha la circulación de personas e ideas. Las principales ciudades del continente se convirtieron en un campo de acción de arquitectos, urbanistas y consultores, nativos y forasteros. Modernización y construcción/afirmación de las identidades nacionales estuvieron casi siempre asociados y, no raro, importaron imágenes, planes y modelos ajenos y los adaptaron a contextos específicos. Aunque no más colonial, la región era todavía bastante dependiente de Europa y Estados Unidos. En este sentido, tratase aquí de investigar y discutir ideas, procesos y agentes que moldearon la imagen moderna de las ciudades latinoamericanas.

Esta mesa invita investigadores de varios campos de conocimiento –como historia, historia del arte, arquitectura, urbanismo, geografía, ciencias políticas y sociales– a presentar propuestas enfocando desde sueños elitistas y proyectos urbanos utópicos en el siglo XX hasta reformas urbanas, implementación de infraestructuras y construcción de nuevas edificaciones, considerando sus valores culturales y aspectos simbólicos.

Coordinador(es)

Renato Leão Rego
Universidade Estadual de Maringá, Brasil
rlrego@uem.br

Clément Orillard
Escuela de Urbanismo de Paris, Universidad Paris-Est
orillard@aol.com

Ponencias

La americanización de las ciudades brasileñas
Renato Leão Rego
Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Urbanismo y geopolítica entre Francia y Argentina

Clément Orillard

Escuela de Urbanismo de París

“Están hablando las piedras y los mármoles”: arte, política, y la genealogía de lo cubano

Joseph R. Hartman

Universidad de Missouri-Kansas City

MESA 38

Modernización urbana en América Latina: entre paseos y pasajes

Resumen

En la segunda mitad del siglo XIX y en las primeras décadas del XX, muchas ciudades latinoamericanas adelantaron procesos de modernización urbana, a través de la expansión de nuevos barrios, la construcción de monumentales edificios, el trazado de nuevos paseos y la introducción de pasajes comerciales. El Paseo, que partió de la supuesta emulación de los bulevares de Haussmann en París, es un elemento urbano de múltiples dimensiones y funciones: expresó el deseo de modernización de las elites, dirigió la nueva expansión urbana burguesa hacia selectos territorios y en otros casos definió la renovación urbana hacia determinados sectores urbanos; ofreció a su vez un espacio urbano para la representación de la aristocracia a través de paseos a pie o en modernos coches. Para diversos historiadores urbanos, el Paseo es el elemento que distingue esa fase de desarrollo urbano. En muchas ciudades esos antiguos paseos aún caracterizan ciertos territorios centrales: la Avenida La Paz en Puebla, el Paseo de Montejo en Mérida, el Paseo de la Reforma en la Ciudad de México, la Calzada Independencia en Guadalajara, la Avenida Paulista en Sao Paulo o el Paseo del Prado en La Habana. También se debe incluir la apertura y ensanche de calles al interior de las ciudades, como la Avenida Central en Río de Janeiro, y la Avenida de Mayo y las Diagonales Norte y Sur en Buenos Aires.

En ese mismo período, o un poco después, según la ciudad y el país, se introdujeron los modernos pasajes comerciales que emulaban los pasajes surgidos en la Europa decimonónica. Los pasajes comerciales eclosionaron en París entre 1829 y 1850, y se constituyeron en el primer estilo internacional de la arquitectura moderna, en signo de las metrópolis “modernas” y representaron novedosas formas de arquitectura, consumo y de vivir la ciudad. Fueron imitados en todo el mundo, desde Europa hasta América Latina. En algunas de las nuevas avenidas abiertas en el corazón de las ciudades, como la Avenida de Mayo en Buenos Aires, se acompañaron de modernos edificios con pasajes comerciales, como el Edificio y Pasaje Barolo. Una dinámica que tuvo expresiones en casi todas las ciudades latinoamericanas, desde el Bom Marché de Buenos Aires (1889), hasta los más tardíos de Santiago de Chile a partir de la década de 1930, pasando por el Pasaje Hernández de Bogotá (1890), o el Pasaje Carmen de Lima (1924), entre muchos más, ya fuera en grandes o medianas ciudades.

En esta mesa nos proponemos revisar, desde una perspectiva comparada, el origen y la función actual de los paseos y los pasajes, y a partir de las siguientes

preguntas: ¿Los paseos y los pasajes siguen gozando de prestigio o con el tiempo han devenido en sitios olvidados, abandonados u obsoletos? ¿Qué función actual cumplen esos paseos y pasajes en el contexto de las ciudades del siglo XXI? ¿Qué tanto de los contextos urbanos en los que se construyeron los pasajes se mantiene en pie y con qué funciones? ¿Los paseos y los pasajes se han patrimonializado, turistificado y mercantilizado?

Coordinador(es)

Víctor Delgadillo
Universidad Autónoma de la Ciudad de México
victor_delgadill@hotmail.com

Luis Fernando González Escobar
Universidad Nacional de Colombia sede Medellín
lfgonzal@unal.edu.co

Ponencias

De los pasajes al “Hueco”. La transformación urbana a partir del comercio en el centro de Medellín, Colombia

Luis Fernando González Escobar
Universidad Nacional de Colombia, sede Medellín

El pasear y los paseos en la ciudad de Puebla

Carlos Montero Pantoja
Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México

El Pasaje Hernández y los ciclos económicos en el centro histórico de Bogotá

Camilo Alejandro Moreno Iregui
Universidad Nacional Autónoma de México

El paseo de Montejo de Mérida de Yucatán: de la ruptura urbana a la articulación de la memoria

Roberto Reyes Pérez y Gladys Noemí Arana López
Universidad Autónoma de Yucatán, México

De los paseos urbanos a los pasajes en la Ciudad de México

Víctor Delgadillo
Universidad Autónoma de la Ciudad de México

MESA 39

Narrativas del Nuevo Urbanismo en Iberoamerica: una aproximación multidisciplinaria

Resumen

Los marcos geopolíticos de conformación histórico-espacial han tenido incidencia directa e indirecta en la construcción de las ciudades, poniendo en evidencia los distintos marcadores ideológicos que han conformado lo urbano y la urbanidad desde distintos órdenes políticos-ideológicos que se espacializan a través del diseño (como una construcción física, simbólica y política) en los soportes materiales que adquieren una coherencia estructural. Así, los distintos momentos políticos han determinado formas urbanas igualmente diferenciadas como respuesta a la representación de una transnacionalización de una política hegemónica que homogeniza pero que al interior de los países tiene implicaciones. El objetivo de la mesa es, desde una mirada interdisciplinaria, poner a discusión reconociendo, analizando y criticando la conformación del nuevo urbanismo a distintas escalas geográficas, tomando como referencia central los procesos de transformación de las formas de urbanización en el contexto de la globalización capitalista y las consecuencias sociales que advienen en la actualidad en Iberoamérica a partir del diseño en tres claves espaciales: la primera, a partir de los procesos de producción y re-producción de lo urbano y el papel del capital inmobiliario-financiero y el Estado en ellos, como un marcador geoespacial de la inserción de la liberalización del mercado y la producción de nuevas espacialidades; en la segunda, a partir de la producción de marcadores ideológicos que determinan espacios de segregación y fragmentación socio-espacial con inserción en un marco de adjetivación de la ciudad, y, finalmente en la tercera, el estado de las mutaciones en los procesos de reproducción social en la ciudad Iberoamericana

Coordinador(es)

Carla Alexandra Filipe Narciso
Centro de Investigaciones en Arquitectura, Urbanismo y Paisaje, UNAM
carlafnarciso@gmail.com

Leticia Serrano Estrada
Área de Urbanística y Ordenación del Territorio Universidad de Alicante, España
leticia.serrano@ua.es

Ponencias

El papel de la política urbana en la creación de conjuntos habitacionales y su implicación en los actuales procesos de expansión urbana

Karla Selene Arellano Hernández

Posgrado en Urbanismo, UNAM

Smart city: Hacia la radicalización del control digital sobre la vida urbana

Cristóbal Pérez Magaña

Posgrado en Urbanismo, UNAM

Movilidad cotidiana peatonal de la juventud en condición de discapacidad de sectores populares en Costa Rica

Laura Paniagua Arguedas

Posgrado en Urbanismo, UNAM

Procesos de producción del espacio urbano latinoamericano: segregación y prácticas espaciales de la vida cotidiana en habitantes de la ciudad de México.

Lisette Rosales Sánchez

Posgrado en Ciencias Políticas y Sociales, UNAM

El cooperativismo de vivienda como alternativa en la política habitacional en la Ciudad de México

Arianne Berenice Reséndiz Flores

Posgrado en Urbanismo, UNAM

MESA 40

Nebulosas do pensamento urbanístico: modos de pensar e fazer

Resumen

A proposta da mesa privilegia um duplo recorte de campos disciplinares, a história e o urbanismo e, sobretudo, o entendimento que ambos em suas interseções são culturas e práticas voltadas para as condições contemporâneas de cidades e para as formas de vida coletiva diferenciadas que as designam.

Almeja-se discutir, historicamente, as visões ou teorias que contemplam a dimensão citadina e urbana, sobre seus fins e propósitos, os discursos que as sustentam; as camadas que se sedimentam, mas também suas fissuras.

Ao questionar o presente e criar parâmetros para sua leitura, interrogamos, portanto, ações, sistemas ideológicos e corpos de saberes que pretendem perpetuar, denunciar ou se mostrar atentos e críticos às próprias dinâmicas das cidades, às suas mutações e assimetrias de diferentes gêneros e perfis. Nesses termos, elas são vistas como práticas, poéticas e saberes que se definem em consonância, tensão ou ruptura em um campo de experiências sociais –acadêmicas, urbanísticas– ou, simplesmente, urbanas.

A mesa pretende, assim, acolher e reunir, diferentes comunicações que discutam métodos que adotam a observação do passado das cidades pensado como uma dimensão que interroga o seu próprio presente. Importa sublinhar o respeito às vozes dos atores esquecidos historicamente mas que se tornam presentes nos objetos de estudo que são eleitos, nos corpos documentais dos quais cada qual se cerca, no esforço crítico de objetivação e, enfim, nas possibilidades de teorização. Com suas práticas historiográficas multiformes, o grupamento a ser reunido ilustra a própria ideia de nebulosa. É assim que vimos chamando, metaforicamente, as conformações dos grupos intelectuais, profissionais ou institucionais reconhecíveis e observáveis em mais de dois séculos de constituição das cidades como objeto de olhar, de discursos e de intervenções pelos urbanistas e pelo urbanismo.

Pode-se dizer que como se aprendia nos antigos livros de primeiras letras, uma nebulosa é um conjunto de nuvens. Neste sentido, uma nebulosa é o que se chama um substantivo coletivo. Isto é, é um substantivo, usado no singular, mas que designa um plural. Nebulosa é assim uma forma que se identifica como única, mas é um conjunto formado por múltiplas e diferentes formas de névoas, por diferentes camadas de nuvens.

Entretanto, não se trata de uma totalidade homogênea, constituída pela soma simples de partes em suas singularidades. É menos um espaço associativo do que um espaço correlativo, se quisermos. Nas nebulosas as interações entre névoas contam muito pois observam-se zonas de adensamentos, condensações ou esgarçamentos que, além do mais, podem ser grandes, pequenas, muito agrupadas, dispersas, infinitas.

Não se considera, contudo, que sejam aleatórias. Elas se formam a partir de uma multiplicidade de cruzamentos espaço-temporais e, em alguns casos, a partir de cronologias que servem de suporte para o registro de informações e como instrumento de mensuração da própria intensidade de práticas, nexos e sentidos situados socialmente. Nebulosas dizem respeito a sujeitos entre si e a atores mas também aos seus objetos de estudo, seus conceitos, suas formas de abordagem como gestos e atos de culturas.

Coordinador(es)

Paola Berenstein Jacques
FAUFBA
pbjacques@gmail.com

Claudia Damasceno Fonseca
École des Hautes Études en Sciences Sociales-CRBC/Mondes Américains
claudia.damasceno@ehess.fr

Ponencias

Por uma história inscrita nos corpos e na experiência: práticas do laboratório de estudos urbanos
Margareth da Silva Pereira
PROURB-UFRJ

Nebulosas do pensamento urbanístico em torno do moderno, do popular e da participação: modos de fazer mutantes, errantes, desviantes
Paola Berenstein Jacques
FAUFBA

Pensar e fazer por atlas: cronologia e arranjos de cidades novas brasileiras
Ricardo Trevisan
FAU-UnB

“Pensar a partir de extremos e agrupá-los”. Problemas de historiografía e crítica de insurreições urbanas no Brasil

Rita de Cássia Lucena Velloso

NPGAU EA UFMG

Cidades coloniais e terras públicas na longa duração : processos de formação e cronologias (Brasil, séc. XVI-XXI)

Claudia Damasceno Fonseca

Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales-CRBC/Mondes Américains

MESA 41

Paisajes y ciudades latinoamericanas. Lecturas alternas del ideal moderno y modernizador

Resumen

Una mirada transversal a los procesos modernizadores y a la construcción de espacios modernos en América permite identificar una serie de rectos y soluciones singulares, propios de nuestro continente, más allá del modelo europeo. Un modelo que se recrea a sí mismo como referente para el resto del mundo, como nos recuerda Edward Said en “Orientalismo” (1974). Para avanzar en este proceso de identificar y comprender desde una óptica alterna la construcción de espacios modernos en América Latina específicamente, los planteamientos de Adrian Gorelik sobre la ciudad en América Latina como “una máquina para inventar la modernidad” sirven como un importante punto de partida. Gorelik plantea que el debate de la arquitectura en América es un debate de la ciudad en donde la modernización ha sido re-inventada desde colonia a partir de enclaves que produjeron el territorio moderno –base de las repúblicas independientes en donde se plasmarían naciones y estados a la imagen y semejanza de la ciudad y su conglomerado– en procesos de desarrollo social, cultural, y político de modernización.

En ese sentido, por medio de una mirada específica y transversal a ciertos centros urbanos en Latinoamérica, principalmente a mediados del siglo XX, esta mesa de investigación procura entender e identificar procesos y problemas únicos de urbanización, modernización, y metropolización que se distancian considerablemente de sus orígenes y modelos provenientes de otras geografías, especialmente la Norteamericana y Europea. De esta manera, por medio del análisis de estas experiencias de modernización es que se puede enriquecer el significado de la construcción del espacio moderno en esta región.

Los programas de vivienda implementados en distintos centros urbanos de Colombia en los años 40, la transformación del paisaje en Quito dada por la construcción del antiguo aeropuerto entre los años 40 y 60, el desarrollo moderno de Asunción desde las interacciones con sus países vecinos, mediadas por relaciones de poder, en un juego en el que este territorio tiene un papel estratégico, la compleja red de retroalimentación en el desarrollo de la arquitectura moderna brasilera y estadounidense ejemplifican las particularidades y procesos únicos de modernización de la ciudad en América Latina. Sus condiciones físico-espaciales son consecuencias de su memoria histórica y la evolución del ambiente construido.

Coordinador(es)

Victoria Sánchez Holguín
Universidad Pontificia Bolivariana, Medellín, Colombia
victoria.sanchez@upb.edu.co

Marcio Cotrim
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil
marciocotrim@gmail.com

Ponencias

¿Americanización o Brasileñización? Juego de influencias y contra-influencias en los años 1950

Fernando Luiz Lara y Marcio Cotrim
University of Texas at Austin/Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa

Vivienda Estatal en Colombia a mediados del siglo XX y transformación urbana

Victoria Sánchez Holguín
Universidad Pontificia Bolivariana, Medellín, Colombia

Paisaje, modernización e identidad cultural: modelos de uso del espacio en el sitio del antiguo aeropuerto de Quito

Ernesto Bilbao
Universidad San Francisco de Quito, Ecuador

Tekó Porã: Desarrollo de la Arquitectura Moderna en Paraguay, Argentina, Brasil, y Uruguay intercambio y contra influencias

Irina Rivero
University of Texas at Austin, Estados Unidos

Repensar o MoMA desde um ponto de vista latino-americano

Marianna Boghosian Al Assal
Escola da Cidade, São Paulo, Brasil

MESA 42

Pasado y futuro de los mercados de abasto en América Latina

Resumen

El mercado, actividad y lugar donde se ofertan y demandan productos básicos, es tan antiguo como la ciudad misma. En el pasado, esta actividad itinerante o permanente se realizaba a cielo abierto en plazas y espacios públicos, donde los mercaderes colocaban sus enseres y puestos diversos para protegerse a ellos y a sus mercancías del clima. Sin embargo, los modernos mercados de abasto son una invención de las políticas higienistas del siglo XIX. En algunas ciudades aún están en pie bellísimos mercados decimonónicos, otros han sido destruidos, sustituidos o han cambiado de función. En el siglo XXI, autoridades públicas e inversionistas de diversas ciudades señalan que, en el siglo XXI, los antiguos mercados de abasto han concluido su ciclo de vida, debido a las nuevas formas de consumo y de distribución de alimentos. Los mercados de abasto son obsoletos en términos físicos, funcionales y económicos. Según esta visión de destrucción creativa, las viejas estructuras edilicias ya no corresponden a las nuevas formas de consumo ni pueden competir con las cadenas de distribución de mercancías, por lo que se deberían sustituir o modernizar sustancialmente. En sus distintas escalas de servicio, los mercados, además de ofrecer alimentos a precios accesibles, son lugares de encuentro social y de reproducción cultural. Por ello, son considerados servicio público y bienes comunes. En varias ciudades, algunos mercados de abasto ubicados en lugares centrales, recientemente han sido objeto de proyectos de modernización, transformación y erradicación, que han generado rechazo y movilizaciones sociales en defensa de los lugares de trabajo y de los bienes comunes. Algunos mercados centrales han sido desplazados a las periferias urbanas, y el edificio se destinó a otros usos. Otros están bajo amenaza de destrucción o el tradicional abasto ha sido sustituido por productos destinados a consumidores de mayores ingresos. En este sentido, algunos funcionarios públicos, consultores y el Banco Interamericano de Desarrollo, promueven que los mercados latinoamericanos emulen el “éxito” de la transformación de algunos mercados españoles. En ocasiones, la modernización de los mercados pretende, fundamentalmente, bancarizar los servicios de compraventa al mayoreo y menudeo. La presión y competencia desigual con los mercados abarca, tanto a las cadenas de supermercados, como el tradicional comercio ambulante que ocupa la vía pública. En esta mesa nos interesan contribuciones que aborden distintas problemáticas y tendencias en el devenir de los mercados. ¿Los mercados están irremediabilmente condenados a desaparecer? ¿Por qué se generalizan los discursos sobre la obsolescencia de los mercados y su entorno? ¿Por qué se intenta integrar algunos mercados y centros de consumo populares a los circuitos del ocio

y el turismo? ¿Por qué la transformación de algunos mercados españoles se ha convertido en un modelo? ¿La transformación de la oferta de los mercados es una consecuencia del aburguesamiento del barrio?

Coordinador(es)

Erika Natalia Bedón Cruz
Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), Ecuador
ebedon@flacso.edu.ec

Víctor Delgadillo
Universidad Autónoma de la Ciudad de México
victor_delgadill@hotmail.com

Ponencias

Los mercados públicos de la ciudad de México como repositorios de la memoria colectiva en tiempos de renovación urbana
Angela Giglia
Departamento de Antropología, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa

“Nuevos” usos y sentidos a “viejos” espacios. Renovación de un antiguo mercado de pescado en la Ciudad de Buenos Aires
Paula Cecilia Rosa
CEUR/CONICET, Buenos Aires, Argentina

Mercados públicos na cidade de São Paulo: desafios para sua permanência
Heliana Comin Vargas y Diego Vernille
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo

Habitar el espacio, la (re)producción y la memoria: las caseras de la Plaza César Chiriboga, Sangolquí, Ecuador
Tamia Anahí Almeida Álvarez
Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), Ecuador

Los mercados de abasto en la construcción de la ciudad y de los centros históricos latinoamericanos
Víctor Delgadillo
Universidad Autónoma de la Ciudad de México

MESA 43

Patrimonio y transformaciones urbanas en centros históricos de Iberoamérica

Resumen

El objetivo de esta mesa es presentar, analizar y concluir el estado de las relaciones entre el patrimonio y las transformaciones urbanas en centros históricos de Iberoamérica, como por ejemplo, Santiago (Chile) y Lisboa (Portugal). El patrimonio es un producto y un proceso que proporciona a las sociedades los recursos que se heredan del pasado, se crean en el presente y se transmiten a las generaciones futuras (UNESCO). Por otra parte, es un bien social conformado por las obras y manifestaciones de las personas así como por el entorno natural en que ellas residen (Política Nacional de Desarrollo Urbano, Chile). Se analizarán diversas iniciativas y planes para distintos centros históricos, su modernización urbana en relación con el patrimonio, las intersecciones entre ciudad, modernización y sociedad, y la forma en que la permanencia y posterior transformación del patrimonio ha permitido cualificar sus entornos, conservar la memoria social y cultural de la ciudad histórica y actualizar y desarrollar sus tipologías edilicias y sus formas urbanas.

Coordinador(es)

Eugenio Garcés Feliú
Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile
egarcesf@uc.cl

Elvira Pérez Villalón
Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile
elvira.perez@uc.cl

Ponencias

Modernización urbana y patrimonio en el centro histórico de Santiago
(1818-1939)
Eugenio Garcés Feliú
Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile

Patrimonio, proyecto y ciudad: casos de transformación sostenible en el centro de Santiago

Elvira Pérez Villalón

Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile

Tres miradas sobre el rol del patrimonio urbano en iniciativas y planes del centro histórico de Santiago de Chile (1872-2015)

Carlos Silva Pedraza

Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile

La “ciudad nueva” y la periferia: la modernización urbana en torno al río Mapocho (Santiago de Chile, 1872-1932)

Simón Castillo Fernández

Escuela de Arquitectura, Universidad Diego Portales, Chile

El papel de la planificación local en la transformación y modernización de los centros históricos urbanos. El caso de la Colina de Santana en Lisboa

João Cabral

Facultad de Arquitectura, Universidad de Lisboa, Portugal

MESA 44

Pensar por imagens: o livro e as imagens na história urbana

Resumen

As apresentações dessa sessão estabelecem um diálogo entre um grupo de pesquisadores de 3 laboratórios de pesquisa brasileiros –Laboratório Urbano (UFBA), Outros Urbanismos (FAUUSP) e InReal (UNEB)– de modo a evidenciar relações entre narrativas visuais, livro e história da arquitetura e do urbanismo, sabendo-se parte de uma esfera pública que é tanto local quanto nacional e transnacional.

A partir do entendimento de que imagens constituem uma fonte específica para a prática historiográfica, tomamos a plataforma do livro, onde muitas dessas visualidades são veiculadas, para discutir determinadas visões de mundo sobre a cidade e suas práticas cotidianas que implicam construções de abordagens no campo disciplinar da história da arquitetura e do urbanismo no século XX. Para tanto, entendemos ser necessário colocar em discussão tanto a especificidade da imagem fotográfica enquanto fonte de estudo para a história da arquitetura e do urbanismo como também as implicações da articulação desse tipo de imagem na plataforma do livro. Portanto, de um lado, é fundamental avaliar as situações de produção da imagem fotográfica, as possibilidades técnicas - como pensado por Walter Benjamin - de um determinado tempo histórico, as práticas de cidade, entendidas no sentido formulado por Michel De Certeau, ali implicadas, evidenciando sua natureza documental e também sua irredutibilidade, como postulado por Roland Barthes; e de outro, é igualmente importante, diante da plataforma de circulação das imagens aqui escolhida como objeto – o livro, evidenciar os procedimentos de montagem, os avizinhamentos e a arquitetura desse objeto bem como seus agentes produtores, seus circuitos de distribuição, seu alcance didático e/ou midiático enquanto fatores fundamentais da narrativa visual construída.

É nesse limiar entre a imagem fotográfica, levando em consideração sua situação histórica e a montagem do livro que, argumentamos, são construídos regimes de visibilidade na história da arquitetura e do urbanismo os quais fundamentam determinadas narrativas historiográficas em detrimento de outras. Se pela fotografia colhemos o resto, o rastro do que Barthes chamou de um isso foi, que nos remete à situação de sua produção, na montagem do livro encontramos uma brecha por onde vislumbramos projetos (visões) de mundo que foram determinantes para consensos homogeneizantes nesse campo disciplinar. Esse esforço possibilita não somente evidenciar as mediações, pela imagem e pelo livro,

na construção de determinadas narrativas históricas em arquitetura e urbanismo no século XX como também liberar as imagens dessas montagens, ao perceber nelas algum desvio, alguma nuance que nos conduza a práticas, objetos, espaços preteridos por determinada visão de mundo construída na plataforma livro.

Coordinador(es)

Junia Cambraia Mortimer
Professor Adjunto
junia.mortimer@gmail.com

Eduardo Augusto Costa
Pesquisador Colaborador
Eduardo Augusto Costa

Ponencias

Fotografia e regimes de visibilidade em Salvador (1960-1985)
Junia Cambraia Mortimer
FAUFBA

O livro no interior do arquivo fotográfico
Eduardo Augusto Costa
FAU USP

A arte está morta, não coma o cadáver (Maio 68)
Washington Drummond
UNEB

MESA 45

Perspectivas materialistas sobre el urbanismo iberoamericano temprano

Resumen

La ciudad constituye un fenómeno complejo, que concentra en la actualidad, más del 55% de la población mundial habitándolas (en América Latina y el Caribe asciende al 13% del total global). Si bien en América se destaca un proceso prehispánico original y consolidado en sus desarrollos, el impacto generado por la conquista española y lusitana desde el siglo XVI, supuso un tremendo impulso, generando en ellas el foco mismo de las políticas que favorecerían la dinámica colonizadora. Los europeos colonizaron América por medio del establecimiento de ciudades y la congregación en ellas, de un variadísimo panorama étnico y social. Desde este punto de vista, su estudio histórico y sobre todo material, puede aportar significativa información tanto para el diseño de políticas sostenibles como conciliables con la conservación y documentación sistemática de su patrimonialidad.

Los estudios materialistas recientes de las primeras ciudades iberoamericanas por medio de la arqueología histórica y las investigaciones de arquitectura han ampliado hacia nuevas perspectivas sobre la vida cotidiana y las actividades de los habitantes de las primeras urbes que sirvieron como bases para la colonización hispana y portuguesa. Las investigaciones de la últimas dos décadas han enfocado tanto sobre los habitantes indígenas americanos y africanos como a los fundadores europeos para entender mejor los procesos de interacción e hibridación entre las culturas indígenas, africanas y la española o portuguesa.

En ese sentido, la exploración del devenir urbano colonial entendemos que tiene estrechas dependencias de los encuadres teóricos en que se anclen, ya que orientan metodológicamente el tratamiento artefactual, partiendo de escalas que van desde el objeto y los contextos de vivienda a escala micro a las ciudades y su espacio y organización urbanística en tramas regionales, hasta las redes mundiales a escala macro.

Esta mesa se propone reunir Ponencias que, articulando aspectos temporales y espaciales aportados por la documentación escrita y material, se enriquezcan y estén dando respuestas a nuevos programas interdisciplinarios de trabajo. Se prevé contar con nuevas miradas sobre las fundaciones del mundo iberoamericano colonial, su contenido artefactual y arquitectónico, su uso del espacio y consecuentemente renovadas visiones del urbanismo americano temprano.

Coordinador(es)

William Fowler
Vanderbilt University, Nashville, Tennessee, EUA
william.r.fowler@gmail.com

Horacio Chiavazza
Universidad Nacional de Cuyo, Argentina
hchiavazza@gmail.com

Ponencias

La influencia del urbanismo colonial temprano en el urbanismo tradicional o vernacular en Panamá (siglos XVI a XVIII)
Silvia Arroyo Duarte
Departamento de Arte, Facultad de Arquitectura y Diseño, Universidad de Panamá

Trayectorias compartidas: ciudad, cerámicas y mayólicas
Horacio Chiavazza, Lorena Puebla y Valeria Zorrilla
Laboratorio de Arqueología Histórica y Etnohistoria, Instituto de Arqueología y Etnografía, Facultad de Filosofía y Letras UNCuyo, Centro de Investigaciones Ruinas de San Francisco, Área Fundacional, Municipalidad de Mendoza

Procesos históricos y materialidad de la primera villa de San Salvador: Ciudad Vieja, El Salvador
William R. Fowler
Universidad de Vanderbilt
Pedro Antonio Escalante Arce
Academia Salvadoreña de la Historia
David Calogero Messana
Dirección de Arqueología, Ministerio de Cultura, El Salvador

Perspectivas arqueológicas de los primeros asentamientos Iberoamericanos en el Río de la Plata. Santa Fe la Vieja y Santa Fe de la Vera Cruz, Argentina
Gabriel Cocco
Museo Etnográfico y Colonial Juan de Garay y Parque Arqueológico Santa Fe la Vieja

La ciudad de San Miguel: sombras, certezas y vicisitudes de su fundación
Pável Elías Lequernaqué
Universidad de Piura
Fernando Vela Cossío
Universidad Politécnica de Madrid

MESA 46

Planejamento e desenvolvimento metropolitano em tempos de (e apesar do) autoritarismo: rupturas e permanências

Resumen

As experiências de planejamento urbano e regional colocadas em prática no Brasil e na América Latina nos anos 1960/70, em sua maioria implantada durante regimes ditatoriais, foram durante um longo tempo objeto de crítica e contestação pelos métodos e abordagens utilizados, pela dissociação entre as esferas política e técnica e pela sua inefetividade, considerando que os esforços empreendidos não foram suficientes para resolver a problemática urbana das metrópoles no subdesenvolvimento. Essa leitura foi importante para materializar uma ruptura em termos políticos e para fazer emergir novos esforços para a re colocação do planejamento na pauta do processo de redemocratização, que se coroa nos anos 2000 com a criação de instituições e de um sistema de planejamento urbano em nível federal.

Embora em termos políticos essa ruptura tenha sido importante, apenas muito recentemente a historiografia do urbanismo e do planejamento tem se dedicado ao desvendamento das experiências em regimes autoritários, ainda de maneira muito incipiente. A análise aprofundada destas experiências permite desvendar se e em que medida, apesar dos limites impostos pelos governos autoritários, trouxeram avanços no sentido de enfrentar a chamada “questão urbana” e os problemas das metrópoles (pobreza e marginalidade, fragmentação e violência, urbanização descontrolada do campo, desequilíbrios regionais), quais concepções, mecanismos e estratégias utilizadas e de que forma contribuíram para a formulação das experiências recentes de planejamento metropolitano.

Essa sessão tem por objetivo discutir o papel das experiências de planejamento no processo de construção das primeiras instituições de planejamento metropolitano, as relações que as instituições e técnicos estabeleceram com os agentes sociais e políticos durante regimes autoritários e como isso repercute nas experiências democráticas recentes.

A mesa é composta por pesquisadores da UFMG, da UFPA e do Lincoln Institute of Land Policy (Cambridge, MA) e que tem se dedicado à compreensão do planejamento metropolitano em perspectiva analítica (histórica e teórica) e propositiva (concepção de planos em diversas escalas) e pretende acolher e reunir diferentes comunicações que permitam, num segundo momento, ampliar o debate estabelecendo uma interlocução através da incorporação de trabalhos de outras instituições brasileiras e ibero-americanas.

Coordinador(es)

Roberto Monte-Mor
FACE-CEDEPLAR-UFGM
montemor@cedeplar.ufmg.br

Edesio Fernandes
Lincoln Institute of Land Policy, Cambridge, Massachusetts, EUA
edesiofernandes1@gmail.com

Ponencias

O Plambel e o mercado da terra na Região Metropolitana de Belo Horizonte: estudos, regulação e evolução nas décadas de 1970 e 1980

João B. M. Tonucci Filho
Cedeplar/FACE/UFGM

Explorando as brechas no planejamento metropolitano: algumas concepções, ideias e metodologias de então e rebatimentos atuais

Heloisa Soares de Moura Costa y Jupira Gomes de Mendonça
IGC/UFGM; EA/UFGM

Planejamento metropolitano nas décadas de 1970 e 2010: institucionalidades e possibilidades de controle social

Elisângela de Almeida Chiquito y Geraldo Magela Costa
EA/UFGM; IGC/UFGM

Institucionalidades e processos participativos no PDDI-RMBH: notas sobre a rodada recente de planejamento metropolitano em Belo Horizonte e sua repercussão junto à sociedade.

Rita Velloso y Harley Siva
EA/UFGM; ICSAG-UFPA

MESA 47

Planejamento e politica nas cidades latino americanas

Resumen

A Mesa propõe refletir sobre a relação entre o campo do planejamento urbano, a política e o impacto na transformação das cidades brasileiras e latino americanas. A migração rural urbana com a mudança na economia agrária para industrial acelera o precário processo de urbanização em cidades brasileiras e latino americanas. Este processo que se iniciou nos anos trinta nas cidades que tiveram um crescimento acelerado como Buenos Aires, Montevideo, Rio de Janeiro e São Paulo, logo acontece também em outras cidades como Lima, Caracas, Bogota e na cidade do México.

Ao estudar a pratica do planejamento urbano no decorrer de um largo período- entre os anos 30 e o inicio dos anos 70- constata-se a ocorrência de alguns processos: a articulação de forma gradativa e complementar entre o campo de conhecimento e da pratica profissional; a expansão do território abrangido pelos estudos, análises e propostas; a articulação entre os planos, as propostas e a ação do Estado.

O recorte temporal adotado são os anos da década de sessenta, mas sempre considerando recuos e avanços temporais segundo os objetos analisados nas pesquisas. A politica desenvolvimentista no Brasil dos anos 1950 modifica-se nos anos 60 ao responder, por um lado à radicalização das forcas politicas e movimentos sociais no contexto internacional (guerra fria, ajuda americana aos países latino americanos e revolução cubana) e fortalecimento das concepções de planejamento, democracia e justiça social das esquerdas brasileiras e latino americanas.

Por outro lado, observa-se a organização de fóruns de debate, congressos e revistas reunindo intelectuais, profissonais em torno de temas relacionados com o planejamento e o desenvolvimento nas cidades latino americanas. Congressos realizados em diferentes cidade latino americana constituem importantes fóruns de debates sobre temas no campo urbano e regional. Constituia um importante contraponto “entre o que era divulgado sobre a produção sul- americana na Europa e EUA, e o que de fato era discutido pelos profissionais locais.” (Gomes, 2009, p.8).

É neste contexto que pode-se entender a importância da realização do Seminário de Habitação e Reforma Urbana, em julho de 1963 no Rio de Janeiro e em seguida em São Paulo. Este processo de lenta mobilização e construção de uma agenda de políticas para a reforma urbana foi interrompido no Brasil pelo golpe civil militar de

1964. Algumas teses propostas tem continuidade porem, muitas vezes, com sentido diferente. A criação e atuação do SERFHAU como parte do processo de construção da associação entre habitação e urbanismo é um exemplo das continuidades e contradições do período.

A análise de casos concretos permite a reflexão sobre a relação entre planejamento urbano e política nos conturbados anos 60 nas cidades brasileiras e latino americanas como parte de um contexto de transformações econômicas e políticas que ultrapassa fronteiras nacionais com forte impacto na transformação das estruturas urbanas.

Coordinador(es)

Maria Cristina da Silva Leme
Universidade de São Paulo, Brasil
crisleme@usp.br

Rodrigo de Faria
Universidade de Brasília, Brasil
rod.dfaria@gmail.com

Ponencias

Planejamento urbano e política: contradições, continuidades e rupturas nos anos sessenta no Brasil

Maria Cristina da Silva Leme
Universidade de São Paulo

Sobre o planejamento urbano no Brasil na década de 1960: uma interpretação em quatro dimensões

Rodrigo de Faria
Universidade de Brasília

Planejamento e gestão no novo Estado da Guanabara (1961-1965)

Vera Lucia Motta Rezende
Universidade Federal Fluminense

Planejamento e política: sofreu essa relação ruptura com o Golpe Civil-Militar de 1964? A cidade do Recife nos anos de 1960

Virginia Pontual
Universidade Federal de Pernambuco

MESA 48

Planes, programas, proyectos y propuestas para ciudades enfermas de modernidad

Resumen

La mesa de trabajo pretende abrirse a la exploración de las diversas propuestas de diseño urbano de las ciudades como una medida de saneamiento funcional de éstas, causado por el impacto de su crecimiento descontrolado, a partir de las primeras décadas del siglo XX. El enfoque, histórico, se hará desde la crítica de los planteamientos de los proyectos de barrios, colonias que buscaban insertarse dentro de un tejido urbano existente y que no siempre fueron parte de un programa gubernamental. Se pretende abordar los cuestionamientos de qué, cuáles y quiénes fueron los actores y factores que promovieron aquellos proyectos. Se busca comprender los criterios de diseño que conformaron las propuestas y, finalmente, analizar el papel de los diversos gobiernos para fomentar, promover, crear o subsanar aquellos ejemplos que lograron cuajar. La mirada con la que se abordará el fenómeno será desde la raíz de las problemáticas y sus respuestas de diseño insertos en el Movimiento Moderno. Se pretende hacer énfasis entre las propuestas urbanas y su relación estrecha con los objetos arquitectónicos, ya que, durante varias décadas del siglo pasado las fronteras de acción de la planeación de las ciudades eran campos de acción difusos entre desarrolladores, arquitectos, ingenieros y urbanistas especializados.

Con ello se abre el espectro de exploración hacia aquellas propuestas que no lograron consolidarse pero que, en su momento, se ofrecieron como una solución viable, factible, posible y hasta ideal. Las dolencias consecuentes de la modernidad antes anunciadas, serán confrontadas desde los aspectos de la especulación; movilidad y tránsito; contaminación ambiental; sobrepoblación, distribución y ocupación del territorio; saneamiento y ordenación de territorios existentes; dotación de equipamiento e infraestructura o planeación de territorios nuevos.

Coordinador(es)

Elisa María Teresa Drago Quaglia
Centro de Investigaciones sobre Arquitectura, Urbanismo y Paisaje (CIAUP),
Facultad de Arquitectura, UNAM
elisadragoq@gmail.com

Claudia Rueda Velázquez
Centro Universitario de Arte, Arquitectura y Diseño, Universidad de Guadalajara,
México
clau_ruedav@hotmail.com

Ponencias

Corazones de manzana y automóviles
Elisa Drago Quaglia
Facultad de Arquitectura, UNAM

Revisión de las propuestas para las ciudades Iberoamericanas del Movimiento
Moderno. La visión europea
Claudia Rueda Vázquez
Centro Universitario de Arte, Arquitectura y Diseño, Universidad de Guadalajara,
México

Ciudades Lineales y turísticas en las vías de la Carretera Panamericana
Catherine Ettinger Mcenulty
Facultad de Arquitectura, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo,
México

MESA 49

Puertos, espacios urbanos, paisajes y articulaciones territoriales

Resumen

Esta sessão articula pesquisas e estudos que problematizam metodológica e teoricamente as diversas transformações que perpassam o desenvolvimento portuário e sua relação com o entorno ambiental e urbano na segunda metade do século XIX e meados do XX. Tema que se enriquece, portanto, a partir de discussões pelas diferentes abordagens dadas a questão: ambiental, cultural, tecnológica, econômico-político-social, incluindo o viés pelo ordenamento urbano-territorial e pelo legado patrimonial (material e imaterial), fruto da relação da cidade com esta atividade ao longo da história. O porto, principal entrada das cidades lindeiras ao mar, aos rios e aos lagos até o advento da aviação, é um lugar que congrega funções os quais ultrapassam movimento de mercadorias, abarcando a circulação de pessoas e de ideias – e enfermidades. Entre molhes, armazéns e pátios de manobra, o porto engloba um espaço que cria, interliga e hierarquiza redes entre cidades, regiões e países. Os governos e poderes públicos locais não tardaram em fomentar melhorias estruturais para absorver os avanços tecnológicos em rápida expansão, em especial o contínuo aumento de tonelagem das embarcações. Questão importante que requeria constante emprego de novas tecnologias para garantir a dinâmica de suas atividades e sua inserção na “economia-mundo”. Nesse sentido, os antigos trapiches de madeira vão sendo substituídos por ancoradouros concreto armado, além da construção de grandes obras de contenção, como os molhes de pedra em acordo com os projetos elaborados e executados graças aos conhecimentos de engenharia dos técnicos encarregados dos serviços. O intrincado conjunto resultante impactou diretamente no cenário físico, alterando fluxos, correntes das marés e fauna e flora litorânea ou beira-rio. O porto, assim, se torna um local privilegiado para se compreender os conflitos provenientes da complexa relação entre o meio construído e o físico-geográfico, intermediado pelas inovações tecnológicas, criando novas paisagens, formas híbridas, parte antrópica, parte natural. Tal paisagem ganha novos contornos e conteúdos na medida em que o porto crescia, e mais se alterava os espaços nas cidades; novas construções sociais, políticas e econômicas se desenvolviam e articulações urbanas e territoriais ensejariam planos locais e regionais. A área portuária, por meio de seu poder econômico, se torna tanto o fio condutor como o canalizador que desencadeia uma série de processos, alterando sobremaneira as relações sociais da cidade e do seu tecido urbano. Esta sessão busca traçar paralelos entre os processos de estruturação das cidades portuárias, seus ancoradouros, suas relações socioambientais, as questões sanitárias, as tensões e arranjos políticos e econômicos e sua inserção nos planos urbano-

regionais ademais dos registros de testemunhos edifícios históricos. Dessa forma, pretende-se contribuir para reflexão acerca dos aportes teórico-metodológicos que embasam os estudos sobre o tema nas mais diversas escalas territoriais, a partir, inicialmente, de exemplos no Brasil, Argentina, Espanha e Portugal, mas com proposta aberta a contribuições de análises de outras realidades ibero-americanas.

Coordinador(es)

Angela Lúcia Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
angela.ferreira@pq.cnpq.br

Susana Serrano Abad
Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea, España
susana.serrano@ehu.eus

Ponencias

La ciudad portuaria de Bilbao. Poder local, actividad y cultura urbana (1876-1930)
Susana Serrano Abad
Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea, UPV/EHU

Entre dragagens e aterros: melhoramentos portuários e transformações na paisagem - Recife, séc. XIX
Yuri Simonini e Angela Lúcia Ferreira
Centro Universitário do Rio Grande do Norte, UNI-RN e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Brasil

El control de las epidemias en el puerto de Lisboa, 1901-1945
Celia Miralles Buil
Universidade de Lisboa, Portugal

O porto de Santos: transfigurações planejadas no limiar do século XX
Sidney Piochi Bernardini
Universidade de Campinas, UNICAMP, Brasil

Construcciones conceptuales del paisaje: planes urbano-regionales, ciudades y puertos a mediados del siglo XX en Argentina
Carlos Mazza
Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina

MESA 50

¿Qué fue de la vivienda social?

Resumen

Esta mesa temática propone considerar el papel cambiante de la arquitectura de la vivienda social en la ciudad latinoamericana: desde su auge y reconocimiento internacional en la década de los 50, hasta su relativo declive frente a las teorías y críticas en contra de los sistemas centralizados de producción de vivienda desde finales de los años 60. Contribuciones bien conocidas a aquel desgaste, como las de Michel de Certeau y John Turner, acentuaron el potencial emancipador de la “producción social” del hábitat mediante tácticas de apropiación que trabajan en contra, más allá, o al margen de las estrategias de la arquitectura y la planificación de vivienda social moderna. En Europa después de 2008, mientras la idea de una “sociedad participativa” se convertía en instrumento para dismantelar las políticas del Estado de Bienestar, estas propuestas volvieron a la actualidad, junto a una nueva fascinación por la ciudad informal latinoamericana (casi siempre contemplada desde una prudencial distancia, y en relación binaria con la ciudad formal, burocratizada y regulada). Proyectos con altas ambiciones culturales para favelas, villas, pueblos jóvenes y otros asentamientos informales han sido abordados repetidamente en escuelas y revistas de arquitectura, poniendo de moda términos como “acupuntura urbana”. Manuel de Solà-Morales, que reclamaba la invención del término, señaló también la posibilidad de que su empleo se tornara peligroso, y frente a ello la necesidad de tener en cuenta un panorama urbano y territorial más amplio. Panorama en el que la citada ciudad informal se puede entender, nuevamente, como el simple resultado de estrategias de segregación relacionadas con lo que Bernardo Secchi identificó, parafraseando el conocido título de Manuel Castells, como una “nueva cuestión urbana”: la creciente desigualdad social y espacial de las ciudades contemporáneas. Descartando la asociación ingenua entre la ciudad autoconstruida y la sociedad democrática o participativa, y la identificación de la planificación urbana y las políticas oficiales de vivienda con una burocracia corrupta e ineficiente, es hora de preguntarse de nuevo sobre el destino de la vivienda social y su arquitectura.

Coordinador(es)

Sergio Martín Blas
Universidad Politécnica de Madrid, España
sergio.martin@upm.es

Lucía Martín López
Tecnológico de Monterrey, México
luciamartinlopez@gmail.com

Ponencias

Megaformas rioplatenses. El caso del conjunto Lugano I y II en Buenos Aires
Alejandro Gregoric, Claudio Labra y Lucas Longoni
Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Universidad de Buenos Aires,
Argentina

Tejido urbano y tipología de vivienda. Desarrollo histórico y evolución para la
vivienda social en la ciudad peruana
David Resano
Universidad de Piura, Perú

¿La diversidad de la vivienda como resistencia?
Héctor Guayaquil Sosa
Facultad de Arquitectura, UNAM

Subversiones conceptuales en la arquitectura de vivienda social de la Guayaquil
Juan Carlos Bamba Vicente
Universidad Católica de Santiago de Guayaquil, Ecuador

Impactos y respuestas derivados de la política pública, en el ámbito de la
habitabilidad de los bloques urbanos de vivienda mínima en Ciudad Obregón
Sonora, México.
Bruno García Llanes
Instituto Tecnológico Superior de Cajeme, Sonora, México

MESA 51

Recuperar la metrópoli iberoamericana: la memoria del tejido urbano

Resumen

Las grandes metrópolis iberoamericanas, desde la década de 1960, han buscado soluciones transdisciplinarias a los problemas que les acontecían debido a que su trama ha sido definida a lo largo de la historia a través de las distintas actividades programáticas que configuran el tejido de las mismas.

Asimismo, el importante cambio sufrido en el ámbito de los estudios urbanos ante la saturación de paradigmas multidisciplinares obliga a la disciplina a construir una cosmovisión conjunta donde los tejidos urbanos sean abordados desde su dimensión social para construir la ciudad del futuro transformando los registros culturales en recursos sustentables.

Por otro lado, la identidad que cada sociedad ha construido es una memoria selectiva de los distintos hechos históricos, relaciones sociales y singularidades de un lugar, sustentada en el patrimonio que mediante su acción directa en el entorno transforma los espacios urbanos. Estas improntas refuerzan la incorporación de los elementos arquitectónicos en los procesos cognitivos, de reconocimiento simbólico y apropiación del lugar por parte de la sociedad, autoatribuyéndoles cualidades definitorias de la propia identidad local. De este modo, por ejemplo, Viena, a principios del siglo XX, decide identificarse con la arquitectura imperialista y no con la de la Secesión, o París opta por ser romántica y dejar atrás su pasado medieval. En este sentido, la identidad es una convención por lo que puede establecerse que los registros del pasado convertidos en marcas atractivas de reconocimiento popular que permanecen en las ciudades contemporáneas, pueden conformar la componente esencial local de la sustentabilidad en el siglo XXI generando un sentimiento de atracción global.

No obstante, esta propuesta se centra en la búsqueda de fundamentos teóricos que definen los registros culturales que transforman los tejidos urbanos de las grandes metrópolis iberoamericanas en repertorios culturales, ya que la ciudad es la encargada de absorber todos estos elementos y constituirlos en marcas ineludibles para la lectura del pasado que, sin ellos, resultaría absurda. Esta singularidad convierte la cuestión patrimonial, como representación formal inmediata de lo cultural, en el principal elemento de referencia para construir el legado de las generaciones futuras al incorporarla en los procesos urbanos contemporáneos. La idea de esta mesa temática es, justamente, convocar a distintos especialistas del ámbito de los estudios urbanos que cuyo interés se centre en la consideración

de los procesos urbanos que incorporen los registros del pasado para configurar dispositivos futuros que, a su vez, contemplen la construcción social de la ciudad mediante la consideración de prácticas sustentables contemporáneas en lugares cargados de identidad.

Coordinador(es)

Domingo Sánchez Fuentes
Universidad de Sevilla, España
dsanchez@us.es

Virginia Arnet Callealta
Universidad Mayor, Chile
virginia.arnet@umayor.cl

Ponencias

Metanoia y ciudad iberoamericana
Carlos Tapia Martín
Universidad de Sevilla, España

Revelando la historia del territorio como soporte de una nueva disciplina metropolitana. Aproximación la complejidad de la metrópolis iberoamericana mediante el análisis cartográfico
Antonella Contin, Blanca Del Espino Hidalgo, Saúl Alcántara Onofre, Ramón Reyes Rodríguez, Olga Clarisa Becerra Mercado, Gustavo Rodríguez de la Vega Politecnico di Milano (Italia), Universidad de Sevilla (España), Universidad Autónoma de México (México), Universidad de Guadalajara (México), Universidad de Guadalajara (México), Universidad Iberoamericana Torreón (México)

La construcción sostenible de la metrópolis latinoamericana: de la muerte de la identidad a la complejidad urbana
Enrique Naranjo Escudero
Universidad Mayor, Chile

Proyecto territorial para Lambayeque (Perú). Definición de un enfoque antropobiocéntrico orientado a garantizar un desarrollo autosostenible localmente
Raúl Gálvez Tirado
Universidad Católica Santo Toribio de Mogrovejo, Perú

Lugares de oportunidad. Espacios post industriales en la región Lambayeque
José Luis Perleche Amaya
Universidad Católica Santo Toribio de Mogrovejo, Perú

MESA 52

Regeneración urbana y procesos participativos en Iberoamérica: perspectiva histórica de la modernidad y contradicciones en el urbanismo construido

Resumen

Las sucesivas transformaciones de las ciudades americanas durante el siglo XX están asociadas al advenimiento de la modernidad y más tarde a la globalización, y a sus consecuentes crisis sociales y espaciales. El urbanismo funcionalista bajo influencia de los CIAMs y los patrones racionalistas que este movimiento difundía se tradujeron en la transferencia de modelos urbanos europeos que migraron a una variedad de países de Latinoamérica. Sin embargo, es interesante revisar cómo en ciudades como Lima o Santiago de Chile, los ciudadanos lograron adaptar a sus necesidades lo que el Estado les otorgaba, dándole a sus barrios y viviendas la fuerza de una identidad autoconstruida. En este sentido, la ponencia que presentará Patricia Caldas permite reflexionar sobre el papel de la participación de los habitantes en los procesos de configuración y adaptación de las UVs de Lima a través de la organización vecinal y las prácticas de autogestión, las cuales revelan que el concepto del “barrio como proceso”, asociado a una arquitectura planificada, resultó ser más apropiado que el concepto de barrio y viviendas concebidos como productos terminados para sectores de bajos ingresos.

La ponencia de Alberto Gurovich tiene continuidad temática con lo anterior, sobre todo cuando se enfoca en los puntos de inflexión de aquellos estratos de la dimensión espacial dados en las sucesivas transformaciones asociadas a la modernidad. Estas transformaciones no sólo fueron de carácter urbano o espacial, si no ante todo sociales; y se manifestaron en numerosas crisis durante el siglo XX. Dichas crisis evidenciaron la particular manera en que los actores sociales vivieron la experiencia de la modernidad en las sociedades latinoamericanas.

Un punto en común en estas crisis es el abandono de las viejas estructuras sociales y físicas, muchas veces graficado en la pérdida del patrimonio industrial. La ponencia de María Isabel Castro alude a ello cuando analiza el caso de Santiago del Estero, y la forma en que el impacto de la globalización incidió en el abandono del patrimonio ferroviario de esta ciudad argentina. Sin embargo, en Latinoamérica en las últimas décadas, se han puesto en marcha programas de regeneración urbana, cuyos antecedentes están en algunas ciudades europeas, que llevan décadas concretando este tipo de actuaciones. Las Ponencias de Stella Schroeder y de Alexandra Delgado permitirán conocer cómo se está dando la transferencia

del conocimiento en casos de regeneración desde ciudades como Madrid, Bilbao, Liverpool o Hamburgo a Latinoamérica.

Los temas tratados abordan diferentes experiencias en el devenir histórico de las ciudades analizadas que muestran cambios de extraordinaria complejidad en el contexto de la sociedad global.

Coordinador(es)

Edith Aranda Dioses
Facultad de Ingeniería Económica, Estadística y Ciencias Sociales. Universidad Nacional de Ingeniería, Perú
etarad@gmail.com

Paula Kapstein López
Facultad de Arquitectura y Artes, Universidad Austral de Chile
paula.kapstein@gmail.com

Ponencias

Perspectiva histórica de la ciudad participativa en las primeras periferias urbanas de Latinoamérica: Actores sociales, organización vecinal y TICs en la apropiación informal del garden-suburb-dormitorio en Lima
Patricia Caldas Torres
Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Artes, Universidad Nacional de Ingeniería Perú

Modernidad temprana y pensamiento divergente en el Urbanismo chileno: articulando puntos de inflexión
Alberto Gurovich Weisman
Departamento de Urbanismo, Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad de Chile

Globalización en la arquitectura, el paisaje, y en la reutilización de terrenos en desuso en ciudad de Santiago del Estero, Argentina
Maria Isabel Castro
Instituto de Estudios Ambientales, Universidad Nacional de Santiago del Estero, Argentina

Enfoques contemporáneos en proyectos de regeneración de áreas urbanas
costeras. Una revisión crítica de casos latinoamericanos y europeos

Stella Schroeder

Departamento de Arquitectura y Territorio de la Facultad de Ingeniería,
Universidad de Piura, Perú

Procesos de regeneración urbana en España: los casos de estudio paradigmáticos
de la Ría de Bilbao y Madrid Río

Alexandra Delgado Jiménez

Departamento de Arquitectura, Universidad Nebrija, Madrid, España

MESA 53

Representaciones del urbanismo en las muestras bienales iberoamericanas

Resumen

En su condición de espacios de divulgación de la producción nacional e internacional, las muestras bienales –y trienales– de arquitectura han venido siendo destacadas por la historiografía de manera frecuente. Por medio de ellas se establecen contactos internacionales, se entrevén redes, se consolidan debates y se ponen a prueba ideas nuevas. Aunque el foco de esas muestras no suele estar directamente vinculado al urbanismo, en ellas se escuchan reverberaciones de las discusiones concernientes a dicho campo disciplinar en la cultura arquitectónica y, sobre todo, reflejan los distintos entendimientos de las especificidades de su práctica en manos de los arquitectos.

En este sentido, la sección Internacional de Arquitectura de la XV Trienal de Milán, denominada ‘Architettura-Città’ y organizada por Aldo Rossi en 1973, se sirvió de la exposición de proyectos estrechamente vinculados a problemas urbanos para provocar la internacionalización de un debate hasta entonces asociado a la *Tendenza* (Ellin, 1996; Sainz Gutiérrez, 2006). En 1980, la primera sección de arquitectura en la Bienal de París –denominada ‘À la Recherche de l’Urbanité: l’urbanité, c’est le savoir faire la ville et le savoir-vivre en ville’– amplió el debate.

Incluso antes de la prestigiosa y polémica Primera Bienal de Arquitectura de Venecia, –en la que se exhibió en 1980 la ‘Strada Novissima’–, en América Latina ya se organizaban muestras internacionales específicas de arquitectura. Salvo el lapso temporal que se dio entre la Primera Bienal Internacional de Arquitectura de Sao Paulo (1973) y su reactivación en 1993, las Bienales de Colombia, Quito y Santiago de Chile se han venido celebrando con regularidad desde 1962, 1978 y 1977, respectivamente. Cabe destacar que, a diferencia del precedente colombiano, la aparición de las bienales de Quito y de Santiago en el contexto latinoamericano coincide temporalmente con un momento internacional de revisión de la cultura urbanística –la crisis del planeamiento, la negación de las visiones de conjunto y la defensa de la intervención por proyectos para fragmentos urbanos como alternativa a la planificación (Hall, 1988; Hebbert, 2004; Elinbaum, 2014)–, así como al inicio de un intenso diálogo latinoamericano (Arango, 1991; Ramírez Nieto, 2011) e iberoamericano (Jajamovich, 2011). La consolidación de este intercambio quedó de manifiesto en el proceso que, encabezado por España en 1998, resultó en la primera Bienal Iberoamericana de Arquitectura e Urbanismo, un evento que desde entonces se ha venido celebrando ininterrumpidamente en diversas ciudades latinoamericanas e ibéricas.

Esta mesa pretende analizar comparativamente cómo las representaciones sobre el urbanismo han ido apareciendo en las muestras bienales de Iberoamérica. Por medio de la confrontación entre prácticas y debates urbanos en las Bienales de distintos países y su alcance, se pretende reconocer los cambios en la comprensión del urbanismo de arquitectos; su contribución en el establecimiento de diálogos e intercambios latino e iberoamericanos; así como la reverberación y presencia reiterada de una serie de pautas urbanas en el espacio de las bienales.

Coordinador(es)

Ana Esteban Maluenda
Universidad Politécnica de Madrid, España
ana.esteban.maluenda@upm.es

Gisela Barcellos de Souza
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
giselabarcellos@ufmg.br

Ponencias

Bienales y fotografías en un país de ciudades, Colombia 1962-2000
Andrés Téllez T.
Pontificia Universidad Católica de Chile, Chile

Arquitetura em retrospectiva. 10 bienais de São Paulo
Elisabete França
Fundação Armando Álvares Penteado, Brasil

Desarrollo y expansión urbana en el Quito de los años 1980
María Rosa Zambrano Torres
Universidad de las Américas, Ecuador

O urbanismo colateral: as Bienais de Arquitetura chilenas no contexto da intervenção militar
Gisela Barcellos de Souza
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Intereses efímeros. Ciudad y urbanismo en la Bienal Iberoamericana (1998-2010)
Ana Esteban Maluenda
Universidad Politécnica de Madrid, España

MESA 54

Re-significación de los espacios públicos en los procesos de renovación urbana en las ciudades de Iberoamérica

Resumen

Las ciudades son entes vivos con vida propia y/o inducida por la planificación y las necesidades de la población; también en esta vida orgánica juega un papel importante el mismo proceso de acomodación, simbiosis entre una, la planificación; y otra, la población con sus múltiples perfiles, diferencias, prácticas y ritmos. En la actualidad, y posiblemente desde sus orígenes, la ciudad ha estado sujeta a cambios y dinámicas reconocidas en la literatura científica como “procesos de renovación urbana”; más recientemente este término casi ha sido sustituido por otro de origen anglosajón, el de “gentrificación”, con el que se destaca la parte más perversa de ese proceso de dinamización.

La propuesta de estamesa apuesta por las experiencias que destacan la renovación de espacios públicos (calles, plazas...) recuperándolos y la respuesta de la población ante el nuevo escenario espacial; así como las implicaciones socio-espaciales que supone dicho proceso de renovación. Se busca una lectura equilibrada de la re-significación del espacio público recuperado.

Coordinador(es)

Carmen Egea Jiménez
Universidad de Granada, España
cegea@ugr.es

Pablo Páramo
Universidad Pedagógica Nacional, Colombia
pdeparamo@gmail.com

Ponencias

Historia social situada en los espacios públicos de la ciudad como parte de los procesos de renovación urbana
Pablo Páramo y Andrea Burbano
Universidad Pedagógica Nacional, Colombia

Espacio público y movimientos sociales: la plaza en el movimiento 15M de Granada, España

Ángela Mesa Pedrazas

Universidad de Granada, España

Identidad simbólica e imaginario fundante de la ciudad moderna: el caso de Monterrey, México

Milton Aragón

Universidad Autónoma de Coahuila, México

População em situação de rua, espaços públicos e políticas de contenção territorial no Brasil

Igor Martins Medeiros Robaina

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

MESA 55

Revistas de urbanismo: entre local e transnacional (1900-1960)

Resumen

A sessão propõe uma reflexão sobre o papel da imprensa, sobretudo a especializada, no campo do urbanismo e do planejamento urbano na difusão das práticas e dos debates sobre a nova disciplina entre 1900 e 1960. Os periódicos especializados, como revistas e boletins, foram vinculados às associações profissionais, às escolas de formação técnica, às instituições públicas, aos “reformadores sociais”, desempenhando um papel fundamental na construção e difusão deste novo campo do conhecimento. As publicações especializadas foram relevantes na discussão sobre os limites de abrangência deste campo profissional e sobre as referências teóricas e técnicas em construção; muitas vezes ampliando este debate para a imprensa local. O processo de formação do campo do urbanismo começa na virada do século XIX para o XX e se consolida no contexto de um debate e troca de experiências internacionais no qual os periódicos especializados irão cumprir um papel relevante na difusão de planos urbanos, projetos urbanísticos, legislação urbana, teorias, princípios de intervenção em discussão em diferentes contextos culturais, como França, Bélgica, Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e América Latina. As revistas especializadas e técnicas são muitas vezes um elo entre as realidades locais e nacionais, mas no caso específico do urbanismo, a dimensão internacional é indubitavelmente de interesse relevante sendo um elo entre o local e o transnacional. A sessão tem como objetivo abrir um debate sobre o tema das revistas de urbanismo e planejamento urbano, no período delimitado, com destaque para a circulação de periódicos especializados no contexto ibero-americano, assim como a circulação de propostas, de profissionais, de realização de congressos e projetos para as cidades ibero-americanas em periódicos europeus ou estadunidenses, favorecendo intervenções que captem a escala múltipla de ação que tem caracterizado a atividade do urbanista. Um dos objetivos da sessão é abrir uma discussão sobre a difusão na América Latina do urbanismo, procurando debater como os assuntos neste campo são integrados aos contextos locais, como as áreas de referência são difundidas com a mudança do contexto político, econômico e social. Alguns tópicos de interesse nesta sessão podem ser explicitados: conselhos editoriais e colaborações internacionais; a presença da revista no contexto local / nacional / internacional (através de eventos, competições, etc.); a revista como lugar de experimentação teórica; a presença do debate urbanístico na imprensa local.

Coordinador(es)

Angelo Bertoni

TELEMME, Aix Marseille Université, CNRS, Aix-en-Provence, França

angelo.bertoni@neuf.fr

Josianne Francia Cerasoli

Departamento de História-Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Brasil

cerasoli@unicamp.br

Ponencias

A difusão de propostas de urbanismo no jornal o Estado de São Paulo entre 1910 e 1945

Ivone Salgado

POSURB-ARQ-Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP-Brasil

Revistas de urbanismo, França, Bélgica e América Latina (1890-1950)

Angelo Bertoni

TELEMME, Aix Marseille Université, CNRS, Aix-en-Provence, França

As revistas especializadas paulistas e a difusão do pensamento urbanístico entre profissionais brasileiros

Maria Stella Bresciani

Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade (CIEC)-UNICAMP Campinas-São Paulo, Brasil

Colombia 1945-55: la difusión de los modelos CIAM en las universidades vista a través de las revistas

Giaime Botti

Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, Colômbia

Urbanismo e questão urbana nos anos 1920-1930: elementos de uma pauta comum?

Josianne Francia Cerasoli

Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade (CIEC)-UNICAMP Campinas-São Paulo, Brasil

MESA 56

Rompiendo fronteras coloniales: hasta una historiografía urbana plurinacional

Resumen

La construcción de historiografía urbana debe romper las fronteras impuestas desde la colonia, y consolidadas en los siguientes siglos, para dar paso a historiografías regionales que consoliden lo local. Abrir paso a una historiografía de las Américas permitirá entender la historia de nuestras ciudades desde una alternativa teórica, un desarrollo que nos lleve a ser críticos con la genética de la ciudad (que nos ha sido impuesta) y que nos acerque más bien a los territorios e identidades que fueron destruidos, pero que de muchas formas siguen latentes. En un nivel fundamental, carecemos de una historia espacial básica de nuestro continente. El arquitecto argentino Rafael Iglesia solía decir (probablemente tomando prestado de otro lugar) que Europa tiene tiempo y que las Américas tienen espacio. Nos atrevemos a explicar que a pesar de tener todo ese espacio (que, dicho sea de paso, nunca estuvo vacío) no sabemos la historia de nuestros espacios salvo piezas muy seleccionadas del mismo.

Tal ignorancia crea una relación dislocada entre el tiempo y el espacio, que se hace aún más dramática por el hecho de que las ciudades modernas en las Américas fueron diseñadas para olvidar y excluir (LARA, 2018). El resultado de no haber teorizado todavía nuestros espacios es que aún no los hemos problematizado y, por lo tanto, somos testigos de la perpetuación de la exclusión y el borrado de la memoria como características principales de la urbanización en todo el continente. Así se podría construir la historiografía del Golfo de México o la historiografía Huasteca, la historiografía Andina o del Amazonas, desde una perspectiva decolonial y transnacional. Esta mesa invita a presentar Ponencias centradas en el estudio de lo urbano/arquitectónico desde una mirada decolonial que permita re-escribir la historiografía de las Américas.

Coordinador(es)

Fernando Luiz Lara
University of Texas at Austin
fernandolara@utexas.edu

Reina Loredo Cansino
Universidad Autónoma de Tamaulipas
rloredoc@docentes.uat.edu.mx

Ponencias

Una historia fantástica. Apuntes para la construcción del hiper relato espacial de América del Sur

Diana Maldonado

Universidad Autónoma de Nuevo León, México

La llanura y la pampa: Decolonizando las historias de Chicago y Buenos Aires

Ana María León

University of Michigan, Estados Unidos

Las exposiciones modernas en el contexto andino-caribeño. Permanencias y ausencias en la historiografía universal y local

José Javier Alayón González

Universidad Javeriana, Bogotá, Colombia

MESA 57

Suburbio y arquitectura moderna

Resumen

En 1957, Lina Bo Bardi advertía cómo el fenómeno moderno de la velocidad “recompone la vida de las ciudades, al tiempo que reconstituye la vida del campo”. Esta observación se inscribía en el contexto de una reflexión sobre la relación entre arquitectura y naturaleza que, en una conciencia emergente de la finitud de los recursos se asociaba a la percepción del debilitamiento de la distinción entre ciudad y campo, y de la transformación del territorio en una forma que no es ni lo uno ni lo otro. Esa forma es el suburbio.

La geografía define el suburbio como un “concepto polisémico” que, tal como ha puntualizado Hervé Vieillard-Baron, históricamente ha comprendido por lo menos tres sentidos: uno jurídico, que se refiere a los derechos y deberes de una parte de los habitantes en la época medieval; otro propiamente geográfico, de periferia urbana dependiente del centro; y finalmente uno simbólico, de marginalidad y exclusión.

Para la arquitectura y el urbanismo, disciplinas no solo analítico-descriptivas, como la geografía, sino también propositivas, el suburbio tampoco ha asumido significados unívocos. De hecho, el suburbio ha constituido un territorio ambivalente en el que las figuras de la máquina y de la naturaleza están simultáneamente presentes, tanto en las construcciones discursivas cuanto en los resultados espaciales y materiales.

Como resultado de los procesos de industrialización y la consecuente expansión de la mancha urbanizada, el suburbio se ha presentado como la plasmación de la lógica de la máquina sobre el territorio, encarnada en sus signos más emblemáticos: la repetición y la homogeneidad. Pero, simétricamente, el suburbio también ha incorporado la nostalgia de la naturaleza, como el hogar del “huésped” circunstancial de la “vida civilizada,” tal como escribiera Thoreau en Walden, como una postura igualmente congénita al contexto de la era de la máquina.

Un corpus creciente de reflexión sobre el suburbio ha estado mayormente centrado en los efectos adversos de la suburbanización, tratando de destacar sus consecuencias ambientales y sociales. Sin embargo, los suburbios fueron también un campo fructífero de experimentos para la arquitectura moderna. Barragán diseñó los Jardines del Pedregal como suburbio moderno en la Ciudad de México;

Niemeyer proyectó el conjunto de la Pampulha como el elemento primario para el desarrollo de un suburbio residencial en Belo Horizonte; la misma Lina Bo Bardi proyectó su Casa de Vidrio en el recién creado suburbio del Morumbi en São Paulo, entre tantos otros casos. La mesa propone investigar el rol de la arquitectura y del urbanismo modernos en la conformación del suburbio en Iberoamérica, considerando el problema en sus múltiples dimensiones, sean arquitectónicas, urbanísticas, ambientales o sociales.

Coordinador(es)

Cláudia Costa Cabral
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
claudiacostacabral@gmail.com

Ana María Rigotti
Universidad Nacional de Rosario, Argentina
amirigotti@gmail.com

Ponencias

El suburbio en el desierto: naturaleza, paisaje, urbanización y arquitectura moderna, en La Lisera, Arica, Chile 1950-1960
Horacio Torrent
Pontificia Universidad Católica de Chile

La tentación del Paraíso. Las casas de Mario Payssé en Carrasco
Mary Méndez y Emilio Nisivoccia
Universidad de la República Uruguay

Tejidos residenciales de baja densidad. Moderno, Modernista o pintoresquista?
La expansión norte del GBA 1940-1960
Ana Gómez Pintus
Universidad Nacional de La Plata, Argentina

Jogos suburbanos: Araxá vs Pampulha
Carlos Eduardo Comas
Universidade Federal do Río Grande do Sul, Brasil

Rafael Iglesia: Dos casas en el inmenso espacio pampeano
Claudio Solari
Universidad Nacional de Rosario, Argentina

MESA 58

Técnicas y estrategias de poder y contrapoder en ámbitos urbanos

Resumen

Tradicionalmente, la ciudad se ha entendido como el asiento de actores y estructuras desde las que se ejerce poder. Sin embargo, muchas de estas lecturas han comprendido a la ciudad como un agente pasivo, como un escenario sobre el que actúan las dinámicas propias de la vida social o institucional. La propuesta de esta mesa es realizar una lectura transversal de estos procesos de manera que las técnicas, la materialidad, los saberes y las representaciones se presenten como agentes activos de la conformación de la vida urbana, inscritos en estrategias específicas del ejercicio del poder y el contrapoder.

La observación transversal del ámbito urbano que la mesa propone implica reflexionar sobre los tipos de poder que se generan en la producción del espacio y en la vida colectiva que alberga y lo conforma. El poder no emana exclusivamente del Estado, instituciones o grupos dominantes, sino también de fuerzas ciudadanas, materiales y simbólicas. En su conjunto producen prácticas constantes, multidireccionales y multi-intencionadas con las que el poder se acuerda, ejerce, resiste o distribuye. Por este motivo la mesa contempla la perspectiva del poder y el contrapoder con la intención de abarcar las técnicas y estrategias de gobierno y sociedad mediante las cuales se reparten o disputan el acceso a diversas instancias del poder, construyen el espacio urbano, su materialidad, memoria, interpretación y experiencias.

De este modo, algunas de las nociones centrales que guían los análisis son las siguientes:

1. Biopolítica
2. Materialidad
3. Geografías políticas y simbólicas
4. Dimensión contrahegemónica
5. Poder

La mesa surge como una iniciativa del Seminario de Historia Urbana auspiciado por el Instituto de Investigaciones Históricas de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), que busca explorar enfoques multidisciplinarios e innovadores por parte de jóvenes científicos sociales en un proceso de construcción de conocimiento a partir de la discusión entre pares de distintas trayectorias y disciplinas científicas y humanistas.

Coordinador(es)

Paola Ugalde
Facultad de Filosofía y Letras, UNAM
azuluga@yahoo.com.mx

Fabiola Hernández
Facultad de Arquitectura, UNAM
ondina28@hotmail.com

Ponencias

Concreto, propaganda y progreso. El concreto en la infraestructura del progreso material durante el porfiriato

Fabiola Hernández Flores
Facultad de Arquitectura, UNAM

Espacio funcional versus espacio monumental. Los proyectos de ampliación en las calles del centro de la ciudad de México, 1952-1960

Carlota Zenteno Martínez
Instituto de Investigaciones Históricas, UNAM

“Cuerpo urbano, cuerpos urbanos: normalización ciudadana en el Departamento del Distrito Federal (DDF), 1929-1933”

Imelda Paola Ugalde Andrade
Facultad de Filosofía y Letras, UNAM

El campus universitario y la creación de una identidad estudiantil en la Ciudad de México: Ciudad Universitaria y “La semana ardiente” de 1958

Erika Alcantar García
Facultad de Arquitectura, UNAM

El eje de Tepetzinco a Chapultepec: una hipótesis de geografía simbólica fundacional para Tenochtitlan

José Armando Alonso Arenas
El Colegio de Urbanistas

Naturaleza, poder y urbanización en el hundimiento de la ciudad de México

Sergio Miranda Pacheco
Instituto de Investigaciones Históricas, UNAM

MESA 59

Uma História da Cultura Técnica Urbana em Perspectiva Transnacional

Resumen

O estudo histórico da dimensão urbana, nos últimos tempos, tem procurado outras perspectivas analíticas que não a da costumeira ideia de importação de modelos. Notam-se, nos últimos dez anos, pelo menos, uma problematização mais densa sobre atores sociais, quais sejam profissionais diplomados, políticos, empresas, publicações e consultores que, circulando por múltiplos territórios, permitem a criação de uma história transnacional que conecta, de maneira bem reveladora, atitudes que se mostravam ou isoladas, ou vistas numa chave de causa e efeito. A construção de uma expertise sobre os problemas urbanos, ao longo do século XX, foi debatida e defendida por meio de congressos diversos, exposições e revistas, que mais do que replicarem “saberes” europeus ou estadunidenses, permitiram triangulações muito importantes entre as duas margens do Oceano Atlântico, e entre o norte e o sul do continente americano, e que nos interessam conhecer e problematizar nesta mesa.

Entender aspectos da criação de uma cultura técnica sobre o urbano, torna-se, assim, um desafio importante da história na contemporaneidade. Como a ideia de urbanismo e de planejamento urbano é formada por múltiplas contribuições, vindas da arquitetura, da sociologia, da engenharia, da medicina, dos estudos ambientais, da história, bem como da filosofia e das noções administrativas, para tratar de assuntos como habitação, saneamento, transportes, lazer, interessa-nos ouvir o que colegas que tratam dessas dimensões de uma expertise podem nos revelar ao abordarem em perspectiva transnacional as categorias que formularam um campo de ação sobre as cidades no século XX.

Coordinador(es)

Fernando Atique
Universidade Federal de São Paulo, Brasil
fernando.atique@gmail.com

Leandro Benmergui
Purchase College, State University of New York (SUNY)
leandro.benmergui@purchase.edu

Ponencias

As exposições de comemoração dos centenários de independência no Ríó de Janeiro e em Buenos Aires –entre história comparada e transnacional

Marianna Boghosian Al Assal

Escola da Cidade

Un laboratorio insólito: el Centro Interamericano de Vivienda y la investigación-acción transnacional en Bogotá, Colombia, 1951-1965

Mark Healy

University of Connecticut, Estados Unidos

Dejar la ciudad. Infraestructuras de la movilidad y fantasías del viaje moderno en Santiago de Chile, 1920-1940

Rodrigo Booth

Universidad de Chile

A paisagem e a cidade legada pelo Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, Severo & Villares (1886-1980)

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno

FAU-USP, São Paulo, Brasil

Jose Arthur Rios y Anthony Leeds: Ciencias Sociales y el estudio de la pobreza urbana en clave transaccional

Leandro Benmergui y Rafael Soares Gonçalves

Purchase College, SUNY, Estados Unidos y PUC-Río de Janeiro, Brasil

MESA 60

Urbanização e conexões macro territoriais em perspectiva americana e global

Resumen

Pensar em métodos de leitura da paisagem e da cultura material nos leva a flertar com a Geografia nas suas interfaces com a História. Desvelar camadas de tempos e imaginar dinâmicas, lógicas antrópicas de enraizamento e de mobilidade na paisagem significa imaginar fluxos em caminhos e rios nas suas possibilidades e dificuldades de comunicação, em busca dos vestígios de uma fenomenologia dos modos de ser e estar em escala macrorregional. A perspectiva macrorregional, americana e global impõe-se como um desafio desejável, na medida em que se observa a predominância de uma historiografia muito regionalizada.

Uma nova safra de estudos vem dando a ver relações macro territoriais inimagináveis e, ao mesmo tempo, permitindo repensar conceitos que engessam a História Urbana ibero-americana. Tais estudos recentes permitem entender o sistema urbano na sua conotação mais ampla, nele incluindo-se pousos, bairros rurais, fazendas, feiras, passagens, guardas, registros e demais pontos nodais relacionados às cidades, vilas, capelas, freguesias, julgados e aldeamentos missionários nas suas interfaces com preexistências nativas, partindo-se do pressuposto de que o colonialismo ibérico raramente impôs-se ex-nihilo na tabula rasa, valendo-se quase sempre das redes indígenas. Isso possibilita ampliar o conceito de urbano para todo e qualquer vestígio indicativo de presença humana irradiada de demandas urbanas, via homens urbanos, a despeito da sua fragilidade demográfica, formal e estatuto político. Nesse sentido, achamos pertinente incluir no horizonte das questões citadinas pontos de economia que extrapolavam a lógica da subsistência, dando-lhes visibilidade por estarem imantados a circuitos urbanos e que, em constelação, configuravam territorialidades entretecidas por vivências cotidianas.

Em paralelo, ambiciona-se ensaiar possibilidades de interface em escala intercontinental, percebendo fronteiras interimperiais mais porosas do que nos pareciam à primeira vista, aqui entendidas como “zonas de encontro culturais, trocas e hibridismos” mais do que barreiras políticas. Na perspectiva de uma história global ou mundial, pretende-se ensaiar romper empiricamente barreiras políticas e historiográficas, imaginando triangulações entre contextos europeus, americanos, africanos e asiáticos por intermédio ou não das Coroas aos quais estiveram subordinados ao longo do colonialismo.

O desafio hercúleo de explorar o mundo ibérico nas suas conexões globais e continentais impõe, antes de tudo, um trabalho coletivo para se desconstruir “narrativas” e “lugares comuns” que acabaram adquirindo estatuto historiográfico, sobretudo mitos emanados dos institutos históricos e geográficos nacionais e regionais.

Pesquisas recentes fazem saltar à vista novas territorialidades com ramificações bastante alargadas. Sem o saber e desconectadas entre si, lançam luz em evidências empíricas que merecem debate por conspirarem para uma necessária releitura do Brasil e da América em seu conjunto, inclusive nas suas interfaces com outros continentes. Desmontam a tese da “colonização arquipelágica”, rompendo com a ideia de “fragmentação” e “descontinuidade” entre as partes. Revelam territorialidades macrorregionais e zonas de intersecção de perfil cultural híbrido, compartilhando hábitos, dialetos e costumes que subvertiam as fronteiras políticas que lhes foram impostas. Esses estudos revelam materialmente formas e tipologias de articulação, inclusive intermodais herdadas dos indígenas, cujo estudo dos fluxos e atores em movimento revela hibridismos na cultura material e imaterial em territorialidades outrora lidas numa chave endógena.

Coordinador(es)

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil
bpsbueno@gmail.com

Rafael de Faria Domingues Moreira
Departamento de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa, Portugal
rfdmoreira@gmail.com

Ponencias

O Caminho do Viamão em suas conexões americanas
Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (FAUUSP); Tiago Gil (História-UNB); Alice Pereira Barreto (FAUUSP); Guilherme Silvério Dias (FAUUSP)
Professor Associado FAUUSP; Professor Doutor História-UNB; Bolsistas PIBIC e PIBITI

Os Índios Barbados e suas aldeias: a rede de urbanização no vale do Itapecuru (Maranhão) no século XVII
Rafael de Faria Domingues Moreira
Departamento de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa

Nos sertões do Rio Grande – disputas entre capitánias e bispados na ocupação da hinterlândia

Renata Baesso Pereira, Rafael Augusto Silva Ferreira, Carolina Farnetani de Almeida

POSURB-ARQ, PUC Campinas

Os bairros rurais e as fazendas mistas na rede urbana polarizada pela Vila de Nova Bragança na Província de São Paulo

Ivone Salgado; Carolina Gonçalves Nunes

POSURB-ARQ-PUC Campinas

Circularidade e conexões atlânticas: arquitetura e artífices entre os Sertões do Norte e Portugal (1700-1820)

Clovis Ramiro Jucá Neto

DAU-UFC/ PPGAU+D-UFC

Ramiro Telles Beserra

IPHAN-CE

MESA 61

Urbano, suburbano e periurbano: paisagens e outros patrimônios culturais

Resumen

O crescimento extensivo e os zoneamentos excessivos (nem sempre propositivos) impostos aos espaços urbanos das cidades latino-americanas, a partir dos anos 1950, condicionaram a forma como estas foram ultrapassando seus limites, ainda em movimentos radioconcêntricos, avançando sobre os territórios circundantes, até torná-los não mais identificáveis. Tais espaços, bastante heterogêneos do ponto de vista funcional, sofreram transformações constantes, típicas de áreas não consolidadas, quase sempre excluídas dos projetos urbanos ou tratadas de forma homogênea nos planos.

Ocupando as franjas da cidade, esses territórios formaram-se a partir de diferentes frentes de expansão urbana que, em alguns casos, remontam ao período de demolição de muralhas defensivas quando se convertem em oportunidade para experiências de todo tipo, localizações de atividades como indústrias, hospitais, hospícios, etc. Porém, neles também vai se fixar a classe operária ou de baixa renda, em geral, em estruturas nucleares autônomas sem solução de continuidade em relação à cidade. Em contrapartida, no século XIX, também terão lugar os bairros projetados das classes de alta renda, desenhadas como bairros-jardins, uma forma de se apropriar dos limites naturais ainda visíveis das cidades. Outra frente de urbanização se deu a partir do desenvolvimento de novas tecnologias que permitiram construir pontes, túneis, retificações de vales fluviais, assim como dos transportes, para o escoamento da produção e consumo dos produtos, pensados como sistemas permanentes: ferrovias, bondes e rodovias, que se tornam vetores de ocupação linear desses territórios, costurando vilas, núcleos coloniais e, finalmente, consolidando cidades.

Com estas transformações é que se alcança a segunda metade do século XX, constituindo-se espaços entre fronteiras, com contornos e muitos dos usos urbanos (como indústrias, depósitos, centros comerciais e conjuntos habitacionais). É no seu desenho que o perímetro urbanizado pode perder sua lógica e coerência, para logo em seguida ganhar contornos definidos, alternando-se para outro interior compacto. Nessa descrição se detectam dois fenômenos parecidos, porém distintos: a suburbanização e a periurbanização. Em ambos, a habitação é a ocupação intersticial dominante. Aí se revelam territórios incompletos, identidades inconstantes, mas também tradições pouco conhecidas, o que muitas vezes implica uma visão redutora sobre os habitantes e os significados atribuídos por estes aos

remanescentes culturais, como se tais valores fossem apenas derivações de modos de vida “mais urbanos”, presentes nas áreas centrais das cidades.

Essa abordagem se aproxima do conceito de “periferia histórica”, em que os remanescentes permitem retrazar as formas de viver e morar em vários períodos, as transformações históricas nas tipologias de habitação e nas formas de uso do solo.

Contudo, suburbano e periurbano não podem ser vistos simplesmente como recortes ecológicos que moldam comportamentos humanos ou de grupos. Para o entendimento dos valores e modos de vida presentes nesses territórios é necessário considerar outras explicações, tais como as relacionadas às classes sociais e ao ciclo de vida. E são as contradições, mais do que as coerências internas que permitem explicá-los, já que estão sob um novo tipo de domínio político e social, onde o privado se impõe sobre o público e a heterogeneidade social se expressa através de espaços especializados.

Coordinador(es)

Maria Cristina da Silva Schicchi
Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil
crisschicchi@gmail.com

Milene Soto Suárez
Universidad de Oriente, Cuba
milenesotosuarez@gmail.com

Ponencias

Persistencia y transformación del trazado de la ciudad colonial en las urbanizaciones de la primera mitad del siglo XX cubano. Barrios obreros periféricos: Reparto Fomento, Vista Alegre y Terrazas en Santiago de Cuba
Dr. C. Arq. Roberto Rodríguez Valdés; Dra. C Arq. María Teresa Muñoz Rodríguez

Dois conjuntos ferroviários protegidos: valores múltiplos como referência à gestão patrimonial participativa
Milena Meira da Silva (UNESP); Alessandra Scavassa Oioli (UNESP); Evandro Nogueira Santana Júnior (USP); Eduardo Romero de Oliveira (UNESP)

El nacimiento de la periferia urbana global: el protagonismo de las ciudades iberoamericanas en el *Civitates Orbis Terrarum*

Eduardo Mosquera-Adell (Universidad de Sevilla, España); María Teresa Pérez-Cano (Universidad de Sevilla, España); Marta Marçal Correia dos Santos Gonçalves (Universidade do Algarve, Portugal); Maria Cristina da Silva Schicchi (PUC-Campinas – SP)

Os coletivos urbanos da Zona Leste de São Paulo e suas novas formas de apropriação do espaço urbano

Dra. Eneida de Almeida (USJT); Aline Lourenço Campanha (USJT); Beatriz Amanda Dias (USJT)

Projeto urbano como estratégia: perspectiva, teoria e prática do Projeto Urbano contemporâneo – o Projeto para Zorrozaurre (Bilbao) e 22@BCN (Barcelona)

Eunice Helena Sguizzardi Abascal (Profa. e pesquisadora do PPGAU FAU-UPM); Maria Isabel Camañes Guillen (Doutoranda PPGAU FAU-UPM)

MESA 62

Utopías urbanas en las Provincias Internas y el norte mexicano

Resumen

En el último cuarto del siglo XVIII, la Corona resolvió la creación de la Comandancia General de las Provincias Internas, denominación que recibieron los territorios más septentrionales del virreinato para, a partir de entonces, quedar retirados política y administrativamente de la Nueva España. Llegada la independencia y no mucho después las pérdidas territoriales, primero Texas y después California y Nuevo México, se formó una división o límite fronterizo entre dos territorios que aún hoy ostentan una herencia cultural común. Interesa discutir los paradigmas de poblamiento en estos territorios antes de su separación, en busca de comprender cómo se conciliaron o resolvieron las tensiones entre los ideales utópicos propios del pensamiento ilustrado frente al sentido utilitario y de eficacia característicos del Reformismo Borbónico. El paulatino poblamiento de estas regiones significó una de las experiencias más variadas de urbanización en modelos y escalas, en parte consecuencia del cuerpo legal y técnico que le dio su primer asiento y persistencia, con modificaciones en la era nacional, y en parte por anidar al pragmatismo lógico y peculiar de los colonos extranjeros que fueron trasgrediendo sus fronteras. La utopía, en su modalidad institucional –también residuo de ensoñaciones míticas refugiadas en la técnica–, permite hoy reflexionar y discutir cómo las normas se concretaron en los instrumentos de establecimiento, de la mano de concepciones particulares de la ciencia y la tecnología. La utopía, en este sentido, se vació a la exploración de volver posible lo ideal, y desplegó toda su creatividad.

Esta mesa invita a hacer contribuciones que abarquen lo mismo el periodo de la Comandancia de las Provincias Internas que el del México independiente, en busca de discutir la existencia o no de modelos urbanos que lleven a reflexionar en torno a la ciudad como utopía. Al tiempo, interesa verles como resultantes del pragmatismo de la época, legible en normas, instrucciones y otros instrumentos legales reguladores de la producción urbana, así como en las actuaciones de ingenieros militares, arquitectos y demás artífices de la ciudad. Son bienvenidos los estudios que realicen una lectura histórica de casos particulares, atendiendo a sus transformaciones al paso del tiempo, a partir de investigación documental y de campo.

Coordinador(es)

Diana Ramiro Esteban
Universidad Nacional Autónoma de México
ramiroed@hotmail.com

Alejandro González Milea
Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, México
alejandromilea@prodigy.net.mx

Ponencias

El poblamiento español en las doctrinas de colonización para el norte mexicano del siglo

Alejandro González Milea
Universidad Autónoma de Ciudad Juárez

Mixing Sacred and Profane: Hispanic-American Hybrid Town Planning in Tucson Arizona

R. Brooks Jeffery
The University of Arizona

Los apaches en la frontera, asentamientos y utopía
Luis Arnal Simón

Espacio y cambio social en las misiones de la Alta California
Catherine R. Ettinger McEnulty
Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México

El nuevo poblamiento en las provincias internas a la luz de la Instrucción de 1783

Diana Ramiro Esteban
Universidad Nacional Autónoma de México

MESA 63

Vivências urbanas: narrativas de encontros e desencontros na cidade

Resumen

Diz o poeta: “A cidade é grande. Tem 4 milhões de habitantes e tu és uma só. Em algum lugar estás a esta hora. Mas que esperança tenho: uma em quatro milhões...”.

O poema reafirma a cidade como lugar do acontecimento, lugar do encontro/desencontros, (im)possibilidades, lugar do Outro. Manter esse lugar vivo exige garantia incessante de que a experiência aconteça. Dai a pergunta: as cidades ainda são propícias ao encontro?

Acrescentamos à voz do poeta as palavras da filosofia: “A “doxa” e a ficção envolvem a cidade como lugar de suas existências apócrifas.” Para Anne Cauquelin, a doxa urbana se constitui em camadas de memórias não superpostas, mas dispostas como fina película, como a matéria da forma mutante que é a cidade. E afirma, “o vínculo que forma a identidade urbana e pelo qual os homens reconhecem sua natureza “política” escapa a qualquer análise do tipo “racional”, se estabelece no modo de comunicação simbólica, na qual sobre um fundo de memórias esparsas se move a lógica da opinião e do verossimilhante”.

Polis, política, polidez; urbs, urbano, urbanidade constituem os fundamentos do viver em cidades. São pressupostos que propiciam condições de encontros; a pluralidade de seus significados estrutura as experiências da sociabilidade que pressupõem a igualdade na diferença, ou seja, aceitar-se o convívio com a diferença como constituinte do espaço urbano, ainda que pensado como projeto ideal (utópico?). A confiança e a tolerância do que podemos chamar de condição instituinte do “lugar” ou habitat humano, não se traduz apenas e arquiteturas e urbanismo. A vivência urbana se funda na crença do direito à cidade, nos seus aspectos materiais, simbólicos e culturais e na suposição de sermos o que quisermos, sem discriminações em relação à nossa corporeidade e maneira de ser. Se é próprio de nossa condição humana vivenciar a experiência dos limites da cidade enquanto lugar propício a diferentes possibilidades de cooperação, como lugar de encontro, e de comunhão emocional, por que a sensação de desconforto, o desrespeito à diferença, a potencialidade viva da ameaça e da violência prevalece e nos espreita? Por que se impõem como obstáculo ao desafio da experiência da exterioridade que possibilita e enseja o desejo e o torna produtivo, nos joga na rua frente a frente ao inesperado do desejo do outro?

Onde delimitar a idealização de cidade? Como se dispõe a possibilidade plural de vivências urbanas?

Propomos nessa sessão verificar por meio de diferentes relatos encontros - desencontros, tangenciamentos, conflitos, ruídos e atritos que propiciam ou desfazem a sociabilidade. Algo acontece no circuito de sentimentos diversos, complexos e controversos expressos nos relatos que desvendam possibilidades para se medir o potencial de exclusão ou inclusão do viver em cidades.

Coordinador(es)

Robert Moses Pechman
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional IPURR-UFRJ, Ríó de Janeiro-Brasil
betuspechman@hotmail.com

Maria Stella Bresciani
Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade [CIEC]-IFCH-Unicamp-São Paulo, Brasil
sbrescia@lexxa.com.br

Ponencias

uem vem lá? Narrativas de encontros e desencontros na cidade
Robert Moses Pechman
IPPUR-Universidade Federal do Ríó de Janeiro, Brasil

Ciudad y Patrimonio. Entre las políticas patrimoniales y las instancias no “oficiales” de patrimonialización: el Día del Patrimonio en Uruguay
Ana María Sosa González
Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil/Universidad Federal de Pelotas, Brasil

Que fazer com estas marcas do passado urbano? Sobre os edifício modernistas devolutos
Carlos Fortuna
Faculdade de Economia, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

Do sedentarismo ao nomadismo: o veraneio como arquitetura dos encontros nos balneários do Atlântico Sul

Joana Carolina Schosler

Pós-doutorado em História pela UNICAMP, Brasil

A Cidade dos Afetos

Giovana Aparecida Zimmermann

Universidade Federal do Estado de Santa Catarina, Brasil